



# **O Plágio em Contexto Escolar: Estudo de caso numa escola do Ensino Secundário**

**Ana Isabel Lázaro Canadas Valadar**

*Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Bragança para obtenção do Grau de Mestre em TIC na Educação e Formação.*

Orientado por

**Manuel Florindo Alves Meirinhos**

**Bragança**

**2012**

## Agradecimentos

Depois de todo o trabalho realizado, é importante agradecer a algumas pessoas e instituições, sem as quais não teria sido possível concretizar este longo e árduo estudo, que nos acompanhou durante meses.

Importa agradecer à Escola Superior de Educação de Bragança, bem como ao Agrupamento de Escolas do distrito de Bragança, onde se realizou a investigação, que possibilitaram a realização deste trabalho. Além disso, destaca-se a disponibilidade e simpatia do orientador, Professor Doutor Manuel Meirinhos.

Devo também agradecer a todos os amigos que, de mais perto, seguiram o meu trabalho, me apoiaram e perderam por vezes o seu tempo ouvindo as minhas dúvidas, lendo os meus rascunhos ou dando sugestões. E não posso esquecer os alunos e professores que participaram na minha aventura.

E, por fim, tenho de agradecer profundamente à minha família, em especial ao Miro e ao Fábio, os meus amores, por todo o apoio, carinho, pois nunca permitiram que eu fraquejasse, mesmo nos piores momentos.

## Resumo

As tecnologias de informação (TIC) são as ferramentas chave da sociedade onde atualmente nos inserimos. Em contexto escolar a sua presença começa ser notável, embora muitas vezes se possa questionar os processos de utilização. A Internet, como qualquer tecnologia pode ser bem ou mal utilizada. A Informação utilizada por este meio, pode ser utilizada para a construção de conhecimento ou como recurso para práticas menos honestas e censuráveis, como é o caso da prática do plágio. Com o presente estudo pretendemos averiguar a prática do plágio em contexto escolar. Conhecer o nível de consciência dos alunos e professores relativamente à ilegalidade desta prática. Observar as causas e consequências do plágio. Aclarar formas de combate ao plágio e conhecer mais em pormenor as práticas do plágio no ensino secundário.

A investigação seguiu a metodologia de estudo de caso, recorrendo a um inquérito aos alunos do ensino secundário de um agrupamento de escolas do distrito de Bragança, na consulta de documentação e numa entrevista a 4 professores do Ensino Secundário. Através dos inquéritos e das entrevistas conseguimos analisar causas e consequências do plágio no ensino secundário, apuramos também a necessidade sentida pela escola, pelos professores e pelos alunos em se manterem ao corrente desta prática, tentando encontrar algumas formas de a combater.

Definimos os objetivos pretendidos para a nossa investigação. Acrescentámos a descrição da opção metodológica que nos levou a escolher o estudo de caso. Também contextualizámos o estudo, descrevendo a escola onde ele é levado a cabo. Descrevemos o estudo e clarificámos as técnicas e instrumentos usados na recolha e tratamento de dados.

## **Abstract**

The Information Technologies (IT) are key tools in the society where we currently operate. In the educational context their presence begins to be impressive, though often the processes of its use may be questionable. The Internet, just like any other technological tool, can be used positively or negatively. The information used by this means can be applied in the conception of knowledge or for a less honest and objectionable purpose, such as the practice of plagiarism. With the present study we intend, firstly, to carry out research on the practice of plagiarism in a school context. Secondly, we intend to acknowledge the level of awareness of students and teachers regarding the illegality of this practice. Thirdly, we shall observe the causes and consequences of plagiarism. And finally, we intend to clarify the ways of striving plagiarism and learn in detail about the practices of plagiarism in secondary schools.

The research followed the methodology of case study, using a survey of secondary school pupils of the group of schools of district Bragança, the reading of documentation was also used, as well as an interview with four teachers of Secondary Education. With the results of the surveys and interviews we were able, in the first place, to analyse the causes and consequences of plagiarism in secondary education; secondly, we have become aware of the need felt by the school board, by teachers and students to be updated about this practice, in order to find some ways to hinder it.

The intended goals for our research are set. A description of the methodological approach that led to the selection of the case study was also added. We contextualized and defined the study, and illustrated the school where it is carried out. In addition, we clarified the techniques and instruments used in collecting and processing data.

# Índice

|   |           |
|---|-----------|
| <b>ÍNDICE DE TABELAS.....</b>   | <b>8</b>  |
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>9</b>  |
| Contextualização da investigação .....  | 9         |
| Objetivos da investigação .....   | 10        |
| Estrutura da investigação.....  | 10        |
| <b>Capítulo 1 – Os Jovens e a Internet na Sociedade da Informação.....</b>                                    | <b>12</b> |
| 1.1- Sociedade da Informação e a escola.....  | 12        |
| 1.2- A importância da utilização das Tecnologias da Informação na construção do conhecimento.....             | 18        |
| <b>Capítulo 2 – O plágio e a legislação.....</b>  | <b>24</b> |
| 2.1- Origem do termo plágio .....   | 24        |
| 2.2- Diferentes tipos de plágio.....  | 26        |
| 2.2.1- Plágio intencional.....  | 26        |
| 2.2.2- Plágio acidental.....  | 26        |
| 2.2.3 - Plágio quanto ao modelo de cópia.....   | 27        |
| 2.3- Legislação e plágio .....  | 27        |
| 2.4- Legislação da União Europeia .....   | 28        |
| <b>Capítulo 3 – Causas do plágio no ensino secundário .....</b>   | <b>31</b> |
| 3.1- Perfil dos alunos plagiadores.....   | 31        |
| 3.2- A regulamentação na escola sobre a prática de plágio .....   | 35        |
| 3.3- Software existente para deteção de plágio .....  | 36        |
| <b>Capítulo 4 – Metodologia .....</b>   | <b>38</b> |
| 4.1- Definição dos objetivos .....  | 38        |
| 4.2- Opção metodológica .....   | 40        |
| 4.3- Instrumentos de recolha de informação .....  | 43        |
| 4.4- Descrição do estudo.....   | 46        |
| 4.4.1- O contexto da escola .....   | 47        |
| 4.4.2- Realização da investigação.....  | 49        |
| <b>Capítulo 5 - Apresentação e análise dos resultados .....</b>   | <b>54</b> |
| 5.1- Conhecer o nível de consciência dos alunos em relação à ilegalidade da prática de plágio. 58             |           |
| 5.2- Conhecer o nível de consciência dos professores em relação à prática de plágio por parte dos alunos..... | 61        |
| 5.3- Conhecer práticas de plágio no Ensino Secundário. ....   | 63        |
| 5.4- Analisar as causas e consequências do plágio no Ensino Secundário.....                                   | 67        |
| 5.5- Verificar as consequências derivadas da prática do plágio.....   | 78        |
| 5.6- Apurar formas de combate ao plágio em ambiente escolar. ....   | 80        |

|   |           |
|---|-----------|
| <b>CONCLUSÃO</b> .....                  | <b>87</b> |
| Limitações da investigação.....         | <b>90</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> ..... | <b>91</b> |
| <b>ANEXOS</b> .....                     | <b>96</b> |
| Anexo 1 .....                           | 96        |
| Anexo 2 .....                           | 108       |
| Anexo 3 .....                           | 109       |

### Índice de figuras

|  |    |
|--|----|
| Figura 1 – Ilustração do conhecimento sobre o plágio ..... | 37 |
|--|----|

### Índice de gráficos

|  |    |
|--|----|
| Gráfico1 – Género.....   | 54 |
| Gráfico 2 - Morada .....   | 55 |
| Gráfico 3 - Ano de escolaridade .....  | 55 |
| Gráfico 4 - Número de anos de retenção.....  | 56 |
| Gráfico 5 - Áreas de estudo.....   | 57 |
| Gráfico 6 - Internet em casa.....  | 57 |
| Gráfico 7 - Ouviste falar em plágio académico .....  | 58 |
| Gráfico 8 - Informação sobre o plágio .....  | 59 |
| Gráfico 9 - Definição do conceito de plágio.....   | 60 |
| Gráfico 10 - Frequência com que os professores verificam se os trabalhos são plagiados ..... | 62 |
| Gráfico 11 - Os professores deveriam preocupar-se mais com esta prática do plágio.....       | 63 |
| Gráfico 12 - Frequência com que recorrem ao plágio.....                                      | 64 |

|   |    |
|---|----|
| Gráfico 13 - Frequência com que os alunos copiam trabalhos já feitos na Internet .....  | 64 |
| Gráfico 14 - Frequência com que os alunos recorrem ao processo Copiar-Colar.....  | 65 |
| Gráfico 15 - Frequência com que os alunos compram trabalhos já feitos .....   | 65 |
| Gráfico 16 - Área que recorrem mais à prática do plágio .....   | 66 |
| Gráfico 17 - Preocupação por parte dos alunos com a fonte da informação recolhida.....  | 67 |
| Gráfico 18 - Pela facilidade que a Internet oferece para copiar informação.....   | 68 |
| Gráfico 19 - Por falta de tempo para escrever o trabalho .....  | 69 |
| Gráfico 20 - Porque os professores não se interessam pelo facto do trabalho estar copiado...69  |    |
| Gráfico 21 - Porque todos os colegas o fazem de forma natural .....   | 70 |
| Gráfico 22 - Porque costumo deixar os trabalhos para a última hora .....  | 70 |
| Gráfico 23 - Porque os professores não costumam fornecer regras para realizar os trabalhos  | 71 |
| Gráfico 24 - Porque não tenho grande capacidade de escrita .....  | 72 |
| Gráfico 25 - Porque os trabalhos são muito complicados de fazer.....  | 72 |
| Gráfico 26 - Porque tudo o que existe na Internet pode ser copiado livremente .....   | 73 |
| Gráfico 27 - Porque nos trabalhos copiados a classificação costuma ser melhor .....   | 73 |
| Gráfico 28 - Porque os professores não orientam na realização dos trabalhos.....  | 74 |
| Gráfico 29 - Porque se pode fazer um melhor trabalho com menos esforço .....  | 74 |
| Gráfico 30 - Porque os prazos para a realização dos trabalhos costuma ser curto.....  | 75 |
| Gráfico 31 - Porque a escola não nos informa das consequências do plágio .....  | 76 |
| Gráfico 32 - Pela facilidade que hoje existe de partilhar, copiar e colar informação .....  | 76 |
| Gráfico 33 - Porque domino muito bem a Internet e tecnologias associadas .....  | 77 |
| Gráfico 34 - Porque já o fazia no Ensino Básico .....   | 77 |
| Gráfico 35 - O plágio contribui para o aumento dos conhecimentos científicos dos alunos ...   | 78 |
| Gráfico 36 - O plágio é uma prática que deveria ser eliminada das escolas porque é desonesta .....  | 79 |
| Gráfico 37 - A prática do plágio ajuda a obter melhores classificações nas disciplinas .....  | 79 |
| Gráfico 38 - Os professores devem ensinar os alunos a consultar e organizar informação seja de que fonte for: Internet, pesquisa bibliográfica, comunicação social, etc. .... | 80 |
| Gráfico 39 - Conhecimento dos alunos sobre o software existente para a deteção do plágio..  | 81 |
| Gráfico 40 - Os trabalhos plagiados deveriam ser anulados .....   | 82 |
| Gráfico 41 - As escolas deveriam consciencializar toda a comunidade escolar sobre a problemática do plágio .....  | 82 |
| Gráfico 42 - O Ministério da Educação deveria tomar medidas para que o tema fosse debatido nas escolas.....   | 83 |

|  |    |
|--|----|
| Gráfico 43 - Os professores deveriam fornecer regras claras sobre a realização dos trabalhos | 84 |
| Gráfico 44 - Os professores deveriam acompanhar a realização dos trabalhos .....             | 84 |
| Gráfico 45 - Os alunos plagiadores deveriam chumbar na disciplina onde cometem plágio....    | 85 |

## **Índice de tabelas**

|   |    |
|---|----|
| Tabela 1 - Relação entre os objetivos e o número das questões ..... | 52 |
| Tabela 2 - Categorias da entrevista dos professores .....           | 53 |

## **Introdução**

A sociedade da informação tem-se caracterizado como por uma constante mudança suportada pelas novas tecnologias. Estas desempenham um papel fundamental no acesso, criação e difusão da informação.

A escola, enquanto instituição ligada à informação e ao conhecimento, não pode estar alheada dos fenómenos emergentes desta nova sociedade. É necessário que a escola reconheça que, num contexto mais amplo, não é apenas a sociedade que muda, mas também, num âmbito mais específico, os alunos desenvolvem novas estratégias de aceder e tratar e difundir a informação. Esta nova relação dos alunos com a informação, difundida pelas redes é nova para a escola e dela emergem alguns fenómenos, entre os quais o plágio académico.

É neste contexto que se encontra o nosso estudo, o qual procuraremos explicitar melhor, nesta introdução, através da contextualização, da apresentação dos objetivos e da descrição da estrutura da investigação.

### **Contextualização da investigação**

Atualmente a escola, os docentes e os alunos debatem-se com um enorme desafio relacionado com a prática do plágio em contexto escolar. A multimédia e as novas tecnologias são uma realidade inegável na nossa sociedade, e fazem parte da grande maioria de crianças e jovens. A imensa quantidade de informação, em formato digital, que é disponibilizada através da Internet, suscita nos jovens novos hábitos de trabalho e novas formas de lidar com essa informação de fácil acesso. A facilidade de trabalhar a informação digital é diferente de trabalhar com a informação em suporte papel. Tanto professores como alunos devem estar conscientes das ocorrências que podem emergir dessa facilidade, como a prática do plágio.

Com o presente estudo pretendemos averiguar se os alunos do ensino secundário recorrem ou não à prática do plágio no seu percurso escolar. Pretendemos também conhecer se de facto eles têm consciência da ilegalidade desta prática. Contudo iremos demonstrar quais as causas e as consequências da prática do plágio. Vamos aclarar algumas das possíveis formas de combate ao plágio.

Parece-nos, portanto, deveras importante que toda a comunidade escolar se consciencialize que esta prática do plágio com recurso à Internet está cada vez mais enraizada nos nossos alunos, pois fazem desta uma prática usual e comum.

## **Objetivos da investigação**

No âmbito da temática do nosso trabalho sobre a prática do plágio em contexto escolar no ensino secundário, tivemos necessidade de elaborar um conjunto de objetivos que nos permitissem direcionar e orientar o nosso trabalho de pesquisa e investigação, mas apesar de estarem definidos separadamente, estes estão interrelacionados dependendo uns dos outros.

Assim, pretendendo-se com esta investigação conhecer a informação que os professores e os alunos do ensino secundário têm sobre a prática de plágio, para um melhor esclarecimento procurou-se responder aos objetivos do estudo a seguir listados:

- Conhecer o nível de consciências dos alunos em relação à ilegalidade da prática de plágio.
- Conhecer o nível de consciências dos professores em relação à prática de plágio por parte dos alunos.
- Conhecer práticas de plágio no Ensino Secundário.
- Analisar as causas e consequências do plágio no Ensino Secundário.
- Apurar formas de combate ao plágio em ambiente escolar.

Foram estes cinco objetivos gerais que orientaram a nossa investigação e que descrevemos, mais pormenorizadamente, na metodologia do trabalho.

## **Estrutura da investigação**

O presente trabalho é constituído por seis partes complementares.

Na introdução é feita a contextualização da investigação, são apresentados os objetivos da investigação, assim como a estrutura da investigação.

No primeiro capítulo fazemos uma abordagem ao tema, as crianças e a Internet na Sociedade da Informação. Começamos por retratar a sociedade da informação, demonstrando os seus desafios para a educação. Expusemos a importância da utilização das Tecnologias da Informação na construção do conhecimento dos jovens.

No segundo capítulo, o plágio e a legislação, fizemos uma abordagem à origem do termo plágio. Descrevemos os diferentes tipos de plágio, se este é praticado de forma intencional ou acidental e contextualizamos a plágio na legislação.

No terceiro capítulo, centramo-nos no assunto o plágio no ensino secundário, fizemos uma caracterização do perfil dos alunos plagiadores. Tentamos identificar a existência ou não de regulamentação na escola sobre a prática de plágio. Apresentamos ainda diferentes tipos de software existente para deteção de plágio.

No quarto capítulo, referimo-nos à metodologia, onde apresentamos os objetivos da investigação e as opções metodológicas. Indicam-se as técnicas de recolha de dados e descrevem-se os instrumentos. Neste capítulo descrevemos ainda o estudo, apresentando o contexto da escola onde se realizou a investigação e fizemos uma breve explicitação da realização da investigação.

No quinto capítulo, expusemos a apresentação e análise de dados. Procedemos à apresentação dos dados graficamente fazendo a sua análise e tendo como principal referência os objetivos gerais e específicos que delineámos para este trabalho.

Por último, respeitante à conclusão, procedeu-se às considerações e reflexões, às limitações da investigação.

Terminamos com as referências bibliográficas e, em anexo, os instrumentos que utilizamos no nosso estudo.

# Capítulo 1 – Os Jovens e a Internet na Sociedade da Informação

## 1.1- Sociedade da Informação e a escola

A Sociedade da Informação, também conhecida por Sociedade do Conhecimento surge em consequência do nascimento da tão falada sociedade da Globalização. Esta sociedade tem-se caracterizado como estando em constante mudança impulsionada pelas novas tecnologias e onde a informação se transformou cada vez mais num meio de criação de conhecimento.

As transformações socorridas a nível de suportes de informação, velocidade de criação e circulação da informação, facilidade de acesso a essa mesma informação suscitam o repensar de uma série de atitudes que suportam decisões e determinam, em certa medida, vida forma como nos relacionamos com a informação e o conhecimento.

Ao longo dos tempos, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), conseguiram transformar os nossos hábitos, tornando-se imprescindível na nossa vida tanto pessoal como profissional, conseguindo muita da nossa atenção. Segundo Junior (2007) *O computador e a Internet, enquanto ferramentas de informação, foram sem dúvida as tecnologias que tiveram aceitação mais rápida e que continuam a ser implementadas e aperfeiçoadas a cada dia, penetrando em todas as esferas sociais* (p.25).

Nos últimos 20 anos, as tecnologias de informação foram responsáveis por uma profunda reorganização do modo como as pessoas vivem, comunicam e aprendem. Estas alterações têm permitido o aparecimento de novas práticas e hábitos associados com as novas gerações. O impacto do uso intensivo de tecnologias de informação e comunicação, bem como a maior oferta de serviços e informação a que se assiste, provoca naturalmente uma modificação na vida das novas gerações.

O facto é que a utilização das TIC tem transformado profundamente a forma como as pessoas vivem, como aprendem, trabalham, ocupam os tempos livres e interagem, tanto nas relações pessoais como profissionais.

Segundo Galanter (1984):

(...)hoje estamos no limiar de uma nova idade da alfabetização – alfabetização computacional –, cujas exigências em matéria escolar, já e no futuro imediato, podem muito bem ultrapassar as do passado. As necessidades dos educandos perante este novo tipo de instrução crescem constantemente e as nossas escolas, o

agente central de tal crescimento, vão naturalmente receber dele uma nova vitalidade, requerem uma reordenação das forças intelectuais (p. 89).

Enquanto seres sociais, os seres humanos procuram constantemente interagir com outros, nas mais diversas ocasiões. Esta realidade também se aplica ao mundo da Internet, tanto mais que esta permite que as pessoas comuniquem umas com as outras de qualquer parte do mundo.

Seja lá qual for o nome que se dê, era digital, cibercultura, sociedade de informação ou sociedade em rede, o facto é que no nosso tempo a interatividade é desafio não só para os jovens, mas para todos os agentes do processo de comunicação.

Segundo Penzias (1992), *na verdade, a tecnologia tem vindo rapidamente a tornar quase irrelevantes as barreiras impostas pela distância. Hoje as barreiras físicas são, de longe, muito menos significativas do que as barreiras lógicas que separam as fontes dos utilizadores de dados* (p.151).

Atualmente a Internet é um fenómeno marcante nas sociedades desenvolvidas, estando a modificar a forma professores e alunos lidam com a informação. Hoje, não parece haver dúvidas que o futuro da aprendizagem escolar ou académica passará significativamente pela Internet e tecnologias associadas.

A par de todas as possibilidades e benefícios da utilização das TIC, nomeadamente no acesso ao conhecimento, na colaboração entre pessoas e organizações, na inclusão social e na criação de riqueza, é necessário assegurar, como para qualquer outro meio de interação, mecanismos e estratégias apropriados para minimização de eventuais abusos ou ilegalidades que ocorram com a utilização destas tecnologias.

Os jovens cresceram rodeados de tecnologias de comunicação, como a Internet ou os telemóveis. É verdade que atualmente a tecnologia faz parte da vida das pessoas de grupos etários muito variados, mas um jovem de 16 anos que esteja agora no ensino secundário constitui um exemplo do que Prensky (2001) designa de nativo digital, por oposição às pessoas que não foram tão precocemente expostas a tecnologias como a Internet, e que, por isso, tendem a fazer um uso menos instintivo da tecnologia.

A Internet, tal como qualquer outra tecnologia criada pelo Homem, pode ser bem ou mal utilizada. Milhões de utilizadores de todas as idades usam diariamente esta ferramenta. Apesar de ser um meio versátil e uma fonte de inesgotáveis recursos, apresenta alguns perigos associados, decorrentes de uma utilização menos correta. Qualquer cidadão deverá estar consciente desses perigos, a fim de se proteger da melhor forma e educar os mais jovens a fazer o mesmo. Ao desenvolver certas atitudes e hábitos de utilização da informação da

Internet, poderá desfrutar com maior segurança das inúmeras vantagens que a Internet lhe permite.

Previsivelmente, a mudança que ocorreu na Internet, em termos tecnológicos, com o aparecimento das ferramentas de Web 2.0 está também associada a mudanças psicológicas importantes, nas pessoas que as usam. Os alunos que pertencem à Geração Net têm sido expostos às tecnologias digitais em praticamente todas as facetas das suas vidas, o que influenciou a forma como estabelecem relações interpessoais, e o modo como perspetivam o mundo (Tapscott,1997). De acordo com Prensky (2001), estes jovens desenvolveram particularmente a capacidade para realizar diversas tarefas em simultâneo, e habituaram-se a esperar interações rápidas e eficazes através dos seus canais de comunicação (Tapscott, 1997; Prensky, 2001).

Tapscott (1997) propôs que o primeiro grupo de seres humanos que cresceu num mundo com Internet apresenta globalmente alguns traços distintivos. Embora, uma vez mais, não se possam prever características pessoais a partir de aspetos geracionais, o impacto do ambiente tecnológico na Geração Net manifesta-se, segundo este autor, pela maior prevalência neste grupo geracional de comportamentos e atitudes como:

- Capacidade para desempenhar diversas tarefas em simultâneo.
- Preferência marcada para a construção ativa de conhecimento, e reduzida tolerância a ambientes “instrutivos”.
- Baixa tolerância a atrasos na comunicação.
- À-vontade em ambientes interativos, em que devem assumir o papel de atores, e não apenas de espectadores.

Oblinger e Oblinger (2005) refletem sobre a divergência, que muitos educadores têm vindo a constatar, entre a naturalidade com que os jovens usam a tecnologia e as dificuldades que têm em julgar a qualidade da informação que obtêm a partir de serviços de pesquisa como o Google – competência muitas vezes designada como capacidade de descobrir informação ou detetar informação crítica. Referem que, ainda que estes jovens possam ser digitais nativos, isso não significa que eles compreendam a forma como o uso da tecnologia afeta a sua literacia e os seus hábitos de aprendizagem – dissociando o processo do próprio conteúdo. Os mesmos autores acrescentam ainda que seria um erro tentar motivar os jovens da Geração Net com base apenas em artifícios tecnológicos apelativos, em vez de se por a ênfase no desenvolvimento da sua literacia e das suas competências de raciocínio crítico.

Já referia Campos (1994) que, *a utilização da tecnologia informática em todas as áreas do currículo virá a ter um forte impacto nas intenções e objetivos curriculares, nas estratégias de ensino e no ambiente de*

*aprendizagem* (p.13). A verdade é que esse impacto ainda não se tem evidenciado com muito sucesso nas nossas escolas. Houve sim um grande avanço e uso das TIC na sociedade mas, ainda há muito para fazer para as implementar com mais sucesso em contexto de aprendizagem escolar.

Aceita-se, hoje, que a escola não pode recuar perante as descobertas técnicas, ela tem que aceitar a sua presença dentro e fora dos seus muros. Esta deve pensar nos problemas atuais e adaptar-se a esta sociedade de avanços tecnológicos. Pois, segundo Ponte (1986), *O conhecimento, tal como a sociedade, está em permanente evolução. O professor tem de estar constantemente a aprender e a renovar-se. Professores e alunos passam a ser companheiros de um processo de aprendizagem.* (p. 107). As novas tecnologias são um destes avanços que, ao serem “introduzidas” nas atividades escolares, podem contribuir para uma reflexão sobre a influência que exercem no pensamento dos jovens. Contudo, a utilização destas na escola, embora esteja já difundida, muitas vezes, e ainda hoje alguns dos professores utilizam-nas apenas no estrito serviço de documentação.

Os meios de comunicação, ao serem introduzidos nas atividades letivas, devem abarcar essencialmente os conhecimentos relevantes que os alunos têm que adquirir para interpretar o mundo onde têm que viver.

Para que isso comece a acontecer nas escolas, é indispensável que a formação aborde a temática das TIC e fenómenos associados.

Sendo a escola considerada como o local privilegiado de aprendizagem e de desenvolvimento do espírito crítico dos alunos sobre os mais variados aspetos da nossa sociedade, é lógico que se considere como indispensável, uma formação bastante ampla dos professores tocando os aspetos que em cada momento preocupam a nossa sociedade. Por isso, entende-se que as novas tecnologias devam ser objeto de estudo durante a formação inicial de professores e terem a atenção devida na formação contínua, proporcionando aos professores uma visão crítica das mesmas, de forma a adquirirem competências para tratar o uso correto das novas tecnologias com os alunos de uma forma segura, demonstrando-lhes os seus benefícios mas também os possíveis perigos, que com o seu mau uso muitas vezes daí possam advir. O jovem é por natureza curioso, esta curiosidade natural é de certa forma satisfeita por parte dos que o rodeiam. O universo das novas tecnologias permite esse tipo de interação imediata, pois por exemplo no caso da Internet, e através dela e da sua utilização, eles sentem que têm um mundo aos seus pés, tudo ali é possível, por isso o seu uso os deslumbra, muitas vezes sem calcularem os perigos que possam estar a correr. Assim, ao integrar-se as TIC no processo educativo, será possível por parte dos alunos a obtenção de respostas e muitas vezes questionar de forma crítica os assuntos apresentados.

Hoje em dia, a tecnologia na educação estendeu-se a novas modalidades de formação e comunicação através de redes informáticas, a utilização de computadores no ensino aprendizagem está cada vez mais patente, daí que os alunos sintam cada vez mais necessidade que a escola e os professores os acompanhem nesta nova era informática.

O grande desafio que se coloca é como aproveitar o potencial destas tecnologias de comunicação no contexto escolar.

A utilização das novas tecnologias da informação e comunicação na escola não é um fenómeno recente. Também não tem sido um problema fácil nem um tema pacífico, na medida em que exige uma mudança de práticas e mentalidades.

Para Ramiro Marques (2001), *A escola deve educá-los para que eles estejam preparados para exercer ocupações típicas de sociedades tecnologicamente desenvolvidas, dando-lhes ao mesmo tempo, as capacidades para continuarem a estudar e a aprender* (p. 37).

Então teremos que pensar em educar para o novo mundo, onde as descobertas digitais definem os limites do saber e aprender. Neste novo paradigma que nos é proposto, só tem capacidade de optar, participar, trabalhar, aqueles que têm informação, ou acesso disponibilizado a ela.

Os softwares educativos, bem como a Internet, podem ser utilizados com diversas finalidades, de forma a proporcionar a construção do conhecimento, possibilitam a informação de conteúdos, a aplicação de jogos para favorecer a aprendizagem de modo mais divertido, podem ser repetidos quantas vezes for necessário para uma melhor compreensão dos conceitos que se pretendem transmitir.

Em relação ao computador, uma das suas grandes vantagens é a interatividade e a capacidade de ser utilizado como uma ferramenta para facilitar a aprendizagem individualizada, uma vez que ele só executa o que lhe é solicitado. Uma das outras vantagens do computador, é a possibilidade de representar e experimentar novos conceitos criando a possibilidade de um mundo abstrato e simbólico, criando interação entre as pessoas. Esta interação desenvolve a racionalidade técnico-operacional e lógico-formal e amplia a compreensão dos aspetos sócio afetivos e tornam evidentes fatores pedagógicos, sociológicos e epistemológicos.

O uso das redes como uma nova forma de interação no processo educativo, amplia a ação de comunicação entre o aluno e o professor e o intercâmbio educacional e cultural, desta forma, o ato de educar (com a ajuda da Internet), proporciona a quebra de barreiras, de fronteiras e remove o isolamento da sala de aula, acelerando a autonomia da aprendizagem dos

alunos ao seu próprio ritmo, assim a educação pode assumir um carácter coletivo e tornar-se acessível a todos.

A introdução das novas tecnologias não diminui em nada a importância do professor. Sendo assim, não se pode colocar o professor e o computador em dois pontos extremos, mas sim fazer com que a combinação dos dois permita um aumento das potencialidades de ambos. Tal como refere João Ponte (1986), *O conhecimento, tal como a sociedade, está em permanente evolução. O professor tem de estar constantemente a aprender e a renovar-se. Professores e alunos passam a ser companheiros de um processo de aprendizagem* (p. 107).

Muitas experiências de utilização da Internet no contexto escolar falham porque os professores restringem a atividade dos alunos a critérios extremamente estruturados, o que faz com que estas sejam, para os alunos, uma experiência de “escrita por obrigação”, que eles abandonarão assim que a sua avaliação final esteja concluída. Neste contexto, o papel do professor deverá ser o de facilitar a aprendizagem e a experimentação dos alunos, dando-lhes algum espaço de liberdade.

Atualmente as novas tecnologias não são só uma concorrente na transmissão de conhecimentos da escola, mas uma prática social que é necessário ter em consideração.

Segundo Lévy (1987) *A utilização multiforme dos computadores no ensino estende-se à escola e à casa, na formação profissional e contínua* (p. 26 e 27).

Assim, se partimos de uma filosofia que tem como um dos seus princípios básicos a inclusão natural de todos os indivíduos numa sociedade, não podemos deixar de recusar que, sistematicamente, determinadas parcelas dessa sociedade sejam privadas dos avanços tecnológicos e das alterações das formas de conviver, de brincar, de trabalhar, de aprender e de ensinar, de viajar, de comunicar, etc., que vão alterando profundamente a nossa forma de viver, tornando vulgar e acessível o que até há pouco era do domínio técnico e restrito a determinados grupos profissionais. Esses meios tecnológicos que individualizam e simultaneamente generalizam, possibilitando o relacionamento do particular com o geral, numa atitude tão sistemática que chega necessariamente às atitudes e aos valores das pessoas, podem no entanto, não passar para o dia-a-dia de determinados grupos sociais, que pelas suas características dependem inicialmente da força política, social e também do saber profissional de quem os rodeia e que poderão constituir-se, como as grandes resistências às várias possibilidades de acesso a uma nova maneira de viver e conviver.

## **1.2- A importância da utilização das Tecnologias da Informação na construção do conhecimento**

A Internet veio provocar verdadeira revolução na organização no mundo da informação e do conhecimento. O acesso aberto à informação é cada vez mais uma realidade. Surgiu um conceito que veio revolucionar a difusão da informação, falamos pois do termo “open access”, "Acesso Livre" (ou “Acesso Aberto”). Significa a disponibilização livre, na Internet, de literatura de carácter académico ou científico (em particular os artigos de revistas científicas com revisão pelos pares), permitindo a qualquer utilizador ler, descarregar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou referenciar o texto integral dos documentos.

Por outro lado, com a emergência recente de fenómenos como os Blogues ou os Wikis, e redes sociais, os jovens passam a dispor de um meio que lhes permite a expressão fácil. A Internet passou a ser um espaço mais descentralizado, em que os indivíduos podem facilmente aceder, e de forma colaborativa, editar e transformar a informação.

Surge então o interesse em contextualizar a escola na sociedade da informação, e à forma como toda a comunidade escolar reage relativamente à inserção das novas tecnologias na educação. Atualmente, professores e alunos podem utilizar ativamente as novas tecnologias, no contexto ensino aprendizagem. Estas assumem-se, hoje, como importantes instrumentos que tornam mais atrativo e motivador o processo de ensino aprendizagem, conduzindo ao crescimento e edificação da personalidade humana.

O facto é que as ferramentas de Web Social, como os Blogues ou os Wikis, redes sociais, podem ser integrados em ambientes presenciais e virtuais de aprendizagem. No entanto, a sua utilização em contextos mistos, de Blended-Learning, em que os alunos podem interagir de diversas maneiras com outros alunos, professores e a comunidade em geral, é aquela que tem tido mais aceitação junto dos educadores. Neste tipo de modelo, os alunos podem ser autores criativos de conteúdos, produzindo e manipulando imagens de vídeo (disponibilizando-as depois em serviços como o YouTube), usando palavras-chave (Tags) para criar taxonomias que tornam mais fácil e eficaz a procura de informação em Blogues, ou participando dinâmica e coletivamente na construção de espaços Wiki. É também possível, com o uso de ferramentas como estas, ir de encontro às expectativas dos estudantes da Geração Net, no que respeita a facilidade de acesso a informação e à abertura e flexibilidade dos conteúdos (Oblinger e Oblinger, 2005; Tapscott, 1997).

Nos dias de hoje, a introdução das tecnologias, principalmente do computador e da Internet, desperta expectativas demasiado otimistas como por exemplo um maior sucesso escolar, tornar o ensino mais motivador e o trabalho menos repetitivo.

A implementação das novas tecnologias na educação é indispensável porque é uma forma de aproximar o contexto escolar à sociedade global, onde as tecnologias se vão expandindo cada vez mais.

As tecnologias devem orientar as práticas docentes não se limitando apenas a uma melhoria do ensino dito tradicional ou a uma simples utilização dos instrumentos informáticos, mas sim utilizar esses meios para dinamizar e motivar todos os intervenientes e melhorar o processo de ensino aprendizagem.

Na educação, as tecnologias assumem um papel fulcral, pois podem proporcionar novos saberes na formação de alunos participativos, com espírito crítico e com uma conduta cooperativa. Nesta linha de pensamento, as tecnologias, permitem novos contactos com outras escolas e instituições, interação fácil entre professores e alunos e entre alunos, aceder facilmente à informação e, em consequência, possibilitam expandir a escola para além dos próprios muros

A escola não tem como função única a transmissão de saberes, tem também responsabilidades na promoção do desenvolvimento psicossocial e moral, na valorização do ensino e aprendizagem e na construção do conhecimento.

A educação sustentada pelo uso das novas tecnologias tornou-se cada vez mais uma prática educativa, ou seja, de interação pedagógica, em que os objetivos, os conteúdos e os resultados obtidos se identificam com aqueles que constituem, nos diversos tempos e espaços, a educação como projeto e processo humanos, histórica e politicamente definidos na cultura de diferentes sociedades.

Segundo Ramiro Marques (2001) *A escola deve educá-los para que eles estejam preparados para exercer ocupações típicas de sociedades tecnologicamente desenvolvidas, dando-lhes ao mesmo tempo, as capacidades para continuarem a estudar e a aprender* (p. 37).

As tecnologias estão a tornar-se, de forma crescente, importantes instrumentos da nossa cultura e na nossa sociedade, fazendo da sua utilização um meio concreto de inclusão e interação com o mundo. Neste sentido, podem ser um instrumento de grande utilidade numa construção do conhecimento, vez que facilitam uma aprendizagem construtiva e novos modelos de ensinar e aprender.

A integração das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no processo de ensino aprendizagem promove novas formas de aprender, de ensinar e de pensar. Uma vez que há

fortes razões para se esperar que os alunos que cresceram com tecnologias como a Internet (e mais recentemente com a Web 2.0), apresentem formas de se expressar e de pensar distintas em relação às gerações precedentes.

A acessibilidade às novas tecnologias é fundamental, pois o seu papel é deveras importante na sua utilização como recurso pedagógico, uma vez que criou novas valências e novas perspectivas na eterna procura de soluções, que visam potencializar a interação do indivíduo com o meio e possibilitar-lhe o acesso a funções compatíveis com as suas competências tornando-o um cidadão pleno com direitos e deveres.

Embora a educação resulte da comunicação de informações e conhecimentos, do estímulo ao desenvolvimento de habilidades e atitudes, constituem o que denominamos ensino, implica também a apropriação, por parte dos sujeitos, das informações e conhecimentos comunicados, das habilidades e atitudes estimuladas, apropriação denominada aprendizagem. Além disto, a educação envolve processos pessoais e sociais de relação entre os professores e os alunos.

Ao longo do tempo, a forma de ensinar e aprender tem mudado. Esta mudança deve-se principalmente ao uso das novas tecnologias na educação.

De facto, a Internet exerce um papel cada vez mais importante em diversas áreas, nas quais se inclui, obviamente, a educação. A possibilidade de acesso a uma quantidade quase ilimitada de informação e de interação entre pessoas faz com que o leque de ferramentas de ensino aprendizagem à disposição de docentes e alunos cresça de uma forma abrupta. No entanto, para que essas ferramentas possam estar disponíveis a todos, independentemente do seu grau de conhecimento ou limitação física e/ou cognitiva, é imprescindível que seja acessível a todos e que permita a participação de todos os alunos, proporcionando, assim, oportunidades iguais.

A educação informatizada oferece à comunidade educativa uma educação acessível, flexível e de qualidade que atende às suas necessidades e expectativas. Promove o crescimento pessoal dos alunos e provoca mudanças tanto a nível familiar como profissional e social.

Segundo Villate (2005) (...) *cada ano os nossos alunos estão mais motivados para as tecnologias informáticas e menos motivados para os métodos tradicionais de ensino. Para conseguir cumprir a nossa missão de formar os alunos, temos a obrigação de adaptar os nossos métodos de ensino às novas tecnologias* (p. 39).

A “distância” física professor-aluno, a presença física do professor, da pessoa com quem o aluno vai dialogar não é necessária e indispensável. Ela pode dar-se de outra forma, “virtualmente”. Com um estudo individualizado e independente, reconhece-se a capacidade do aluno em construir o seu conhecimento, de se tornar autor de suas práticas e reflexões.

O processo de ensino aprendizagem mediatizado deve oferecer suportes e estruturar um sistema que viabilize e incentive a autonomia dos alunos no processo de construção do conhecimento.

O uso de tecnologias permitem romper as barreiras da distância, da dificuldade de acesso à educação e dos problemas de aprendizagem por parte dos alunos que estudam individualmente, mas não isolados e sozinhos. Oferecem possibilidades de se estimular e motivar o aluno, de armazenar e divulgar dados, acesso às informações mais distantes e com rapidez.

A utilização de pesquisas na Internet no ensino é cada vez mais importante nos dias de hoje. Um aluno motivado tornar-se sujeito da sua própria aprendizagem, ao aplicar o que apreende consegue autoavaliar-se, deve receber, através do processo, um suporte pedagógico, administrativo, cognitivo e afetivo, através da integração dos meios e da comunicação bidirecional. No entanto, a Internet que oferece recursos e oportunidades de aprendizagem excepcionais, contém também muita informação que pode não ser útil nem fiável. Dado que qualquer pessoa pode colocar comentários ou informações na internet, os alunos têm de desenvolver competências de pensamento crítico, para avaliarem informação que encontram online.

Para Durkheim e Skinner (...) *a criança é um ser que é preciso modelar, integrar por diferentes formas de coação, numa dada organização social* (p.43).

Esta abordagem não dá importância à atividade do sujeito, nem à condição de recepção das mensagens. Segundo Durkheim (citado por Lazar,1987), *o social coage sobre os indivíduos e influencia-os, mas não reconhece as interações inter-individuais, nem as componentes psicológicas dentro do processo de socialização* (Lazar,1987, p.32).

A socialização das crianças/alunos realiza-se com a interação dos mesmos com o seu meio. Durante este processo, vários mecanismos interferem e formarão os diferentes indivíduos que irão constituir a futura sociedade, sendo um deles e cada vez mais a utilização das novas tecnologias.

Segundo Piaget, (...) *a socialização da criança não é uma evolução passiva, deixada ao encargo da família, da escola, das diferentes instituições, mas em parte ela compreende a participação ativa da criança. O meio que a rodeia impõe-lhe a sua realidade, mas ela constrói o seu terreno e o seu campo de representação.* (cit. por Lazar, 1987) (p. 38).

Para Lazar (1987), reside numa certa intenção de outrem, no sentido de uma dependência acompanhado da técnica da comunicação. Ao crescer, a criança pouco a pouco afasta-se da coação familiar e atribui uma maior importância ao “peer-group”.

Todas as crianças/alunos são em simultâneo, pessoas independentes, membros de uma classe social, a família, de uma categoria social de idade e de sexo.

No processo de socialização intervêm três fatores: as crianças, os educadores e o mundo exterior. As novas tecnologias, em especial a Internet, são consideradas meios de socialização.

No passado, a família era a fonte de transmissão de todos os conhecimentos. Depois surgiu a escola como outro lugar de transmissão social. Com o aparecimento das novas tecnologias a complexidade da socialização aumentou ainda mais.

Para Lazar (1987), a aprendizagem das condutas culturais está ligada a um progresso na disposição da criança em tornar-se atenta às mensagens de outrem e a levá-la a partilhar os seus próprios sentimentos ou invenções, ou seja, tudo se centra nos progressos da comunicação.

Constata-se hoje, que os jovens de todo o mundo passam a maior parte dos seus tempos livres diante de um ecrã de computador, confirmando assim a influência deste na sua vida quotidiana. Existe uma grande semelhança dos resultados nos diversos países, quer isto dizer que as condições económicas não são determinantes, mas antes os (...) *horizontes culturais e as "opções" comportamentais que se colocam às pessoas (e as condicionam) na sociedade atual* (Bandeira, 1998, p.25).

Quando observamos a facilidade com que as crianças e jovens manipulam as novas tecnologias, ficamos, na maior parte dos casos, impressionados pela forma como elas se sentem fascinadas, pela sedução e poder quase hipnótico que a sua utilização exerce sobre as suas mentes.

Cada vez mais as Tecnologias surgem e identificam-se como uma ferramenta dinamizadora para uma pedagogia de sucesso, porém estas não substituem o professor, mas sim, são mais um meio de chegar a cada aluno em particular.

Convém salientar que, o uso das TIC não soluciona os problemas educacionais, no entanto, elas devem ser encaradas como ferramentas capazes de modelar e alargar o processo de ensino aprendizagem. Compete a este processo ser o mais participado possível, onde deverá ser o aluno, com a ajuda necessária construir o seu próprio saber. Esse processo deverá compreender atividades que sejam motivadoras para o aluno, deverá ainda recorrer ao uso de recursos que tornem possível essa tarefa. De forma a que, leve o aluno a pesquisar, a explorar novos ambientes, a interagir, despertando-lhes sempre o paradigma interacionista e construtivista.

Os alunos de hoje têm uma grande vivência, rica e sociável transmitida pelo uso da Internet. Será pertinente encarar as TIC como uma área transversal presente em todo o processo formativo, tendo como principal objetivo incluir o aluno nas demais tarefas.

Muitas questões surgem, nos interessam e intrigam sobre a relação e a forma como os jovens utilizam as novas tecnologias e às consequências que daí possam advir. Todo este tema e tudo o que o rodeia considera-se bastante atual, na medida em que se tem gerado muita polémica em relação aos benefícios e às consequências que a sua utilização possa ter junto da chamada Geração Net. A utilização destas assume-se hoje como um importante instrumento que torna mais complexo todo o processo de crescimento e edificação da personalidade humana.

O uso das tecnologias de Web 2.0 no ensino pode servir para promover a autonomia dos alunos, as suas capacidades para trabalharem de forma colaborativa e a eficácia pedagógica do processo de ensino-aprendizagem. Mas a simples utilização de novas tecnologias em atividades de sala de aula tradicionais não produz, por si só, resultados positivos na aprendizagem dos alunos, sendo necessário adaptar as práticas educativas às potencialidades oferecidas pelas novas ferramentas, criando novas dinâmicas de interação social e de colaboração. É nossa convicção que às ferramentas inovadoras que emergem no momento, tem de necessariamente se associar também estratégias inovadoras no processo de ensino-aprendizagem: só dessa forma, se poderá estar à altura dos desafios que a educação da Geração Net exige.

Pois para um aluno da Geração Net, a sala de aula centrada na transmissão de saberes estará cada vez mais chata, os alunos estarão cada vez mais desinteressados nesse modelo tradicional de ensino.

A atualidade caracteriza-se cada vez mais pela chamada: era digital, a sociedade em rede, a sociedade de informação, a cibercultura.

## Capítulo 2 – O plágio e a legislação

### 2.1- Origem do termo plágio

O plágio é uma prática que existe há muito tempo. Com a utilização crescente da Internet e da facilidade em copiar e colar tem merecido destaque e preocupação no meio escolar. Entende-se por plágio a utilização de uma obra de outrem, ou parte dela, assumindo-a como sua.

Segundo Ernesto Hartmann (2006),

A reprodução integral de uma propriedade intelectual e ou artística é denominada plágio. A palavra plágio teve origem no grego plágios, que significa oblíquo, assinar ou apresentar como seu (obra artística ou científica de outrem), imitar (trabalho alheio). Esta definição necessariamente convoca os conceitos de autenticidade e originalidade.<sup>1</sup>

Independente da forma que apresenta, o plágio é uma prática ilegal que fere os direitos de autor ou de quem é realmente o criador da obra.

Segundo a enciclopédia livre Wikipédia,

O plágio é o ato de assinar ou apresentar uma obra intelectual de qualquer natureza (texto, música, obra pictórica, fotografia, obra audiovisual, etc.) contendo partes de uma obra que pertença a outra pessoa sem colocar os créditos para o autor original. No ato de plágio, o plagiador apropria-se indevidamente da obra intelectual de outra pessoa, assumindo a autoria da mesma.

A origem etimológica da palavra demonstra a conotação de má intenção no ato de plagiar; o termo tem origem do latim plagiare que significa oblíquo, indireto, astucioso. O plágio é considerado antiético (ou mesmo imoral) em várias culturas, e é qualificado como crime de violação de direito autoral em vários países.

Plágio não é a mesma coisa que paródia. Na paródia, há uma intenção clara de homenagem, crítica ou de sátira, não existe a intenção de enganar o leitor ou o espectador quanto à identidade do autor da obra.

Para evitar acusação de plágio quando se utilizar parte de uma obra intelectual na criação de uma nova obra, recomenda-se colocar sempre créditos completos para o autor, seguindo as normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), especialmente no caso de trabalhos acadêmicos onde normalmente se utiliza a citação bibliográfica (s/p).<sup>2</sup>

O significado desta palavra teve sempre um sentido pejorativo e depreciativo. Atualmente se fizermos uma busca nos dicionários, associa plágio a atos moralmente condenáveis, como o roubo literário ou científico (Dicionário, 2008)

---

<sup>1</sup> Retirado in : <http://www.confrariadovento.com/revista/numero8/ensaio03.htm>

<sup>2</sup> Retirado in: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pl%C3%A1gio>

Segundo Shneider (1990),

Originalmente, a palavra plágio e o verbo plagiar designavam o crime de quem transviava os filhos dos outros, aliciava os seus escravos ou deles se apropriava, a venda de uma pessoa por quem dela não dispunha. Foi só mais tarde que passou a designar a apropriação por outro – e a apresentação como próprios – de fragmentos de livros ou pensamentos escritos. A palavra deriva do baixo latim *plagium*, que por sua vez, seria uma deformação grega, plágios (oblíquo, trapaceiro) (p. 129).

Plagiar, diz o Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora, é *apresentar como seu aquilo que copiou ou imitou de obras alheias*. Plagiar é um verbo que muitos alunos portugueses conjugam à frente do computador, recorrendo a motores de busca da Internet e usando apenas três teclas: "Ctrl" e "C" para copiar e "Ctrl" e "V" para colar no trabalho que se vai apresentar ao professor. "Copiar e colar"<sup>3</sup>

O Plágio é uma atitude individual ou coletiva de apropriação do conhecimento alheio. O Plágio é, por isso, uma questão de *legitimidade dos direitos morais do autor* (Morais: s/d) e normalmente associado à produção intelectual e ao seu resultado.

Contudo, não poderemos esquecer que o próprio plágio configura várias formas, desde a cópia integral ao texto reescrito mantendo as mesmas ideias, mas tem sempre uma característica comum que é omitir referências e fontes. (Sureda e Comas, 2011).

No atual estado de desenvolvimento da Sociedade de Informação, o plágio está cada vez mais ligado à Internet. Poderá assim falar-se em “Ciberplágio” que consistirá,

(...) no uso das TIC (principalmente e os recursos a ela associados – sobretudo o WWW – para o plágio (total ou parcial de trabalhos académicos por parte dos alunos. Isto é, a localização, adoção e apresentação de ideias, teorias, hipóteses, resultados, textos, etc. alheios como próprios em qualquer trabalho académico. (Comas e Sureda, 2007)<sup>4</sup>

O plágio atual, sobretudo o académico, dispõe de novas formas, meios e facilidades e por essa razão as *repercussões e profundidade são novas e parecem mais perigosas do que foram no passado*. (Comas e Sureda, 2007)<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Retirado in: Jornal Público, 2008-01-27

<sup>4</sup> Retirado in: <http://www.cibersociedad.net/textos/articulo.php?art=121>

<sup>5</sup> Retirado in: <http://www.cibersociedad.net/textos/articulo.php?art=121>

## **2.2- Diferentes tipos de plágio**

Existem dois modelos de plágio que abordaremos nesta secção, como o plágio intencional e o plágio acidental. Numa outra vertente de classificação alguns autores falam de plágio integral, parcial e conceptual.

### **2.2.1- Plágio intencional**

Podemos considerar plágio intencional, quando nos é apresentado como próprio qualquer tipo de trabalho académico e não só, com conteúdo literalmente copiado ou reescrito sem a devida indicação do autor original (citação) e identificação completa do documento consultado (referência) configura plágio.

Plagiar é uma atitude desonesta e censurável que pode envolver prejuízo aos sujeitos envolvidos (pelo menos três pessoas: o autor, o leitor e o redator) e à instituição de ensino na qual ocorre.

### **2.2.2- Plágio acidental**

Nem sempre o plágio é intencional. Pode ocorrer por descaso ou desconhecimento técnico, ou seja, incompetência metodológica em relação à elaboração de citações diretas, indiretas (paráfrases ou resumos) e sobre a importância da identificação das fontes de informação (referências). Embora, nestas circunstâncias plágio possa ter a atenuante da involuntariedade, continua a ser caracterizado como: “Foi sem querer” ou “eu não sabia”, podem servir como explicação, mas não negam nem justificam o facto em si. Além disso, é obrigação ou pelo menos deveria ser, o aluno universitário saber escrever cientificamente.

A Internet pode vir a ser um excelente recurso de pesquisa científica devido à facilitação de acesso à informação e compartilhamento de conhecimento. Entretanto, devido justamente a estas facilidades, facilidades de encontrar tudo, todas as novidades, as informações, tudo o que se possa imaginar, encontramos na Internet, mas também há muita informação publicada sem valor académico, simplesmente porque qualquer pessoa pode publicar na Internet o que quiser, sem controlo de qualidade editorial, contribuindo para incrementar o chamado lixo informativo. Por esta razão, no contexto académico atual, não basta estar consciente das práticas do plágio. É também necessário estar consciente da credibilidade da fonte informativa.

### 2.2.3 - Plágio quanto ao modelo de cópia

Numa outra vertente mas não menos importante podemos delinear também três diferentes tipos de plágio:

**Plágio integral** - entende-se por plágio integral, quando é feita uma transcrição total de um texto sem ser referida a fonte.

**Plágio parcial** – entende-se por plágio parcial, quando é feita a cópia de algumas frases ou parágrafos de fontes diferentes, para dificultar a sua identificação.

**Plágio conceitual** – entende-se por plágio conceitual, quando existe uma apropriação de um ou vários conceitos, ou de uma teoria, que o autor apresenta como seu sem de facto o ser.

## 2.3- Legislação e plágio

Com vista a proteger os direitos de autor na era digital, os países necessitaram de atualizar a sua legislação relativamente a estes direitos. Estas medidas devem permitir que os trabalhos protegidos não sejam copiados e disponibilizados na Internet sem a respetiva permissão do seu autor.

Cabe ao autor o direito exclusivo de utilizar, fruir e dispor da obra literária, artística ou científica, dependendo de autorização prévia e expressa do mesmo, para que a obra seja utilizada, por quaisquer modalidades, dentre elas a reprodução parcial ou integral.

Se considerarmos que plágio é um roubo de pensamentos, ideias, opiniões, palavras, frases, factos, dados, resultados, números e trabalho de outros, sem que o autor seja mencionado, no nosso país isso é crime, e como tal é punido, ou deveria ser.

Um plagiador é um homem que a todo o custo quer ser um autor e não tendo nem génio nem talento, copia não só frases, mas também páginas e passagens inteiras de outros autores e tem a má fé de não os citar; ou aquele que com pequenas mudanças e adição de pequenas frases apresenta a produção dos outros como algo que fosse imaginado ou inventado por ele próprio; ou ainda aquele que reclama para ele a honra da descoberta feita por outro. (segundo Randall, que menciona o conceito de plagiador da enciclopédia de Diderot, do século XVI)<sup>6</sup>

Relativamente à legislação portuguesa sobre os Direitos de Autor, lei que se aplica também a prática de plágio é, *Decreto-Lei n.º 63/85, de 14 de Março, retificado por Declaração de Retificação de*

---

<sup>6</sup> Citado por Carlos Fatorelli in: <http://carlosfatorelli27013.blogspot.pt/2012/02/o-plagio-e-o-plagiador.html>

30 de Abril de 1985 - *Aprova o Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (disposições criminais nos artigos 195.º a 203.º, 218.º e 219.º e 224.º a 226.º)*

Esta foi alterada e regulamentada por: *Lei n.º 16/2008, de 1 de Abril - Transpõe para a ordem jurídica interna a Diretiva n.º 2004/48/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 29 de Abril, relativa ao respeito dos direitos de propriedade intelectual (...) (altera os artigos 180.º, 185.º, 187.º, 201.º, 205.º, 206.º, 209.º e 211.º / adita os artigos 210.º-A a 210.º-L, 211.º-A e 211.º-B / republicação)*<sup>7</sup>

A legislação sobre o plágio define-se como nos é indicado no Artigo 1.º,

1 — Consideram-se obras as criações intelectuais do domínio literário, científico e artístico, por qualquer modo exteriorizadas, que, como tais, são protegidas nos termos deste Código, incluindo -se nessa proteção os direitos dos respetivos autores.

2 — As ideias, os processos, os sistemas, os métodos operacionais, os conceitos, os princípios ou as descobertas não são, por si só e enquanto tais, protegidos nos termos deste Código.

3 — Para os efeitos do disposto neste Código, a obra é independente da sua divulgação, publicação, utilização ou exploração. (Lei n.º 16/2008, de 1 de Abril)

Portugal dispõe de um gabinete que presta apoio e esclarece sobre os direitos de autor. O Gabinete do Direito de Autor é um serviço de apoio técnico do Ministério da Cultura no domínio do direito de autor e dos direitos conexos. Através do seu site disponibiliza informação, sempre atualizada, no que respeita ao Direito de Autor e Direitos Conexos a nível interno, comunitário e internacional; informações sobre congressos e seminários, e disponibilizada elenco de entidades de Gestão Coletiva e Associações. Site do GDA: <http://www.gda.pt/><sup>8</sup>

## 2.4- Legislação da União Europeia

Na União Europeia definem-se certos objetivos, como a promoção do progresso económico e social equilibrado e sustentável, com a criação de um espaço sem fronteiras internas, o reforço da coesão económica e social e o estabelecimento da união económica e monetária. Reforçam-se as políticas comuns e destaca-se a defesa dos direitos e dos interesses dos nacionais dos estados membros, com a institucionalização de uma cidadania da União.

<sup>7</sup> Retirado in: <http://www.dgpj.mj.pt/sections/leis-da-justica/livro-iv-leis-criminais/leis-criminais/legislacao-penal-avulsa/direito-de-autor-e>

<sup>8</sup> Retirado in: <http://www.apel.pt/pageview.aspx?pageid=90&langid=1>

Todos estes objetivos respeitam o princípio da subsidiariedade. A harmonização das políticas e das legislações, a nível da União Europeia, contribuirá para a prossecução do mercado interno; para a livre circulação de pessoas, capitais, serviços e mercadorias; para a livre prestação de serviços; para a liberdade de concorrência, para a igualdade ou não discriminação e, finalmente, para a solidariedade entre os povos. A Comissão Europeia, de modo a cumprir os objetivos da União, instituiu dois objetivos. Por um lado, preconizou a transformação do direito de autor em matéria de competência comunitária. Por outro, estabeleceu um nível de proteção muito mais elevado (Ascensão, 2008 a) e (Vicente, 2008).

Num primeiro tempo, a relação da Comunidade Europeia com o direito de autor não se processou da melhor forma, tanto mais que este domínio podia constituir um obstáculo aos princípios comunitários da livre concorrência. O Tribunal de Justiça das Comunidades Europeias desempenhou aqui um papel muito importante, numa tentativa de conciliar as partes. Num segundo tempo, a Comunidade Europeia encara de outro modo o direito de autor, procedendo a algumas alterações, nomeadamente ao nível do reforço da proteção, com vista à harmonização (Ascensão, 2008 a).

A grande medida, no seio da Comunidade Europeia, consistiu na diretiva sobre programas de computadores, que podem ser protegidos como obras literárias. Mais tarde, interveio noutros domínios, como o aluguer e o comodato e certos direitos conexos, a radiodifusão por satélite e retransmissão por cabo, o prazo de proteção, as bases de dados, o direito de sequência, a tutela dos direitos de propriedade intelectual e a gestão coletiva dos direitos de autor. Todas estas diretivas implementadas seguem as grandes linhas de orientação da Convenção de Berna e dos Tratados da Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI) (Ascensão, 2008 b) e necessitam de serem transpostas para as ordens jurídicas internas dos estados membros, no sentido de proceder à política de harmonização da União Europeia.

No sentido da política comunitária de harmonização das legislações, enunciamos as principais diretivas comunitárias:

- Comunidade Económica Europeia (1986). Diretiva 87/54/CEE do Conselho de 16 de Dezembro de 1986, alusiva à proteção jurídica das topografias de produtos semicondutores, importantes para o desenvolvimento industrial da Comunidade;
- Comunidade Económica Europeia (1991). Diretiva 91/250/CE do Conselho de 14 de Maio de 1991, relativa à proteção jurídica dos programas de computador;

- Comunidade Europeia (1992). Diretiva 92/100/CEE do Conselho de 19 de Novembro de 1992, referente ao direito de aluguer, ao direito de comodato e a certos direitos conexos aos direitos de autor em matéria de propriedade intelectual;
- Comunidade Europeia (1993a). Diretiva 93/83/CEE do Conselho de 27 de Setembro de 1993, relativa à coordenação de determinadas disposições em matéria de direito de autor e direitos conexos aplicáveis à radiodifusão por satélite e à retransmissão por cabo;
- Comunidade Europeia (1993b). Diretiva 93/98/CEE do Conselho de 29 de Outubro de 1993, alusiva à harmonização do prazo de proteção dos direitos de autor e de certos direitos conexos;
- União Europeia (1996). Diretiva 96/9/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho de Março de 1996, relativa às bases de dados;
- União Europeia (2000). Diretiva 2000/31/CE do Parlamento Europeu e do Conselho, relativa a certos aspetos legais da sociedade de informação, em especial do comércio eletrónico, no mercado interno;
- União Europeia (2001a). Diretiva 2001/29/CE do Parlamento Europeu e do Conselho de 22 de Maio de 2001, respeitante à harmonização de certos aspetos do direito de autor e dos direitos conexos na sociedade de informação;
- União Europeia (2001b). Diretiva 2001/84/CE do Parlamento Europeu e do Conselho de 27 de Setembro de 2001, referente ao direito de sequência em benefício do autor de uma obra de arte original que seja objeto de alienações sucessivas;
- União Europeia (2002). Diretiva 2002/58/CE do Parlamento Europeu e do Conselho, de 12 de Julho de 2002, relativa ao tratamento de dados pessoais e à proteção da privacidade no sector das comunicações eletrónicas;
- União Europeia (2004). Diretiva 2004/48/CE do Parlamento Europeu e do Conselho, de 30 de Abril de 2004, referente ao respeito dos direitos de propriedade intelectual;
- União Europeia (2006a). Diretiva 2006/115/CE do Parlamento Europeu e do Conselho, de 12 de Dezembro de 2006, relativa ao direito de aluguer, ao direito de comodato e a certos direitos conexos ao direito de autor em matéria de propriedade intelectual;
- União Europeia (2006b). Diretiva 2006/116/CE do Parlamento Europeu e do Conselho, de 12 de Dezembro de 2006, relativa ao prazo de proteção do direito de autor e de certos direitos conexos, revogando a Diretiva 93/98/CEE.

Como vimos, da parte dos países da União Europeia existiu o reconhecimento da importância do direito de autor.

## Capítulo 3 – Causas do plágio no ensino secundário

### 3.1- Perfil dos alunos plagiadores

Cristina Ponte, Coordenadora do EU Kids Online Portugal alerta para o aumento de utilização da Internet por crianças e jovens na realização de trabalhos escolares, sobretudo com o objetivo de plagiar. Segundo Cristina Ponte (2010), *As crianças vão à Internet fazer pesquisa para o trabalho escolar e muitas vezes essa pesquisa é um plágio*. Para a investigadora, muitos estudantes pensam que fazer uma pesquisa é *escrever o tema no google, ver o que aparece, fazer a impressão e entregar na escola, desconhecendo muitas vezes que estão a fazer um plágio*. *Muitas crianças pensam que fazer pesquisa é ir à Internet, está aqui, corta, cola, imprime e já está*, disse a investigadora, chamando a atenção para os *efeitos negativos na qualidade do conhecimento que se adquire*.<sup>9</sup>

A investigadora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa considerou que os pais devem intervir, perguntando aos filhos como estão a fazer o trabalho. Cristina Ponte disse também que os professores na escola *devem contrariar este método*.<sup>10</sup>

Para Tito Morais *a insensibilização para o plágio começa desde cedo. Muitas vezes ainda no pré-escolar. Por exemplo, na pesquisa de imagens para ilustrar trabalhos escolares*. (Morais, 2008)<sup>11</sup> E acrescenta algo que é indiscutível: os alunos estão cada vez mais, por vezes exclusivamente, dependentes da Internet como única ferramenta de pesquisa. O facto, em si mesmo, não é o problema. Esse está na educação e nos hábitos de utilização que os alunos adquirem na utilização das novas tecnologias e, aí sim, reside o problema e se torna necessário que a escola reflita.

A verdade é que os alunos praticam o plágio porque é fácil e cómodo, basta muitas vezes ir à Internet e procurar o que pretendem no motor de busca. Em alguns casos os professores também são permissivos com essa situação pela forma como observam os trabalhos que solicitam aos alunos.

Segundo alguns investigadores, podem apontar-se vários comportamentos dos professores que concorrem para a prática do plágio por parte dos seus alunos: (...) *a leviana ou escassa supervisão dos trabalhos solicitados aos alunos; a fraca clareza das instruções dadas quando se solicitam os*

---

<sup>9</sup> Cristina Ponte in: <http://expresso.sapo.pt/internet-jovens-confundem-pesquisa-com-plagio=f562506>

<sup>10</sup> Cristina Ponte in: <http://expresso.sapo.pt/internet-jovens-confundem-pesquisa-com-plagio=f562506>

<sup>11</sup> Tito Morais in: <http://www.miudossegurosna.net/artigos/2008-05-16.html>

*trabalhos; a descoordenação com os outros professores do curso; o tipo e número de trabalhos que se pedem aos alunos e a sua própria ingenuidade* (Sureda, Comas e Morey, 2009)<sup>12</sup>

A coordenadora do EU Kids Online Portugal, projeto que desde 2006 faz pesquisas a nível europeu sobre os usos da Internet, telemóvel e outras tecnologias em linha por parte das crianças, sublinhou que os pais portugueses *não têm ideia de tudo o que as crianças fazem na Internet*. Acrescenta ainda que, *Os pais portugueses veem com muito entusiasmo o acesso dos filhos à Internet, porque consideram a Internet como meio de aprendizagem. Mas não têm ideia, até porque são pouco utilizadores, de tudo o que as crianças fazem na Internet*.<sup>13</sup>

Segundo Cristina Ponte (2010), *os pais dizem que os filhos utilizam a Internet para a preparação dos trabalhos da escola e para a comunicação com os colegas, mas quando se pergunta a uma criança o que faz com a Internet, vê-se que tem muito mais atividades*<sup>14</sup> do que as enumeradas pelos pais.

A EU Kids Online está atualmente a desenvolver uma investigação em 25 países europeus, entre os quais Portugal, sobre o uso de tecnologias digitais, experiências e preocupações sobre risco e segurança online dos filhos por parte dos pais. Entre as preocupações sobre a utilização das novas tecnologias encontra-se a prática do plágio pelas crianças e jovens.

O fenómeno do plágio nos trabalhos académicos existiu desde sempre, mas tem vindo a aumentar a necessidade de estudar este fenómeno à medida que as crianças incrementam a utilização da Internet na realização dos trabalhos escolares. Este fenómeno latente, poderá ainda não estar muito consciente nos responsáveis pelas instituições dos vários níveis de ensino devido e responsáveis pela política educativa. A maior parte dos estudos feitos neste campo, enquadram-se na temática do ensino superior, onde os efeitos práticos do plágio poderão ser mais visíveis e ter mais consequências.

O Plágio no ensino não superior é uma prática que deve ser refletida, pois para além de ser moralmente condenável, pode desenvolver o hábito, assente na impunidade, de o praticar mais tarde.

Identificam-se na bibliografia várias razões que justificam o recurso ao plágio, como a obtenção de prestígio e boas avaliações, a falta de tempo para fazer o trabalho, deixar andar e fazer na última hora e obtenção de prémios. Esta prática pode também estar associada ao desconhecimento ou falta de informação dos alunos sobre regras de elaboração de trabalhos.

Os alunos são confrontados com a necessidade de desenvolverem trabalhos individuais ou de grupo ao longo das suas aprendizagens e dispõem hoje de uma ferramenta que lhes dá

---

<sup>12</sup> Retirado in: <http://www.rieoei.org/rie50a10.htm>

<sup>13</sup> Cristina Ponte in <http://expresso.sapo.pt/internet-jovens-confundem-pesquisa-com-plagio=f562506>

<sup>14</sup> Cristina Ponte in <http://expresso.sapo.pt/internet-jovens-confundem-pesquisa-com-plagio=f562506>

quase tudo para cumprirem aquela exigência académica, a Internet e os inúmeros espaços de informação que aí se encontram, para não falar já das inúmeras ofertas, incluindo pagas, de trabalhos já prontos a entregar, incluem-se ou não no âmbito do conceito de plágio.

Desde cedo que nas escolas se solicitam trabalhos aos alunos (grupo ou individuais), muitas vezes sem preocupação das regras de conceção. A maior parte das vezes, apenas é sugerido o tema. Muitos alunos poderão optar pelo mais fácil: colocam o tema num motor de busca (geralmente o Google), vêem o que aparece, copiam, colam, imprimem e entregam o trabalho. Normalmente nem têm a preocupação de verificar a credibilidade da informação, de seleccionar o que mais interessa. A maioria dos alunos “esquece” de fazer referências bibliográficas ou citações mencionando a fonte e o autor, geralmente não o fazem ou porque não sabem ou porque não o querem fazer para que as suas cópias não sejam descobertas tão facilmente. Por fim, ainda se enaltecem por terem boa classificação no trabalho, que foi tão fácil de fazer para eles, pois foi só “roubar ideias de alguém”.

Os professores devem ensinar os alunos a consultar e organizar informação seja de que fonte for: Internet, pesquisa bibliográfica, comunicação social, etc. É óbvio que não é fácil trabalhar as informações recolhidas, por isso, "Copiar" será o mais fácil. Deste modo o professor deve ensinar a utilizar estes recursos, a refletir sobre a origem da fonte e como enquadrar a informação no plano de trabalho que se delineou. É pois uma aprendizagem que se deveria ir fazendo ao longo da escolaridade: diferenciar fontes, utilidade da informação recolhida, trabalhar a informação, enquadrá-la no plano de trabalho, previamente delineado, citar fontes, indicação da bibliografia consultada, etc.

Esta será uma forma de combater o plágio académico, mas poderão utilizar-se outros métodos, como por exemplo, incentivar e premiar os alunos a incluírem nas suas pesquisas para trabalhos escolares a utilização de outras fontes de informação para além da Internet.

Um maior uso da internet está associado a níveis mais elevados de educação, pelo que será de esperar que os progressos educativos venham a aumentar o grau de utilização e de sofisticação no seu uso. No entanto, devem ser combatidas as lacunas na provisão de TIC e a sua presença insuficiente ou desatualizada nas escolas. Do mesmo modo, a educação para os média deve ser reconhecida e trabalhada como um elemento central da estrutura e dos currículos escolares ( EU Kids Online, 2006-2009)<sup>15</sup>

No ensino superior, algumas instituições, utilizam ferramentas de deteção de plágio, quer de conteúdos disponíveis na Internet, quer de trabalhos de colegas da mesma ou de outras instituições. Os próprios alunos o poderão utilizar antes de entregarem os trabalhos.

---

<sup>15</sup> Retirado in: <http://www.fcsh.unl.pt/eukidsonline>

Se se persistir em continuar a fingir que a prática de plágio não existe, corremos o risco de os alunos terem cada vez mais dificuldade em expressar a sua forma de pensar, de interpretar, de investigar, e na sociedade em que vivemos, temos cada vez mais de desenvolver espírito crítico, autónomo e empreendedor. Se se continuar com a cabeça debaixo da areia, fingindo que o plágio não existe, não estaremos, certamente, a contribuir para aumentar o nível de literacia, e a fomentar a capacidade mental e o desenvolvimento da capacidade de pensar de forma estruturada e a responder às exigências desta nova sociedade com cidadãos autónomos e ativos.

A prática do plágio poderá conduzir a falhas básicas em termos de literacia de informação: não definir com clareza o que se procura, não recorrer a fontes diversificadas, não utilização de estratégias adequadas para localizar informação, não saber selecionar a informação mais pertinente em função do objetivo final, não relacionar a informação com os conhecimentos que já se possui, para produzir ideias novas.

Mesmo que muitos professores incentivem os alunos a pesquisarem, tendo em consideração as fontes e os autores dos trabalhos, a verdade é que as noções de ética não adquirirão relevância e por isso mesmo acabam por não vencer o facilitismo de escolher e copiar aquilo que os outros se esforçaram para desenvolver.

No entanto, atualmente a grande maioria das situações de plágio estão associadas ao uso incorreto da informação que a Internet oferece e podem identificar-se quatro razões que conduzem os alunos a esta situação:

*1-Tentar obter melhores classificações e resultados académicos; 2- Preguiça e má gestão do tempo dedicado ao estudo e elaboração dos trabalhos; 3- Facilidade e comodidade de acesso a material via Internet; 4- Desconhecimento das normas básicas a seguir para a elaboração de um trabalho académico (Dordoy in Comas e Sureda: 2007)<sup>16</sup>*

Um aluno plagiador é prejudicado quando entrega um trabalho com plágio, uma vez que confia no conteúdo apresentado como sendo mérito seu e não de quem o escreveu, sabendo que isto não é verdade. Com esta atitude o aluno além de prejudicar o autor do trabalho, prejudica-se também a si mesmo, uma vez que deixa de desenvolver a prática de escrita e desenvolver a capacidade de fazer análise, e sínteses, necessárias para o pensamento lógico e estruturado. A capacidade de ler, analisar e sintetizar ideias de vários autores para depois articular esses conteúdos num novo texto próprio, é uma capacidade importante para o desenvolvimento da competência crítica e deveria ser valorizada no meio escolar.

---

<sup>16</sup> Citado por A. Dordoy in: <http://www.cibersociedad.net/textos/articulo.php?art=121>

### **3.2- A regulamentação na escola sobre a prática de plágio**

O plágio com recurso à Internet parece ser um problema emergente nas escolas portuguesas. No entanto, estas parecem ainda não ter “acordado” para esta realidade, uma vez que em praticamente nenhuma existe nada regulamentado para a prática do plágio.

Fazendo uma investigação dos regulamentos internos das escolas, e para conseguirmos obter informações sobre a sua regulamentação relativa à prática de plágio, pesquisamos um número considerável de diferentes agrupamentos de escolas ao nível do país. Para esta recolha de regulamentos internos dos agrupamentos, consultamos as páginas online de cada agrupamento de escolas. Posteriormente, e depois de se fazer uma análise pormenorizada dos regulamentos internos, pode-se concluir que em nenhum dos agrupamentos de escolas é mencionado nada relativamente à prática de plágio. Não existe qualquer tipo de regulamentação referente a esta prática. O que nos leva a refletir que ainda há muito trabalho a ser desenvolvido pelas escolas relativamente a esta prática, que cada vez está mais enraizada no mundo estudantil.

Mediante o panorama que nos surge, urge tomar medidas por parte das escolas para tentar travar esta prática de plágio ou até quem sabe eliminá-la na sua totalidade, uma vez que não é favorável nem a alunos, nem a professores e nem às instituições.

Cabe às escolas alertar a comunidade estudantil sobre os “possíveis” problemas que advém da prática do plágio, ou seja, estas deveriam fazer sessões de esclarecimento sobre esta prática e prevenindo os alunos que esta prática é considerada um crime que viola os direitos de autor.

O Plágio na escola é um comportamento que deveria ser rejeitado e punido, pois todo o aluno que plagia obtém prestígio e boas avaliações a partir de trabalhos e ideias de outrem.

Se continuarmos a fingir que não existe plágio, que os alunos sabem pensar, interpretar, investigar, que têm espírito crítico, autónomo e empreendedor, não estamos certamente a ajudá-los e a prepará-los para o futuro. Se se continuar a não punir quem plagia e a fomentar esse ato. Não estaremos, certamente, a contribuir para o aumento do nível de literacia, e a fomentar a capacidade mental e os pensamentos estruturados de cidadãos ativos, para responder às exigências desta nova sociedade que vive em busca de inovação de pesquisas e de tecnologia.

### **3.3- Software existente para detecção de plágio**

Atualmente existe uma grande variedade de métodos e ferramentas para identificar se os trabalhos ou textos são copiados da Internet. Uma das mais simples é escrever uma frase, ou parte dela e colocá-la num motor de busca de busca.

Embora tenham sido desenvolvidos vários softwares para detetar o plágio, entre os mais conhecido podemos referir: Copy Tracker (Software Open Source desenvolvido por estudantes da escola de Lile em parceria com a Universidade de Genebra); Approbo (software desenvolvido em Espanha); Agente de Busca de Similares (Software desenvolvido por um professor catedrático brasileiro).

Para além dos métodos ferramentas ou softwares, existem também alguns truques que poderão ser utilizados pelos professores, para prevenir a prática de plágio: Fazer perguntas que necessitem de um elevado nível de pensamento e para as quais seja difícil encontrar resposta pronta; Ensinar os alunos a analisarem e subdividirem as perguntas; Pedir os projetos dos trabalhos e os guiões de pesquisa; Dar melhores notas a quem cumprir o ponto anterior; Exigir indicação da bibliografia ou fonte de recolha; Fazer trabalhos ocasionais nas aulas como se fossem testes para conhecer o estilo de escrita de cada aluno; Discutir o assunto plágio e propriedade intelectual em contexto sala de aula, clarificando todos os aspetos negativos que envolvem a sua prática.

Existem já sítios na Internet vocacionados para a detecção de plágio, algumas Universidades Portuguesas subscrevem já os seus serviços para utilização pelos seus docentes.

Por outro lado, existe também software comercial, alguns a preços muito acessíveis, que cumprem função semelhante. Existe também mais de uma dezena de programas gratuitos que satisfazem a mesma função.

Confrontamo-nos com um grande desafio, o de incentivar os alunos a usarem este tipo de software para detetarem eventuais problemas de plágio, antes de este ser detetados pelos seus professores.

Existem já vários programas informáticos para detetar plágios, mas é um tema que ainda está no seu início e com alguns em fase de projeto não completamente desenvolvido.

Nesta lista nem todos os programas estão atualizados ou trabalham da mesma forma no reconhecimento de termos ou estão adaptados ao idioma português:

Plágio de textos: Serviços online:

Turnitin - <http://www.turnitin.com/static/plagiarism.html>  
Plagiarism.org. <http://www.plagiarism.org>.  
- Glatt Self-Detection Test - <http://www.plagiarism.com/self.detect.htm>  
iThenticate - [www.ithenticate.com](http://www.ithenticate.com)  
Approbo - <http://approbo.citilab.eu/> (espanhol e gratuito!)

#### Plágio de textos – Software:

ephorus [www.ephorus.pt/](http://www.ephorus.pt/) (integrável em sistemas LMS, já em Portugal - ver vídeo RTP)

Safe Assign: [www.mydropbox.com/](http://www.mydropbox.com/) (oferecido a quem usa a plataforma Blackboard)

JPlag: [www.jplag.de/](http://www.jplag.de/) (gratuito a docentes)

Essay Verification Engine - [www.canexus.com/eve](http://www.canexus.com/eve)

WCopyfind - [www.plagiarism.phys.virginia.edu/Wsoftware.html](http://www.plagiarism.phys.virginia.edu/Wsoftware.html)

DOC Cop - [www.doccop.com](http://www.doccop.com)

Etblast - <http://invention.swmed.edu/etblast>

Ferret - <http://homepages.feis.herts.ac.uk/~pdgroup/>

Farejador de plágio: [www.farejadordeplagio.com.br](http://www.farejadordeplagio.com.br) (brasileiro e com exemplo)



Figura 1 – Ilustração do conhecimento sobre o plágio<sup>17</sup>

<sup>17</sup> Retirado em <http://bibliotequices.blogspot.com/2009/08/plagios-e-fraudes-sites-e-software.html>

## Capítulo 4 – Metodologia

O meu intento não é ensinar aqui o método que cada qual deve seguir para bem conduzir a sua razão, mas somente mostrar de que maneira procurei conduzir a minha.

Descartes

Neste capítulo, que está organizado em cinco secções, são apresentados aspetos relativos à metodologia adotada no estudo, no que se refere à definição dos objetivos, à opção metodológica, aos instrumentos de recolha de informação, à descrição do estudo e finalmente à apresentação e análise dos resultados.

Quanto ao termo metodologia, este refere-se à descrição, análise dos procedimentos e técnicas específicas para a recolha e estudo de dados, às suas potencialidades e limites, bem como aos pressupostos subjacentes à sua aplicação. O método segundo Gil (1995) é o *caminho para se chegar a um determinado fim* (p. 55). Neste contexto a metodologia é a organização crítica das práticas de uma investigação, que se desenrola, desde a formulação das questões iniciais até às conclusões fiáveis e consonantes com os propósitos iniciais.

Para o investigador, o problema de investigação reveste-se de uma grande importância, já que surge de uma preocupação, de um interesse, de uma curiosidade e torna-se o motor, o ponto de partida para todo o processo de investigação (Fortin, 2003).

Durante o processo de investigação é necessário ter aspetos éticos em consideração, nomeadamente na qualidade dos procedimentos, do início ao fim da pesquisa, na escolha da técnica a utilizar, na pertinência e validade dos resultados para o desenvolvimento do conhecimento, assim como na obrigação de divulgar os resultados.

### 4.1- Definição dos objetivos

Com a pretensão de compreender uma realidade vigente, tivemos a necessidade de elaborar um conjunto de objetivos que nos permitissem direcionar e orientar o nosso trabalho de pesquisa, no âmbito da temática o plágio em contexto escolar no ensino secundário, e respetivas repercussões que dá possam advir.

Segundo Matos e Carreira (1994), *a escolha de uma dada metodologia de investigação é conformada pelos objetivos do estudo e em particular pelas questões a que se pretende responder* (p. 21). Assim, pretendendo-se com este estudo conhecer a informação que os alunos do ensino secundário têm sobre a prática de plágio, para um melhor esclarecimento procurou-se responder aos objetivos do estudo a seguir elencados:

**Conhecer o nível de consciência dos alunos em relação à ilegalidade da prática de plágio.**

- Identificar os dados pessoais dos alunos;
- Identificar o grau de informação dos alunos sobre as práticas de plágio.

**Conhecer o nível de consciência dos professores em relação à prática de plágio por parte dos alunos.**

- Identificar o grau de informação dos professores sobre as práticas de plágio exercidas pelos alunos;
- Identificar com que frequência os professores verificam se os trabalhos são plagiados.

**Conhecer práticas de plágio no Ensino Secundário.**

- Quantificar a frequência com que recorrem às práticas de plágio;
- Caracterizar as áreas disciplinares em que recorrem mais os alunos à prática do plágio.

**Analisar as causas e consequências do plágio no Ensino Secundário.**

- Verificar em que medida os alunos se preocupam com a informação que retiram da Internet;
- Identificar as causas da prática do plágio;
- Verificar as consequências derivadas da prática do plágio.

**Apurar formas de combate ao plágio em ambiente escolar.**

- Aferir se os alunos têm ou não conhecimento sobre os softwares existentes para a deteção de plágio;
- Identificar as medidas para combater o plágio;
- Identificar a opinião dos alunos relativamente à prática do plágio.

## 4.2- Opção metodológica

Tendo em conta os objetivos da nossa investigação adotamos uma metodologia de um estudo de caso exploratório. Para um melhor discernimento do estudo de caso exploratório e segundo Meirinhos e Osório podemos apresentar a seguinte definição:

Os estudos exploratórios têm como finalidade definir as questões ou hipóteses para uma investigação posterior. Isto é, são o prelúdio para uma investigação subsequente, mas não necessariamente um estudo de caso. Estes estudos são diferentes dos descritivos, podendo buscar hipóteses e proposições relevantes para orientar estudos posteriores. Pretendem fornecer um certo suporte para a teorização. Os estudos exploratórios são, talvez, segundo Yin (1993), os de reputação mais notória (Meirinhos e Osório, 2010, p.57).

Mais uma vez e também segundo Meirinhos e Osório (2010) *A investigação suportada por estudos de caso tem vindo a incrementar-se e a ganhar maior reputação* (p. 49).

O estudo de caso trata-se de uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores. Yin (1994) afirma que esta abordagem se adapta à investigação em educação, quando o investigador é confrontado com situações complexas, de tal forma que dificulta a identificação das variáveis consideradas importantes, quando o investigador procura respostas para o “como?” e o “porquê?”, quando o investigador procura encontrar interações entre fatores relevantes próprios dessa entidade, quando o objetivo é descrever ou analisar o fenómeno, a que se acede diretamente, de uma forma profunda e global, e quando o investigador pretende apreender a dinâmica do fenómeno, do programa ou do processo.

Para Yin (2001), um estudo de caso *é uma investigação empírica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, principalmente quando os limites entre o fenómeno e o contexto não estão claramente definidos* (p. 32).

A diversidade que marca a realidade social parece limitar a eficácia dos métodos dedutivos, próprios de uma investigação de carácter quantitativo, na medida em que tais métodos se constituem como demasiado generalistas. Tal diversidade exige, pois, do investigador o recurso a estratégias indutivas, uma vez que o mundo social se apresenta como um objeto de estudo complexo do qual se pretende emergir um conjunto de conceitos, significados e relações, à luz dos quais será possível compreender esse objeto a partir do seu interior. Assim sendo, a opção metodológica que aqui assumimos possui um carácter, essencialmente

qualitativo, constituindo-se como um estudo de caso, um dos modos de investigação possíveis no âmbito de uma estratégia qualitativa.

Trata-se de um estudo de caso, pois pretende-se analisar um fenómeno contemporâneo dentro de um contexto particular, ou seja, analisar as práticas de plágio no ensino secundário, num determinado agrupamento de escolas.

O estudo de caso pode definir-se como *o exame de um fenómeno específico, tal como um programa, um acontecimento, uma pessoa, um processo, uma instituição, ou um grupo social* (Merriam, 1988, p. 9); ou então, como *uma investigação empírica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro do seu contexto real de vida, especialmente quando as fronteiras entre o fenómeno e o contexto não são absolutamente evidentes.* (Yin, 1994, p.32). Qualquer uma destas definições considera que o que especifica o estudo de caso é a natureza singular do objeto de incidência da investigação, e não o seu modo operatório (Stake, 1998).

No estudo de caso torna-se necessária a existência de múltiplas fontes de evidência, de modo a fortalecer a própria investigação, devendo ainda conter especificidade nas evidências encontradas pelo investigador, porque desse modo a generalização do caso estudado torna-se mais credível em que o investigador deve ter sempre por base grande suporte teórico (Gillham, 2000). O recurso a múltiplas fontes de evidência é possível através da análise de variadas fontes de informação, as quais devem conter dados informativos sobre o objeto de estudo e que permitam o estudo desse objeto em amplitude e profundidade, para promoção de conhecimento alargado sobre o que se pretende analisar (Coutinho e Chaves, 2002).

Estas múltiplas fontes de evidência normalmente correspondem a observação direta e indireta, entrevistas, questionários, narrativas, registos de áudio e vídeo, diários, cartas, documentos, entre outros e salientam a validade e fidedignidade do estudo (Coutinho e Chaves, 2002).

O estudo de caso tem vindo a ganhar popularidade crescente na investigação educativa nos últimos anos a avaliar pelo aumento crescente do número de projetos de investigação que utilizam este método de pesquisa (Yin, 1994).

É necessário ter em consideração ao longo do estudo de caso que há pessoas mais disponíveis a ajudar na investigação do que outras, fazendo com que as opiniões das pessoas implicadas no estudo de caso possam ser bastante díspares e dessa forma enfraquecer a generalização e representatividade da investigação que apesar de não ser fundamental para o sucesso da investigação cientificamente é relevante (Gillham, 2000). No estudo de caso as evidências devem ser filtradas para que a representatividade do caso analisado não fique em causa.

No estudo de caso, tal como a expressão indica, examina-se o “caso” (ou um pequeno número de “casos”) em detalhe, em profundidade, no seu contexto natural, reconhecendo-se a sua complexidade e recorrendo-se para isso todos os métodos que se revelem apropriados (Yin, 1994; Punch, 1998; Gomez, Flores & Jimenez, 1996).

Guba & Lincoln (1994) por seu lado, consideram que, num estudo de caso o investigador pode: a) relatar ou registar os factos tal como sucederam, b) descrever situações ou factos, c) proporcionar conhecimento acerca do fenómeno estudado, e d) comprovar ou contrastar efeitos e relações presentes no caso. Já Yin (1994) referencia que *o estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenómeno no seu ambiente natural, quando as fronteiras entre o fenómeno e o contexto não são bem definidas (...) em que múltiplas fontes de evidência são usadas* (p. 32 e 33). Ainda para Yin (1994) o estudo de caso pode ser conduzido para um dos três propósitos básicos: explorar, descrever ou ainda explicar.

Neste âmbito, o estudo de caso adota essencialmente como estratégia de pesquisa a recolha de informações para posterior tratamento para que o fenómeno social estudado o seja com a maior precisão possível, o que efetivamente se verificou no estudo realizado.

Ainda, e de acordo com Bell (1997), *o estudo de caso está sobretudo “indicado para investigadores isolados, dado que proporciona uma oportunidade para estudar, de uma forma mais ou menos aprofundada, um determinado aspeto do problema em pouco tempo (...)(p.22).*

Neste estudo, iremos optar pelo método de investigação quantitativa, por ser o mais pertinente para o estudo em questão. Segundo Fortin (2003), a investigação quantitativa é um processo sistemático de colheita de dados observáveis e quantificáveis. É baseado na observação de factos objetivos, de acontecimentos e fenómenos que existem independentemente do investigador.

No planeamento de um estudo de investigação torna-se necessário definir a população a ser estudada. Por população entendemos um conjunto de indivíduos com as mesmas características. Segundo Fortin (2003) *A população é uma coleção de elementos ou de sujeitos que partilham características comuns, definidas por um conjunto de critérios* (p. 202).

Neste tipo de metodologia de investigação qualitativa, o papel do investigador é complexo e daí que seja imperativo ele ter consciência, logo de início, das vantagens e das limitações do tipo de estudo em que se envolve.

O estudo de caso deve garantir a objetividade, de modo a que os resultados sejam precisos transmitindo dessa forma menor erro à generalização e representatividade do caso estudado (Gillham, 2000). A objetividade é garantida pela isenção posta na recolha de dados e pela

interpretação destes à luz da teoria adotada e pela interpretação dos dados obtidos no decurso da investigação.

Num outro domínio, as fontes de dados/informação do estudo de caso têm diversas origens, embora a maioria da informação advenha de entrevistas, observação direta pesquisa documental. As fontes podem ser variadas, podendo haver conjugação de fontes de informação que proporcionam uma investigação mais completa e válida cientificamente.

O objetivo primordial do estudo de caso é a compreensão do caso específico e não a compreensão de outros casos. Podemos então caracterizar o estudo de caso como o estudo de um “caso”, em profundidade. O estudo de caso caracteriza-se igualmente pelo facto de que reúne informações tão numerosas e tão pormenorizadas quanto possível, com vista a abranger a totalidade da situação. Para Meirinhos e Osório (2010) *O estudo de caso é frequentemente referido como permitindo estudar o objeto (caso) no seu contexto real, utilizando múltiplas fontes de evidência (qualitativas e quantitativas) e enquadra-se numa lógica de construção de conhecimento, incorporando a subjetividade do investigador* (p.64).

Em suma, o estudo de caso visa a representação da realidade social relativamente a determinado fenómeno a partir de um caso particular onde esse fenómeno é visível e que permite ao investigador o recurso às técnicas acima mencionadas com o objetivo de recolher o maior volume de dados possível sobre o fenómeno em estudo e ao caso particular analisado.

### **4.3- Instrumentos de recolha de informação**

#### **Questionário**

Dada a natureza do estudo, optou-se pelo instrumento de colheita de dados o questionário, uma vez que consiste numa das mais importantes técnicas de obtenção de dados em pesquisa social, simples de aplicar, podendo ser usada num grande número de pessoas, num curto período de tempo e implicando poucos recursos humanos na distribuição e recolha.

O inquérito por questionário consiste em colocar a um conjunto de indivíduos, geralmente representativos de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude, em relação a opções ou questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimento ou de consciência, de um acontecimento ou um problema ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores (Quivy & Campenhoudt, 2005, p.190).

Uma das vantagens da aplicação deste método, é permitir-nos quantificar uma multiplicidade de dados e proceder, por conseguinte, a numerosas análises, quer simples, quer de cruzamento das mesmas.

Estes instrumentos constituem uma forma de obtenção de dados de diferentes tipos, o que possibilita, de igual modo, o cruzamento de informação recolhida durante o estudo de caso pelo investigador. Estes instrumentos de recolha de informações são escolhidos de acordo com a tarefa que se pretende executar e de acordo com a investigação que se pretende realizar (Bell, 1989). Por isso, cada caso é um caso e cada estudo pode necessitar de instrumentos diferentes doutros estudos de caso. Os instrumentos/técnicas para recolha de dados no estudo de caso são diversos.

Segundo Vasconcellos & Guedes (2007) os questionários online apresentam algumas vantagens em relação a outras formas de recolha de informação:

- Possibilidade de utilizar grandes amostras.
- Apresentam baixo custo na sua implementação.
- Flexibilidade e diversidade na elaboração das questões.
- Exigência de respostas completas.

Esta modalidade de recolha de informação torna-se também mais prática para o respondente, em relação à rapidez do preenchimento, facilidade de leitura e inexistência de rasuras.

## **Entrevista**

Os métodos de entrevista distinguem-se pela aplicação dos processos fundamentais de comunicação e de interação humana. Corretamente valorizados, permitem retirar das entrevistas informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados. Caracterizam-se por um contacto direto entre o investigador e os seus interlocutores, e por uma fraca diretividade por parte daquele. O conteúdo da entrevista será objeto de uma análise de conteúdo sistemática, destinada a testar as hipóteses do trabalho.

A entrevista adquire bastante importância no estudo de caso, pois através dela o investigador percebe a forma como os sujeitos interpretam as suas vivências já que ela *é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo* (Bogdan e Biklen, 1994, p.134).

Os diferentes tipos de entrevistas existentes têm sido classificados de formas diversas. Considera-se a existência de três grandes tipos: estruturada, semiestruturada, e não estruturada; elas dividem-se entre quantitativas e qualitativas, sendo que a última comporta ainda três classificações (conversacional informal, guiada, aberta standard). Assim, as entrevistas implicam de uma forma geral a definição prévia de questões a colocar.

A entrevista é uma das técnicas de recolha de dados mais utilizada em estudos de caso. A entrevista é uma *técnica em que o investigador se apresenta frente ao entrevistado, lhe formula perguntas com objetivo de obtenção de dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que parte quer recolher dados e a outra apresenta-se como fonte de informação* (Gil, 1994, p. 117).

A técnica da entrevista, como qualquer outro meio de avaliação / interpretação viável, permite-nos obter informações sobre atitudes, opiniões, crenças, experiências passadas ou comportamentos, colocando-nos nem sempre envolvidos com a realidade a analisar.

J. Diogo (1998), afirma que *Instrumento de investigação social por excelência, a entrevista consiste num encontro entre duas pessoas, a fim de que uma obtenha informações a respeito de um determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional que permite estudar a lógica subjetiva do sujeito confrontado com lógica da temática de inquérito* Bell (1997) acrescenta: *A grande vantagem da entrevista é a sua adaptabilidade* (p.20).

Como já foi referido anteriormente, as entrevistas são classificadas com grande variedade de tipologias, geralmente caracterizadas como abertas, semiabertas e fechadas, originárias, respetivamente, de questões não estruturadas, semiestruturadas e estruturadas.

Tendo em conta a natureza e objetivos deste estudo, iremos deter-nos apenas na especificação de um tipo de entrevista que permita ao inquirido grande liberdade de opinião e expressão - a entrevista fechada. A entrevista fechada, é realizada a partir de questionários estruturados, com perguntas iguais para todos os entrevistados, de modo que seja possível estabelecer uniformidade e comparação entre respostas. As pesquisas de opinião são exemplo típico. Exigem distanciamento do entrevistador, que cumpre a função de obter respostas para as questões propostas, sem discussão sobre elas. O questionário estruturado é prático para grande número de respondentes e pode ser autoaplicável. Com ele, é possível fazer análises rapidamente, replicar com facilidade, limitar as possibilidades de interpretação e de erro do entrevistado e comparar com outras entrevistas similares. Embora sugira simplicidade, sua elaboração exige profundo conhecimento prévio do assunto.

Mais do que uma técnica de Coleta de informações interativa baseada na consulta direta a informantes, a entrevista pode ser um rico processo de aprendizagem, em que a experiência,

visão de mundo e perspicácia do entrevistador emergem e colocam-se à disposição das reflexões, conhecimento e percepções do entrevistado.

O recurso à gravação possibilita o registro literal e integral. Apesar de certa discussão, a experiência indica que não afeta o resultado e oferece maior segurança à fonte. É importante demonstrar que irá usar o gravador e verificar se o entrevistado não se sente desconfortável. Embora possa eventualmente levar à desconfiança ou ser inibidor nas primeiras perguntas, em geral a fonte rapidamente responde com naturalidade. É interessante deixá-lo em local visível, mas discreto ao olhar. O gravador possui a vantagem de evitar perdas de informação, minimizar distorções, facilitar a condução da entrevista, permitindo fazer anotações sobre aspectos não verbalizados. Ouvir a transcrição ajuda o entrevistador a perceber detalhes e questões que o ajudarão nas novas entrevistas, até mesmo na correção de seus próprios erros de condução. Se possível, o próprio pesquisador deve fazer a transcrição. É uma oportunidade de aprender com a própria entrevista, identificar aspectos que não ficaram registrados, começar a estruturar o trabalho.

### **Fontes documentais**

Em fontes documentais tais como o projeto educativo de escola definem-se princípios e linhas orientadoras gerais, assentes nas características da comunidade educativa, de acordo com as orientações nacionais e regionais, e estabelecem-se metas tendo em conta os recursos disponíveis (materiais, humanos,...), propondo-se políticas educativas para a comunidade educativa, sendo ainda a expressão dos princípios, orientações e metas a atingir pela escola, criando-se a matriz de suporte que vai ser concretizada no Projeto Curricular de Escola e no Projeto Curricular de Turma, sendo o tronco comum de onde partem os vários projetos existentes na escola.

## **4.4- Descrição do estudo**

Para a realização deste estudo, foram convidados a participar todos os alunos do ensino secundário, com atividade letiva no ano de 2011/2012 com idades compreendidas entre os 15 e os 20 anos a frequentar o Ensino Secundário de um Agrupamento de Escolas do distrito de

Bragança. Foram feitas também entrevistas a 4 professores que se encontram a lecionar no ensino secundário do agrupamento já acima referido.

Aos alunos foi-lhes solicitado o preenchimento de um questionário com respostas abertas e fechadas.

Os inquéritos por questionário em suporte digital, foram enviados via internet e estiveram disponibilizados aos alunos durante cerca de três meses.

No nosso estudo, tivemos como preocupação central, conhecer o nível de consciência dos alunos e dos professores relativamente à ilegalidade da prática de plágio. Identificar as causas e as consequências do plágio no ensino secundário e apurar formas de combate ao plágio em contexto escolar.

A investigação não serviu apenas para conhecer o nível de consciência dos alunos relativamente à ilegalidade da prática de plágio, analisar as causas e consequências que advém dessa prática e apurar formas de a combater, mas serviu também para analisar e conhecer as opiniões dos professores relativamente a mesma questão, tentando apurar as medidas que estes tomam quando se confrontam com essas situações.

#### **4.4.1- O contexto da escola**

A escola onde se realizou a nossa investigação, como já foi mencionado, foi num Agrupamento de Escolas do distrito de Bragança, procederemos desde já a uma breve caracterização do meio onde esta se insere, bem como à sua caracterização como escola. Informações retiradas da página do Agrupamento de Escolas onde decorreu a investigação.

É um concelho que se situa no Norte Interior de Portugal, em pleno Nordeste Transmontano, entre as serras de Bornes e da Nogueira. A cidade em questão (sede do concelho) localiza-se num planalto, no entanto o concelho apresenta variações de altitude entre os 400 e os 1000m. O concelho cobre uma área de 699,3 Km<sup>2</sup>, distribuída por 38 freguesias.

O Município localiza-se na região Norte de Portugal, na zona Nordeste Transmontana do distrito do Bragança. Esta localização remete para um ponto central do distrito com acessos privilegiados pelos IP4 e IP2, que em muito beneficiará as acessibilidades e a mobilidade de pessoas, bens e serviços. É uma cidade jovem, num meio fortemente rural e deprimido pelo

êxodo populacional quer através da emigração, quer através da deslocação dos jovens para o litoral, que ali procuram outras oportunidades.

O agrupamento tem como escola sede a escola básica e secundária, situada na cidade (sede de concelho). O conjunto de escolas do 1º Ciclo e Jardins de Infância, que dele também fazem parte, situam-se no concelho, a uma distância máxima de 21 quilómetros.

O agrupamento é atualmente constituído por quatro escolas do 1º Ciclo (EB1) (duas situadas em meio rural, e dois polos na cidade), nove jardins-de-infância e a escola básica e secundária, perfazendo um total de cerca de 1600 alunos/formandos e 244 docentes.

O ensino básico é o nível predominante no agrupamento de escolas. Paralelamente ao ensino diurno, a escola funciona também em regime noturno.

No que concerne à distribuição por sexos, a população escolar do ensino básico está distribuída de forma equitativa. No ensino pré-escolar há mais rapazes do que raparigas e no ensino secundário há uma maior incidência do sexo feminino.

As médias etárias da população escolar espelham a progressão normal do percurso dos alunos, do 1º ao 12º ano.

O pessoal docente é maioritariamente do sexo feminino e com formação ao nível da licenciatura. Desta população, a maioria pertence ao quadro de agrupamento. É de salientar uma relativa estabilidade do mesmo pessoal docente ao longo dos últimos anos.

Contudo o nosso trabalho foi direccionado exclusivamente para os alunos do ensino secundário. Este grau de ensino engloba, na sua totalidade, 348 alunos, sendo estes distribuídos pelos 10º, 11º e 12º anos. Em que no 10º e 11º anos temos um total de seis turmas por ano distribuídas desde a letra A até à letra F. Enquanto que no 12º ano temos um total de cinco turmas distribuídas desde a letra A terminando na letra E.

Através da página oficial do agrupamento na Internet, como já foi referido atrás foi onde obtivemos alguma da documentação necessária ao nosso estudo. Foi lá que consultamos o projeto educativo da escola, bem como a informação e dados sobre as turmas do ensino secundário.

#### 4.4.2- Realização da investigação

Para um melhor resultado na investigação, o investigador deve utilizar diferentes instrumentos de procedimento na recolha dos dados, pois constitui uma forma de obtenção de diferente tipo de dados proporcionando a possibilidade de cruzamento de informação.

Segundo Yin (1994), *a utilização de múltiplas fontes de dados na construção de um estudo de caso, permite-nos considerar um conjunto mais diversificado de tópicos de análise e em simultâneo permite corroborar o mesmo fenómeno* (p. 92).

Procuramos então, por estas razões, utilizar múltiplas fontes de dados obtidos através de questionários aos alunos e ainda a entrevista com os professores, sem dúvida essenciais e de relevância para este estudo.

Começamos então por tratar dos procedimentos a cumprir nos pedidos de autorização para aplicação de inquéritos/realização de estudos de investigação em meio escolar. Todos os pedidos de autorização para aplicação de inquéritos/realização de estudos de investigação, em meio escolar, tiveram de ser submetidos através do sistema de monitorização de Inquéritos em Meio Escolar, ao abrigo do Despacho N.º15847/2007 publicado no DR 2ª série n.º 140 de 23 de Julho, concebido especificamente para esse fim: <http://mime.gepe.min-edu.pt>. Para que a autorização da DGIDC (Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular) fosse deferida enfrentámos algumas fases. Numa primeira fase, tivemos de submeter a entidade no nosso caso o agrupamento de escolas onde se realizou a investigação, assim como o nome do orientador e aguardar o envio de uma password e número de utilizador. Numa segunda fase, entramos no site, colocámos os códigos que nos foram enviados e submetemos o inquérito. Passado algum tempo recebemos a autorização da DGIDC (Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular) para a nossa investigação.

Começámos então no terreno procedendo a entrevistas a professores do ensino secundário, as entrevistas foram gravadas e, posteriormente analisadas e tratadas.

Através da ferramenta Google Docs, elaborámos um questionário dirigido aos alunos do ensino secundário.

O inquérito por questionário aplicado no nosso estudo é constituído por 31 questões, 30 de resposta fechada e 1 de resposta aberta, o que permitiu conhecer o nível de consciência dos

alunos face à prática do plágio, analisar as causas e consequências desta prática e apurar formas de combate ao plágio em contexto escolar.

O questionário (anexo I) encontra-se dividido em 5 grupos:

I – Dados pessoais

II – O Plágio em contexto escolar

III – Causas do plágio

IV – A tua opinião sobre o plágio em contexto escolar

V – Medidas para combater o plágio nos trabalhos escolares

O início do questionário contempla uma breve introdução mencionando a natureza e o objetivo desta investigação. No final do questionário existe um espaço de resposta aberta onde os alunos poderão expressar a sua opinião sobre a prática de plágio nas escolas, podem também deixar sugestões ou comentários em relação ao principal objetivo deste estudo, o plágio.

Para obter os dados relativamente aos objetivos pretendidos com esta investigação, as questões do inquérito são de resposta fechada, obtendo-se desta forma informações concretas, como por exemplo, os dados pessoais e as opiniões pessoais dos inquiridos relativamente ao plágio em contexto escolar, bem como encontrar medidas para combater o plágio nos trabalhos escolares.

Em relação ao grupo I – dados pessoais, este conjunto de questões serviu para identificar e caracterizar os alunos envolvidos na investigação. No grupo II – o plágio em contexto escolar, as questões ajudaram a apurar e a identificar o grau de informação dos alunos relativamente à prática do plágio. No grupo III – causas do plágio, ajudou a identificar as causas da prática de plágio por parte dos alunos, porque é que estes recorrem a esta prática na elaboração de trabalhos escolares. No grupo IV – a tua opinião sobre o plágio em contexto escolar, neste grupo de questões obtivemos o grau de concordância dos alunos sobre diferentes dimensões relacionadas com o plágio nas escolas. E finalmente, no grupo V – medidas para combater o plágio nos trabalhos escolares, identificamos medidas de combate ao plágio, apurando a opinião dos alunos sobre esta problemática do plágio em contexto escolar.

Depois de elaborado na opção formulário do Google Docs, o inquérito foi enviado por email para os 348 alunos do ensino secundário do agrupamento de escolas. Os endereços eletrónicos foram obtidos através do coordenador das TIC e do coordenador dos diretores de turma do ensino secundário do agrupamento. Foi também colocado na página do facebook do

agrupamento de escolas, mas foi solicitado o preenchimento apenas a alunos que frequentassem o ensino secundário.

Pensando na análise da informação, elaborámos uma tabela onde procuramos estabelecer uma relação entre os objetivos e as questões do inquérito que nos permitem ir de encontro a esses objetivos. Deste modo, a tabela 1 mostra-nos a correspondência entre os objetivos propostos para este estudo, com o número da questão que lhe está atribuída.

| Objetivos  | Questões do inquérito  |
|--|--|
| <b>1. Conhecer o nível de consciência dos alunos em relação à ilegalidade da prática de plágio.</b>            |  |
| 1.1 Identificar o grau de informação dos alunos sobre as práticas de plágio.                                   | 2.1; 2.2; 2.3, entrevista feita aos professores                      |
| 1.2 – Verificar como os alunos definem o conceito de plágio.   |  |
| <b>2. Conhecer o nível de consciência dos professores em relação à prática de plágio por parte dos alunos.</b> |  |
| 2.1 Identificar o grau de informação dos professores sobre as práticas de plágio exercidas pelos alunos;       | Entrevista feita aos professores                                     |
| 2.2 Identificar com que frequência os professores verificam se os trabalhos são plagiados.                     | 2.9; 4.3   |
| <b>3. Conhecer práticas de plágio no Ensino Secundário.</b>  |  |
| 3.1 Quantificar a frequência com que recorrem às práticas de plágio;   | 2.4; pergunta 2 da entrevista feita aos professores; 2.6; 2.7; 2.8.1 |
| 3.2 Caracterizar as áreas disciplinares em que recorrem mais os alunos à prática do plágio.                    | 2.5  |
| <b>4. Analisar as causas e consequências do plágio no Ensino Secundário.</b>                                   |  |
| 4.1 Verificar em que medida os alunos se preocupam com   | 2.8.2  |

|   |   |
|---|---|
| a informação que retiram da Internet;   |   |
| 4.2 Identificar as causas da prática do plágio;   | 3.1   |
| 4.3 Verificar as consequências derivadas da prática do plágio.  | 4.1; 4.2; 4.3; 4.4; 4.6   |
| <b>5. Apurar formas de combate ao plágio em ambiente escolar.</b>                                       |   |
| 5.1 Aferir se os alunos têm ou não conhecimento sobre os softwares existentes para a deteção de plágio; | 2.10  |
| 5.2 Identificar as medidas para combater o plágio;  | 5.1; 5.2; 5.3; 5.4; 5.5; 5.6 e pergunta 7 da entrevista feita aos professores |
| 5.3 Identificar a opinião dos alunos relativamente à prática do plágio.                                 | 5.7   |

**Tabela 1 - Relação entre os objetivos e o número das questões**

Os registos dos preenchimentos dos inquéritos, como já foi referido, foram feitos em Google Docs. A análise das entrevistas aos professores foi feita com base na elaboração de categorias, conforme a informação obtida nessas nas respostas.

A análise de conteúdo realizada às entrevistas foi feita de acordo com a seguinte tabela:

| <b>Categorias</b>                                  | <b>Excertos de respostas dadas</b>   |
|--|--|
| Conhecimento da existência de plágio.              | <i>Sim; sim várias vezes e em diferentes situações.</i>  |
| Frequência de trabalhos plagiados e que trabalhos. | <i>Sim; frequentemente; relatórios de atividades; projetos finais de cursos profissionais; trabalhos completos; apenas frases.</i>   |
| Estratégias usadas relativamente ao plágio.        | <i>Apresentar o trabalho oralmente; confrontar o aluno; alertar o aluno e fornecer exemplos de plágio.</i>   |
| Reflexão pessoal sobre esta prática.               | <i>Este tema deveria ser abordado nas aulas de formação cívica; ensinar os alunos a elaborar um trabalho.</i>  |
| Motivos que levem ao plágio.                       | <i>Facilidade; falta de preparação na investigação; abundância de material disponível na Internet; alguns cometem plágio sem saber o que é.</i>  |
| Perfil dos alunos plagiadores.                     | <i>Todos os que têm acesso à Internet; alunos com mais dificuldades.</i>   |
| Medidas para combater o plágio.                    | <i>Proibir o plágio na elaboração de trabalhos; punir esses alunos; adotar os guias de literacia existentes na biblioteca; adotar estratégias e medidas para lhes explicar o que é o plágio.</i> |
| Identificação dos responsáveis pelo plágio.        | <i>Aos alunos; à sociedade; todos enquanto educadores temos a nossa responsabilidade.</i>  |

**Tabela 2 - Categorias da entrevista dos professores**

Nota: As entrevistas completas encontram-se em anexo. (Ver anexo 3)

## Capítulo 5 - Apresentação e análise dos resultados

Passamos desde já a fazer a apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos em função dos objetivos de investigação e do tema em estudo com eles relacionados. Relativamente aos objetivos pretendidos com a nossa pesquisa, a recolha de informação perspetivou-se com o sentido de permitir alcançar uma descrição clara e a mais completa possível da realidade sobre o plágio em contexto escolar no ensino secundário, no contexto em estudo.

Recolhidos os dados através do inquérito, como foi dito no capítulo anterior, procedemos agora à sua apresentação e análise com base na definição dos objetivos propostos para esta investigação. Dos 348 alunos a quem foi dirigido o questionário, responderam 148.

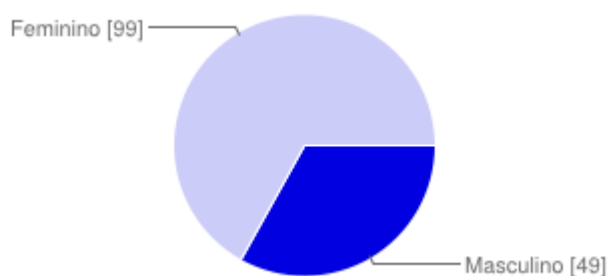
Os dados serão representados graficamente e a análise está elaborada através de uma breve síntese descritiva. A análise das questões abertas, foi feita com base em categorias elaboradas a partir dos dados recolhidos.

### Dados Pessoais

#### Identificar os dados pessoais dos alunos.

Preocupamo-nos em fazer uma identificação geral dos alunos, fazer uma caracterização do ano de escolaridade que frequentam e identificar a sua morada.

Quando observamos o gráfico 1, podemos concluir que a maior parte dos inquiridos pertencem ao sexo feminino, ou seja, 67% são do sexo feminino e 33% do sexo masculino.



|           |      |
|-----------|------|
| Feminino  | 67 % |
| Masculino | 33 % |

Gráfico1 – Género

Relativamente à morada, podemos verificar através do gráfico 2, que 57% dos alunos vivem na zona urbana e 43% vivem numa das zonas rurais que envolvem a cidade.

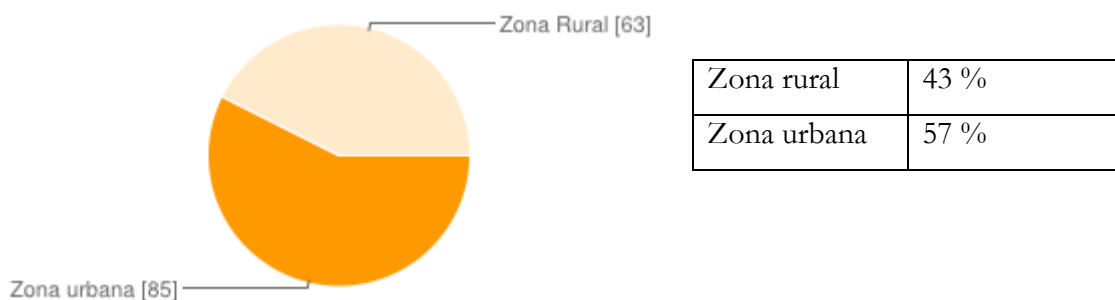


Gráfico 2 - Morada

Em relação ao ano de escolaridade que frequenta cada aluno, podemos observar pelo gráfico 3, que 41% dos alunos frequentam o 10ºano, 36% dos alunos frequentam o 11ºano e finalmente 22% dos alunos estão no 12ºano.



Gráfico 3 - Ano de escolaridade

Analisando o gráfico 4, podemos observar que a maior parte dos alunos nunca foram retidos, ou seja, 71% dos alunos nunca reprovaram. Já 24% dos alunos, têm um ano de retenção, 3% dos alunos têm dois anos de retenção e apenas 2% já foram retidos mais de dois anos.

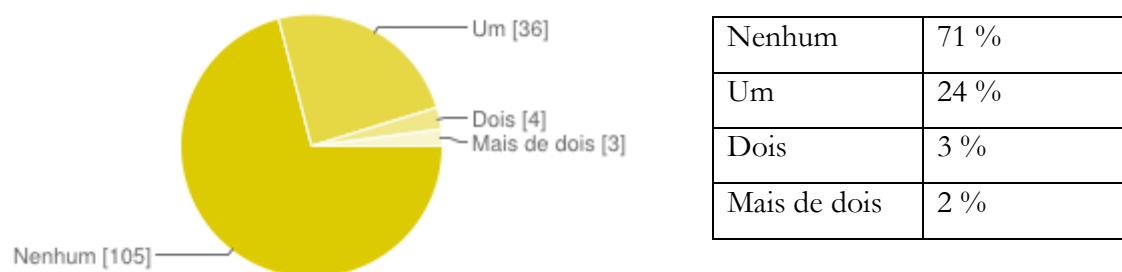


Gráfico 4 - Número de anos de retenção

Através da análise ao gráfico 5, que se refere às áreas de estudo existentes no ensino secundário, podemos averiguar que 67% dos alunos frequentam o curso de Ciências e Tecnologias, 21% frequentam a área de Ciências Sociais e Humanas, 11 % frequentam a área de Ciências Socioeconómicas, depois temos 1% dos alunos na área de Multimédia e 1% na área de Ação Social e Desporto. Todas as restantes áreas não têm alunos.

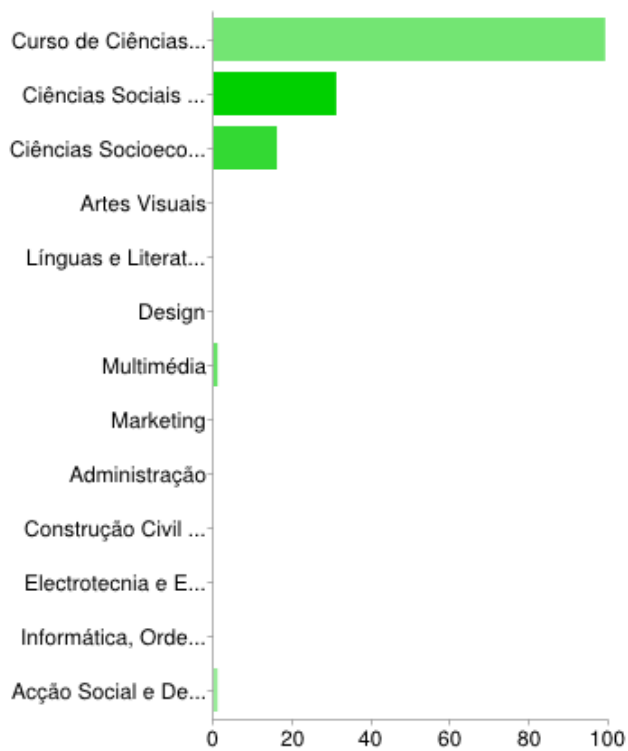
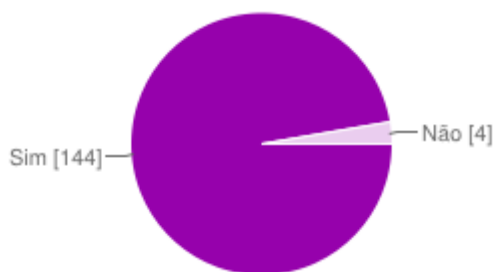


Gráfico 5 - Áreas de estudo

|   |     |
|---|-----|
| Curso de Ciências e Tecnologias                   | 67% |
| Ciências Sociais e Humanas                        | 21% |
| Ciências Socioeconómicas                          | 11% |
| Artes Visuais                                     | 0%  |
| Línguas e Literaturas                             | 0%  |
| Design  | 0%  |
| Multimédia  | 1%  |
| Marketing   | 0%  |
| Administração                                     | 0%  |
| Construção Civil e Edificações                    | 0%  |
| Eletrotecnia e Eletrónica                         | 0%  |
| Informática, Ordenamento do Território e Ambiente | 0%  |
| Ação Social e Desporto                            | 1%  |

Segundo o gráfico 6, que se refere à Internet em casa, podemos apurar que uma esmagadora maioria, ou seja, 97% dos alunos possui Internet em casa e 3% dos alunos não possui Internet em casa.



|     |      |
|-----|------|
| Sim | 97 % |
| Não | 3 %  |

Gráfico 6 - Internet em casa

## 5.1- Conhecer o nível de consciência dos alunos em relação à ilegalidade da prática de plágio.

Conhecer o nível de consciência dos alunos relativamente à ilegalidade da prática de plágio, torna-se determinante para compreender até que ponto estes estão devidamente informados.

Através da análise pormenorizada dos seguintes gráficos, iremos de forma sucinta identificar o grau de informação dos alunos sobre as práticas de plágio.

Se observarmos o gráfico 7, e relativamente ao facto de os alunos terem ou não conhecimento sobre o plágio académico, podemos constatar que 81% dos alunos tem conhecimento ou já ouviu falar em plágio académico, em contrapartida verificamos que 19% dos alunos não tem qualquer conhecimento sobre o plágio académico.

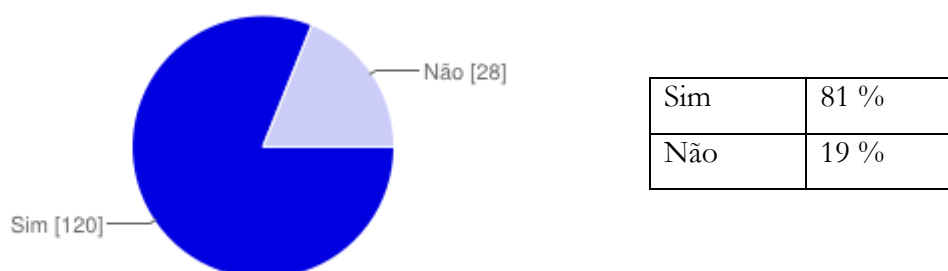
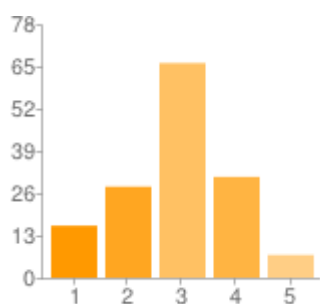


Gráfico 7 - Ouviste falar em plágio académico

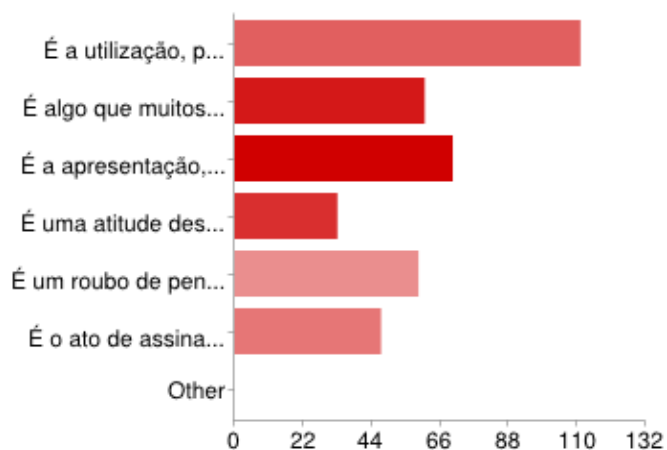
Analisando o gráfico 8, conseguimos identificar o grau de conhecimento que os alunos possuem relativamente ao plágio em contexto escolar. Então 11% dos alunos considera estar nada informado, 19% está pouco informado, 45% dos alunos acha estar informado, 21% considera estar bem informado e 5% dos alunos julga estar muito bem informado. Podemos reconhecer que os alunos se encontram informados sobre o plágio em contexto escolar, embora ainda haja uma preocupante percentagem de alunos que parece desconhecer o plágio académico.



|                        |      |
|------------------------|------|
| 1- Nada informado      | 11 % |
| 2-                     | 19 % |
| 3-                     | 45 % |
| 4-                     | 21 % |
| 5- Muito bem informado | 5 %  |

Gráfico 8 - Informação sobre o plágio

Relativamente à definição que cada aluno deu ao conceito de plágio, e desde já esclarecemos que grande parte dos alunos selecionou mais do que uma definição, por essa razão os dados que iremos apresentar serão sempre superiores a 100%. Assim constatamos que 75% dos alunos, ou seja a maioria, referiu que o plágio: “É a utilização, por parte de alguém, de uma obra, ou parte dela, que apesar de ter sido realizada por outras pessoas, a assume como sua.”; 47% indicou que plágio: “É a apresentação, como próprio, qualquer tipo de trabalho académico e não só, com conteúdo literalmente copiado ou reescrito sem a devida indicação do autor original (citação) e identificação completa do documento consultado (referência) configura plágio.”; 41% dos alunos atribuiu à definição de plágio: “É algo que muitos alunos praticam frente do computador, recorrendo a motores de busca da Internet e usando apenas três teclas: "Ctrl" e "C" para copiar e "Ctrl" e "V" para colar no trabalho que se vai apresentar ao professor.”; 40% dos alunos acha que plágio: “É um roubo de pensamentos, ideias, opiniões, palavras, frases, factos, dados, resultados, números e trabalho de outros, sem que o autor seja mencionado.”; 32% refere que plágio: “É o ato de assinar ou apresentar uma obra intelectual de qualquer natureza (texto, música, obra pictórica, fotografia, obra audiovisual, etc) contendo partes de uma obra que pertença a outra pessoa sem colocar os créditos para o autor original.”; e finalmente 22% dos alunos indica que o plágio: “É uma atitude desonesta e censurável que envolve prejuízo aos sujeitos envolvidos (pelo menos três pessoas: o autor, o leitor e o redator) e à instituição de ensino na qual ocorre.” Nenhum dos alunos sugeriu ou mencionou outra definição para o conceito de plágio.



|   |     |
|---|-----|
| É a utilização, por parte de alguém, de uma obra, ou parte dela, que apesar de ter sido realizada por outras pessoas, a assume como sua.  | 75% |
| É algo que muitos alunos praticam frente do computador, recorrendo a motores de busca da Internet e usando apenas três teclas: "Ctrl" e "C" para copiar e "Ctrl" e "V" para colar no trabalho que se vai apresentar ao professor.                               | 41% |
| É a apresentação, como próprio, qualquer tipo de trabalho académico e não só, com conteúdo literalmente copiado ou reescrito sem a devida indicação do autor original (citação) e identificação completa do documento consultado (referência) configura plágio. | 47% |
| É uma atitude desonesta e censurável que envolve prejuízo aos sujeitos envolvidos (pelo menos três pessoas: o autor, o leitor e o redator) e à instituição de ensino na qual ocorre.  | 22% |
| É um roubo de pensamentos, ideias, opiniões, palavras, frases, factos, dados, resultados, números e trabalho de outros, sem que o autor seja mencionado.  | 40% |
| É o ato de assinar ou apresentar uma obra intelectual de qualquer natureza (texto, música, obra pictórica, fotografia, obra audiovisual, etc) contendo partes de uma obra que pertença a outra pessoa sem colocar os créditos para o autor original.            | 32% |
| Outra:  | 0%  |

Gráfico 9 - Definição do conceito de plágio

## 5.2- Conhecer o nível de consciência dos professores em relação à prática de plágio por parte dos alunos.

Conhecer o nível de consciência dos professores relativamente à prática de plágio exercida por parte dos alunos, torna-se determinante para compreender até que ponto estes estão devidamente informados, e quais as atitudes que tomam relativamente a esta emblemática questão.

Analisando as entrevistas realizadas com professores de diferentes áreas de ensino, relativamente à categoria *frequência de trabalhos plagiados e que trabalhos*, todos os professores mencionaram deparar-se com essas situações algumas vezes. Referiram também que é uma prática cada vez mais frequente, algumas vezes cópias de trabalhos completos e outras vezes apenas frases e citações. Exemplos de frases ditas pelos professores: *Sim; frequentemente; relatórios de atividades; projetos finais de cursos profissionais; trabalhos completos; apenas frases.*

Relativamente à categoria *motivos que levam ao plágio.*, os professores mencionaram que os alunos costumam plagiar, pela facilidade, por falta de preparação na investigação, pelo acesso fácil e pela abundância de material que existe na Internet. Referiram também que, muitos alunos que cometem plágio, não sabem o que é o plágio nem quais as suas consequências. Exemplos dados por eles: *Facilidade; falta de preparação na investigação; abundância de material disponível na Internet; alguns cometem plágio sem saber o que é.*

Em relação à categoria *perfil dos alunos plagiadores*, a resposta foi unânime, de acordo até com as disciplinas, quase todos os alunos plagam. Mas referiram também que os alunos que têm acesso à Internet (e que todos eles praticamente tem), têm mais probabilidades de o fazerem. Embora alguns referissem que, normalmente, quem mais comete plágio, são os alunos com mais dificuldades de aprendizagem. Excertos de frases dos professores: *Todos os que têm acesso à Internet; alunos com mais dificuldades.*

Da informação obtida através das entrevistas os professores parecem estar informados e conscientes das práticas de plágio exercidas pelos alunos.

Para uma melhor identificação da frequência com que os professores verificam se os trabalhos são plagiados, foram analisados e comentados os gráficos que se seguem, bem como os dados obtidos da entrevista dos professores sobre se verificam se os trabalhos entregues contêm plágio.

Em relação aos professores todos eles referiram que costumam fazer sempre essa verificação, alguns referiram também que costumam colocar parágrafos inteiros num motor de busca para detetar a possibilidade de existência de plágio.

Ao analisarmos o gráfico 10, podemos certificar e relativamente ao facto da frequência com que os professores verificam se os trabalhos entregues são ou não plagiados, mas segundo a opinião dos alunos inquiridos, que 8% dos professores nunca verifica se os trabalhos são plagiados. 22% dos professores raramente o faz, 30% dos professores por vezes verifica se os trabalhos são plagiados, 28% dos professores fá-lo frequentemente e 12% dos professores verifica sempre se os trabalhos entregues são plagiados ou não.

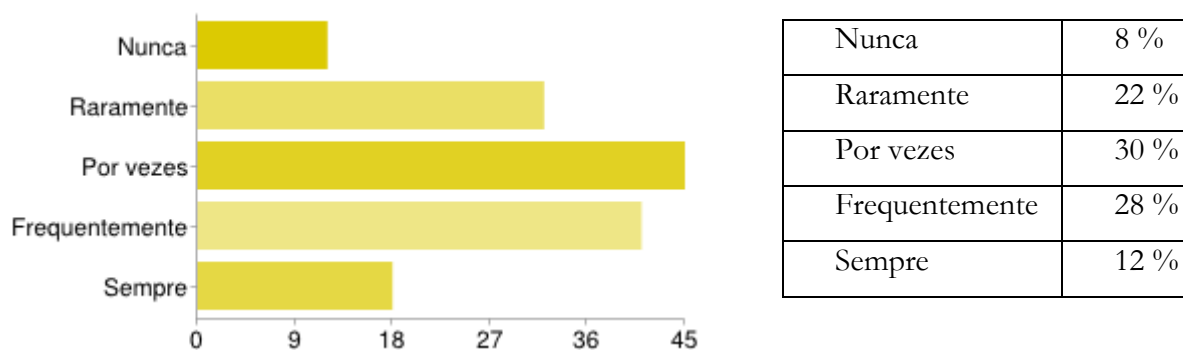


Gráfico 10 - Frequência com que os professores verificam se os trabalhos são plagiados

Em relação à questão se os professores se deveriam preocupar mais com esta prática do plágio, examinando os dados apresentados no gráfico 11, conseguimos aferir que um número reduzido de alunos apenas 7% não concordam. Que 29% dos alunos concordam parcialmente; que 44% dos alunos dizem concordar e que 20% dos alunos concordam plenamente que os professores se deveriam preocupar mais com a prática do plágio.

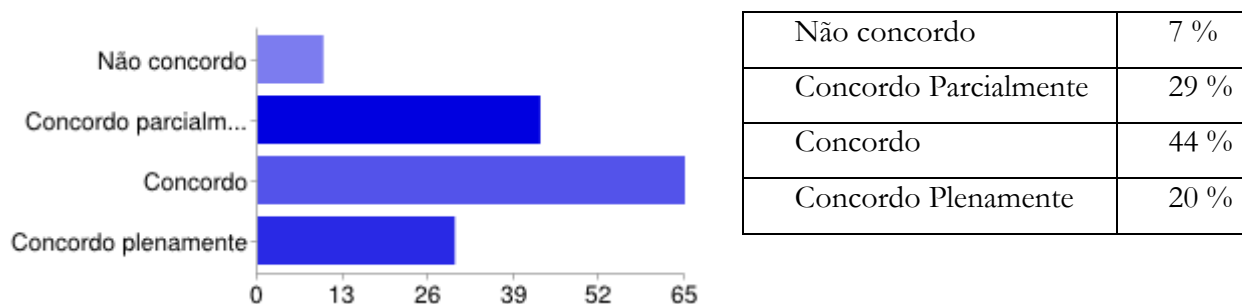


Gráfico 11 - Os professores deveriam preocupar-se mais com esta prática do plágio

### 5.3- Conhecer práticas de plágio no Ensino Secundário.

Temos também como propósito neste trabalho conhecer as práticas de plágio observadas no ensino secundário.

Na entrevista realizada aos professores, e na categoria *conhecimento da existência de plágio*, alguns professores referiram que costuma acontecer com alguma frequência. Mas, em contrapartida, um deles mencionou que não acontece com muita frequência e que, por norma, os alunos apenas copiam frases e nunca trabalhos completos. Contudo, devemos estar conscientes que copiar frases não deixa de ser plágio.

Em relação à frequência com que os alunos recorrem à prática do plágio na elaboração de trabalhos académicos, e reportando-nos ao gráfico 12, apuramos que 16% dos alunos nunca recorrem à prática do plágio; 39% raramente o fazem; mas 33% dos alunos já o fizeram por vezes; 10% dos alunos recorre a esta prática frequentemente; e 2% dos alunos recorre sempre à prática de plágio.

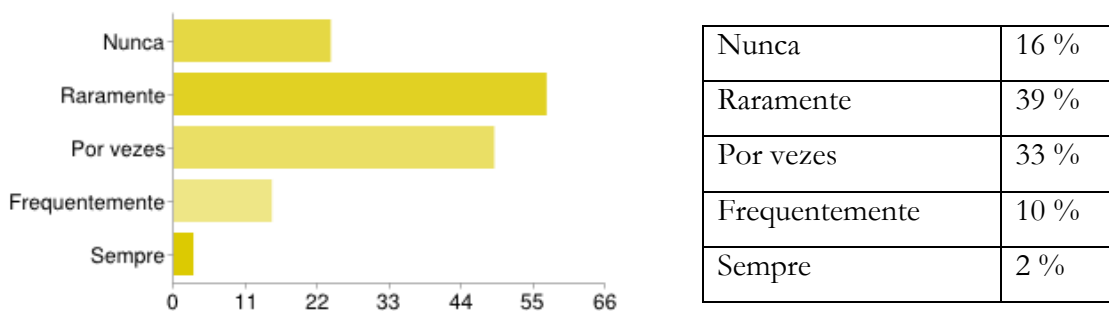


Gráfico 12 - Frequência com que recorrem ao plágio

Em relação à frequência com que os alunos copiam trabalhos já feitos na Internet, e segundo o gráfico 13, apuramos que 51% dos alunos nunca copia trabalhos já feitos da Internet. Já 31% dos alunos raramente o fazem, enquanto que 14% dos alunos por vezes costumam copiar trabalhos já feitos da Internet, 1% fá-lo frequentemente e 3% dos alunos copiam sempre trabalhos já feitos na Internet. Esta informação não corrobora por completo a opinião do professor entrevistado que refere que os alunos não copiam trabalhos completos mas sim frases.

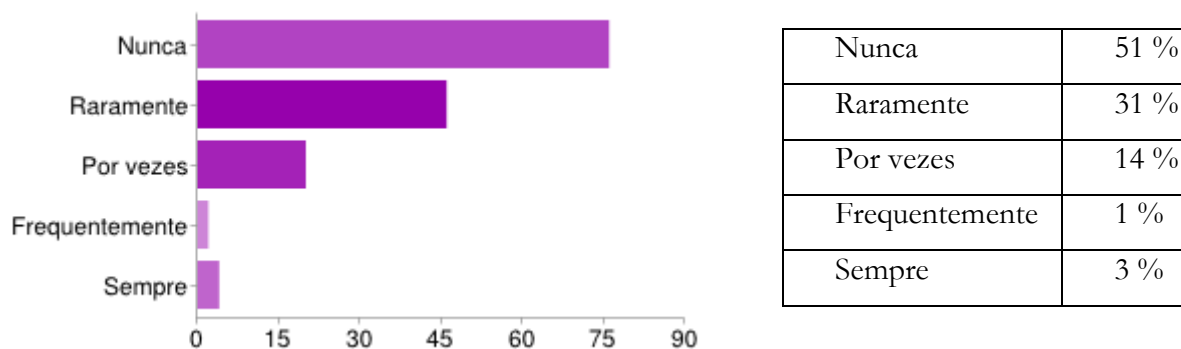


Gráfico 13 - Frequência com que os alunos copiam trabalhos já feitos na Internet

Relativamente aos dados apresentados pelo gráfico 14, que nos designa a frequência com que os alunos recorrem ao processo de copiar-colar, podemos averiguar que 16% dos alunos

nunca recorre a esse processo, enquanto que 32% o faz raramente e, também, por vezes, já 17% dos alunos recorrem a este processo frequentemente e apenas 3% dos alunos recorrem sempre ao processo de copiar-colar.

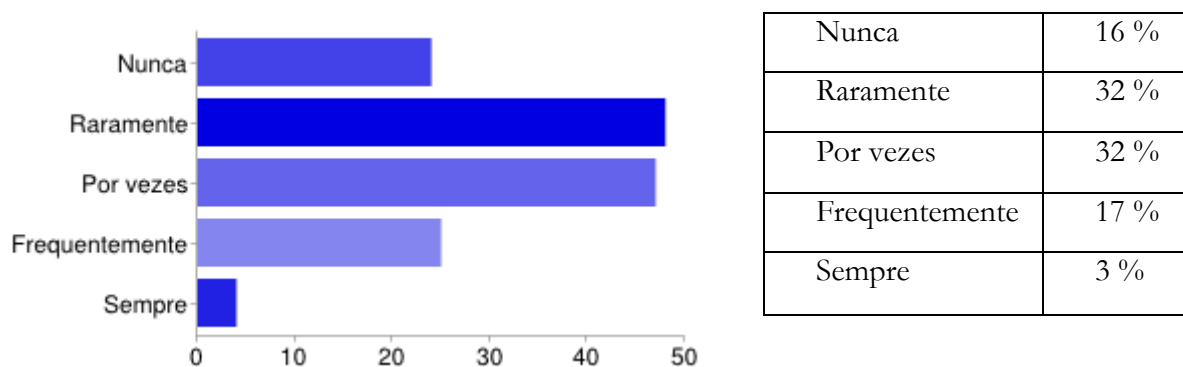


Gráfico 14 - Frequência com que os alunos recorrem ao processo Copiar-Colar

Analisando o gráfico 15, e relativamente à frequência com que os alunos compram trabalhos já feitos, podemos observar que 95% dos alunos nunca compra trabalhos já feitos e 5% dos alunos o faz raramente. Embora comprar trabalhos já feitos não seja uma prática generalizada, o facto de existirem 5% que recorrem a esse procedimento. Não deve deixar de nos preocupar. Se pensarmos que esta situação ocorre no ensino secundário.

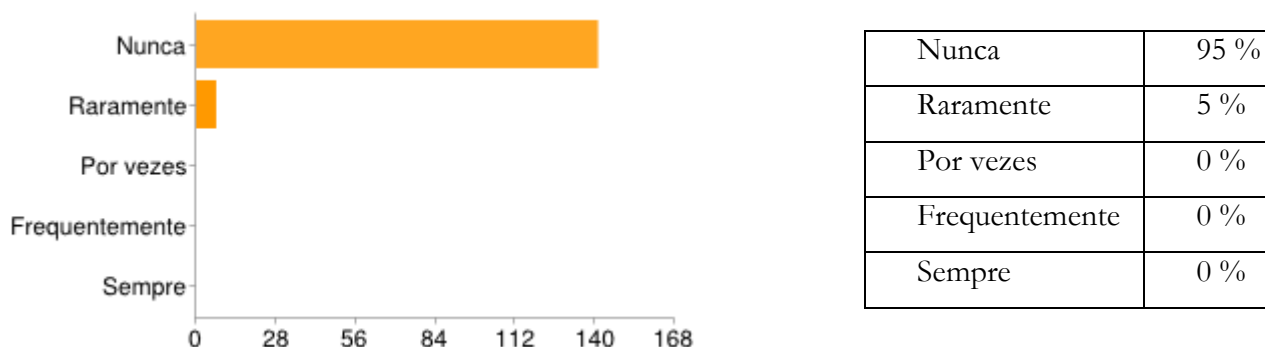
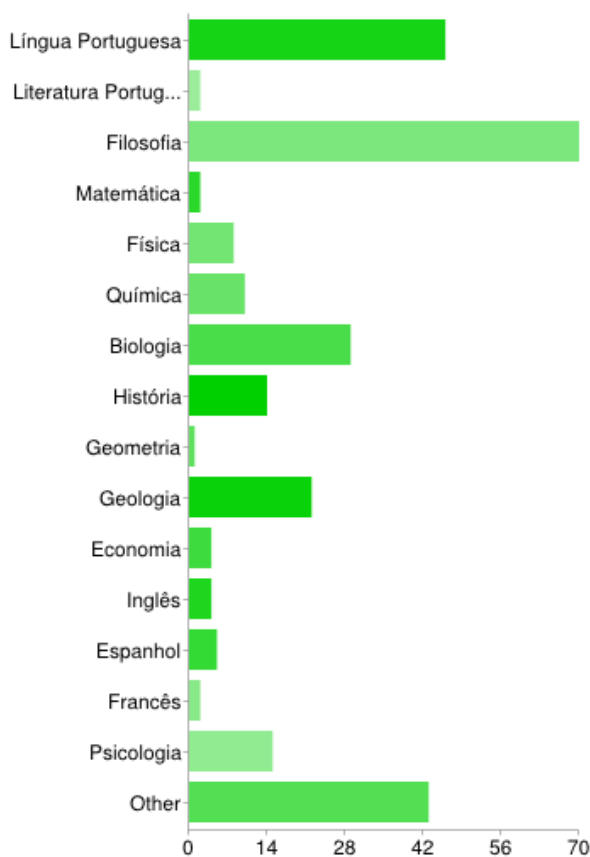


Gráfico 15 - Frequência com que os alunos compram trabalhos já feitos

As áreas em que mais se copia, tendo em atenção o gráfico 16, podemos observar que a área disciplinar onde os alunos recorrem mais à prática do plágio é na área de filosofia, com 47%, seguida da área de língua portuguesa, com 31%. Verificamos também 29% na área disciplinar de outra, que no questionário a maioria dos alunos referiu a área disciplinar de educação física. 20% para biologia, 15% na área de geologia, 10% em psicologia, 9% em história, 7% a química, 5% a física, 3% nas áreas de economia, inglês e espanhol, e 1% em literatura portuguesa, matemática, geometria e francês.



|                       |      |
|-----------------------|------|
| Língua Portuguesa     | 31 % |
| Literatura Portuguesa | 1 %  |
| Filosofia             | 47 % |
| Matemática            | 1 %  |
| Física                | 5 %  |
| Química               | 7 %  |
| Biologia              | 20 % |
| História              | 9 %  |
| Geometria             | 1 %  |
| Geologia              | 15 % |
| Economia              | 3 %  |
| Inglês                | 3 %  |
| Espanhol              | 3 %  |
| Francês               | 1 %  |
| Psicologia            | 10 % |
| Outra                 | 29 % |

Gráfico 16 - Área que recorrem mais à prática do plágio

Conforme os dados, a prática do plágio não é exclusiva de uma disciplina, como filosofia e língua portuguesa onde o plágio é mais frequente.

#### 5.4- Analisar as causas e consequências do plágio no Ensino Secundário.

Analisar as causas e as consequências do plágio no ensino secundário também foi propósito no nosso trabalho. Para tal, procedeu-se à descrição mais pormenorizada dos objetivos específicos a seguir enumerados.

Aspirámos saber se os alunos se preocupavam com a fonte de informação (blogues, sites, redes sociais, revistas científicas, jornais, ...). Se as fontes eram ou não fontes seguras e fedignas.

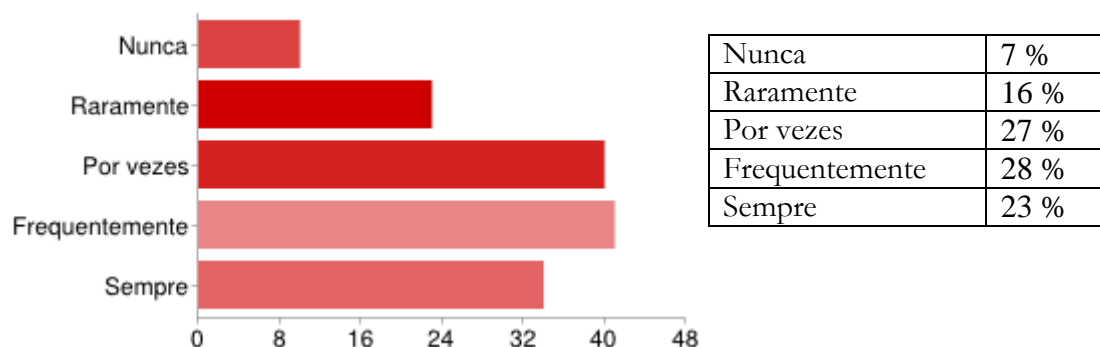


Gráfico 17 - Preocupação por parte dos alunos com a fonte da informação recolhida

Então neste sentido e em relação ao facto de os alunos se preocuparem ou não com a fonte da informação onde fazem as recolhas, e através do gráfico 17, conseguimos apurar que 7%

dos alunos nunca se preocupa com a fonte da informação, já 16% dos alunos raramente se preocupa com a fonte da informação, enquanto que 27% dos alunos se preocupa com a fonte da informação onde recolhe os dados, 28% dos alunos preocupa-se frequentemente e 23% dos alunos preocupa-se sempre com a fonte da informação onde vai recolher dados.

Quando analisamos as causas que podem levar os alunos a recorrer à prática de plágio, conseguiu-se enumerar algumas delas e questionar os alunos relativamente ao grau de importância que cada uma delas possui na opinião dos mesmos. Seguidamente, podemos analisar e observar cada uma das causas enumeradas separadamente com gráficos e dados expostos.

Em relação à causa, pela facilidade que a Internet oferece para copiar informação, e como nos é representada pelo gráfico 18, averiguamos que 16% dos alunos acha esta causa nada importante, 15% dos alunos refere pouco importante, 31% dos alunos considera algo importante, 26% dos alunos bastante importante e 12% dos alunos considera esta causa muito importante para recorrer à prática do plágio.

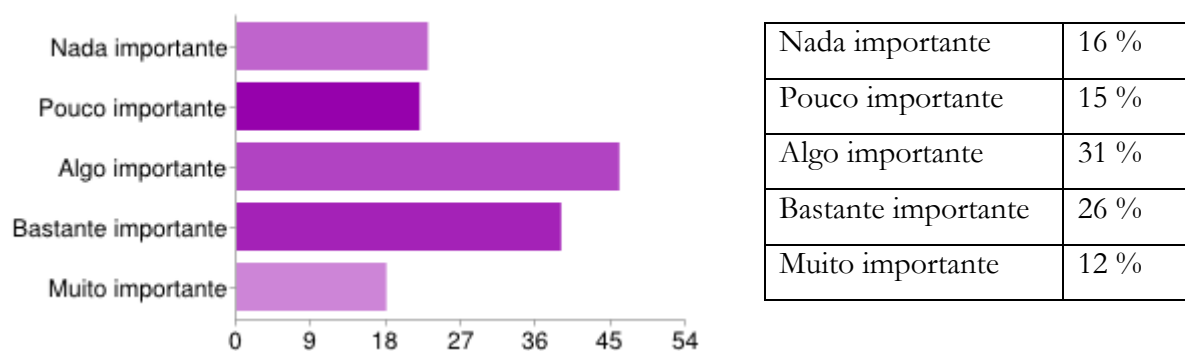


Gráfico 18 - Pela facilidade que a Internet oferece para copiar informação

Como podemos constatar e analisando o gráfico 19, e relativamente à causa, por falta de tempo, conseguimos verificar que 7% dos alunos a considera nada importante. 28% dos alunos a acha pouco importante, já 35% dos alunos a refere como sendo algo importante, 20% dos alunos considera uma causa bastante importante e 9% dos alunos muito importante para se recorrer à prática do plágio.

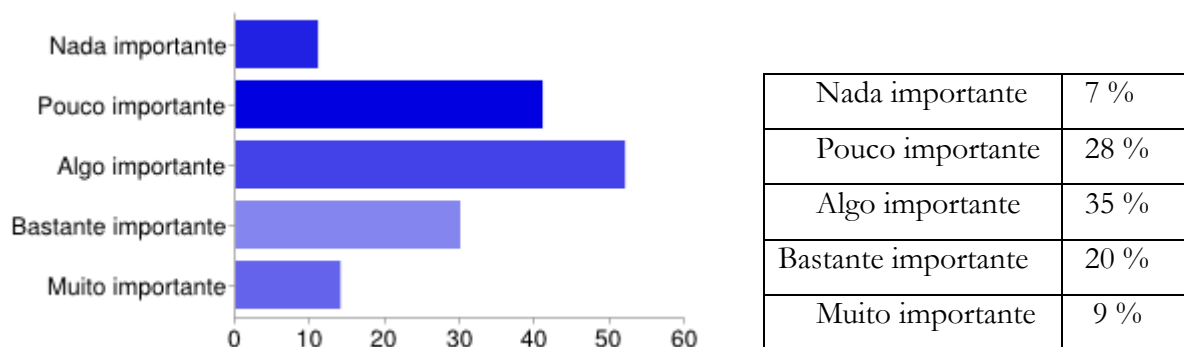


Gráfico 19 - Por falta de tempo para escrever o trabalho

Através do gráfico 20, e relativamente à causa porque os professores não se interessam pelo facto do trabalho estar copiado, segundo a opinião dos alunos, podemos referir que 33% dos alunos a acha nada importante. Que 39% dos alunos consideram esta causa pouco importante; 18% dos alunos tem a opinião como sendo algo importante, 7% dos alunos tem-na como bastante importante e apenas 3% dos alunos consideram a causa de os professores não se interessarem pelo facto do trabalho estar copiado muito importante.

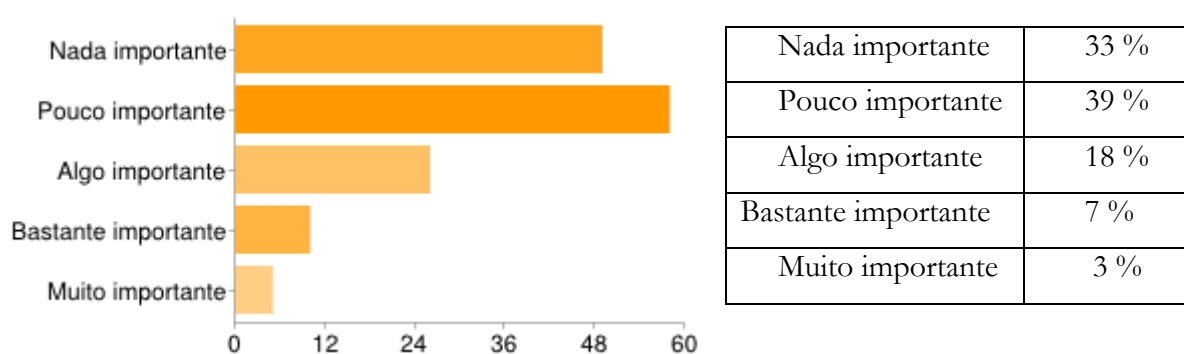


Gráfico 20 - Porque os professores não se interessam pelo facto do trabalho estar copiado

Analisando o gráfico 21, e relativamente à causa porque todos os colegas o fazem de forma natural, averiguamos que 26% dos alunos acha esta causa nada importante. Que 43% dos alunos encontra que esta causa seja pouco importante, 24% dos alunos refere-a como sendo algo importante, 4% dos alunos bastante importante e apenas 3% dos alunos considera que a causa de todos os colegas o fazerem de forma natural muito importante no recurso à prática do plágio.

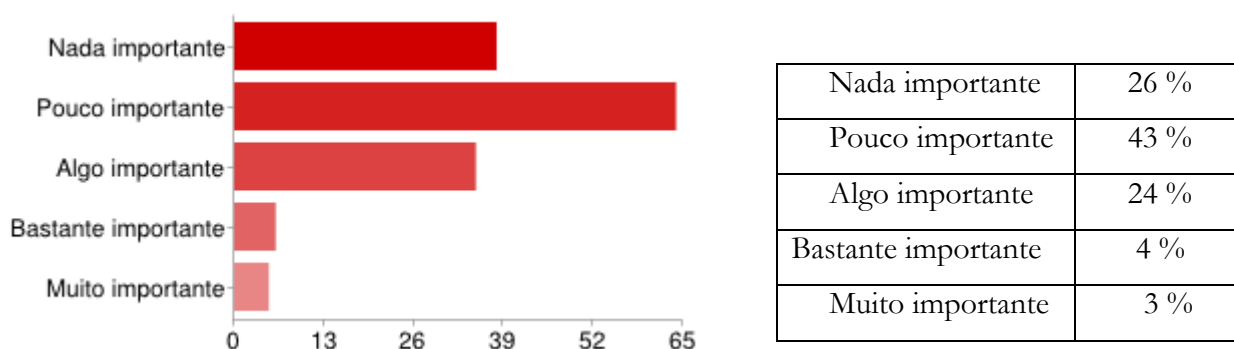


Gráfico 21 - Porque todos os colegas o fazem de forma natural

Relativamente à causa porque costumo deixar os trabalhos para a última hora, exposta no gráfico 22, podemos concluir que 26% dos alunos acham esta causa nada importante, enquanto que 43% dos alunos a acha pouco importante. Já 24% dos alunos referem-na como algo importante, 4% dos alunos dizem ser bastante importante e finalmente 3% dos alunos considera-a muito importante na prática do plágio.

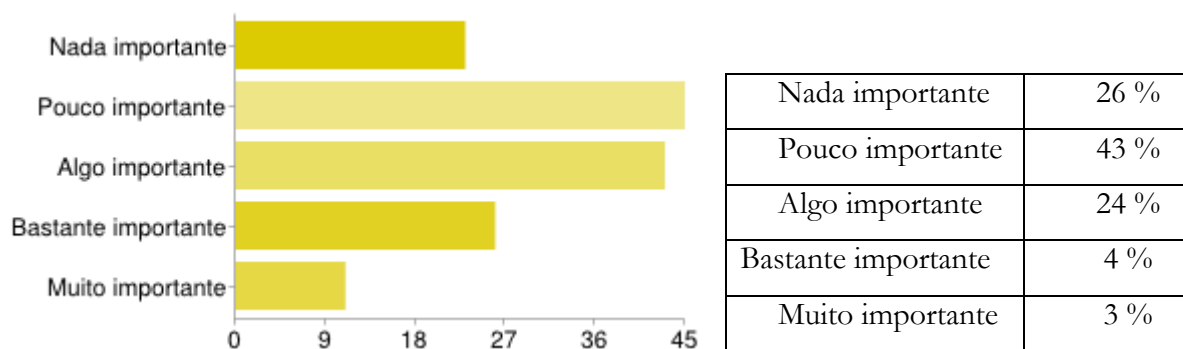


Gráfico 22 - Porque costumo deixar os trabalhos para a última hora

Observando o gráfico 23, e relativamente à causa porque os professores não costumam fornecer regras para realizar os trabalhos, podemos verificar que 21% dos alunos inquiridos consideram esta causa nada importante. Já 42% dos alunos refere-a como pouco importante, mas 27% dos alunos julgam-na ser algo importante, 7% dos alunos dizem que é bastante importante e finalmente 3% dos alunos acham esta causa muito importante na tomada de decisão de recorrer ao plágio.

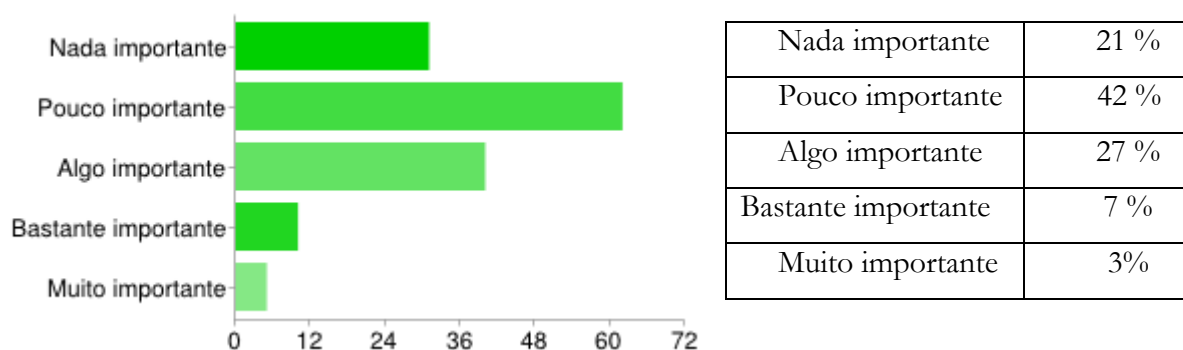


Gráfico 23 - Porque os professores não costumam fornecer regras para realizar os trabalhos

Em relação à causa porque não tenho grande capacidade de escrita, e recorrendo à análise do gráfico 24, podemos apurar que 26% dos alunos encontra esta causa nada importante. Enquanto que 39% dos alunos a refere como pouco importante, mas 27% dos alunos acha-a algo importante, 6% considera-a bastante importante e, por fim, podemos dizer que apenas 2% dos alunos admite que esta causa é muito importante para decidir plagiar.

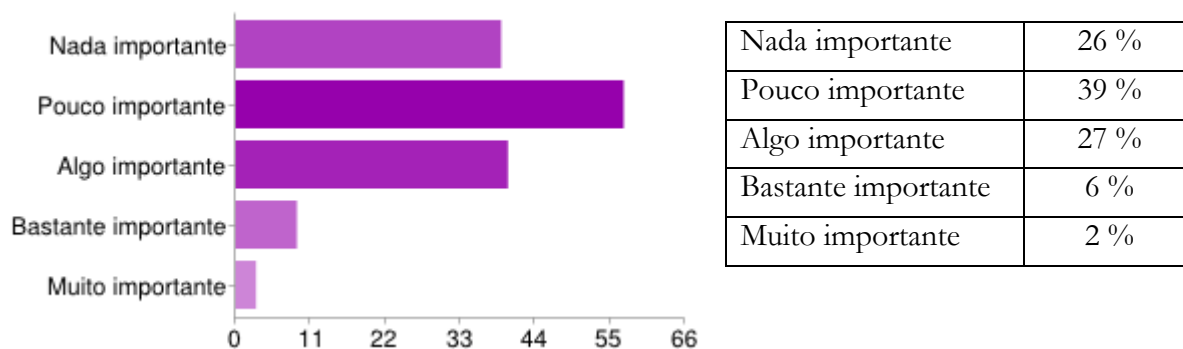


Gráfico 24 - Porque não tenho grande capacidade de escrita

Como podemos constatar pela leitura do gráfico 25 e relativamente à causa porque os trabalhos são muitos complicados de fazer, concluímos que 18% dos alunos acha-a nada importante. Agora 37% dos alunos encontra que esta seja pouco importante, 32% dos alunos refere-a como algo importante, 9% dos alunos pensa ser bastante importante e finalmente apenas 4% dos alunos considera esta causa muito importante, ou seja pensam que os trabalhos são complicados de fazer daí o terem de recorrer ao plágio.

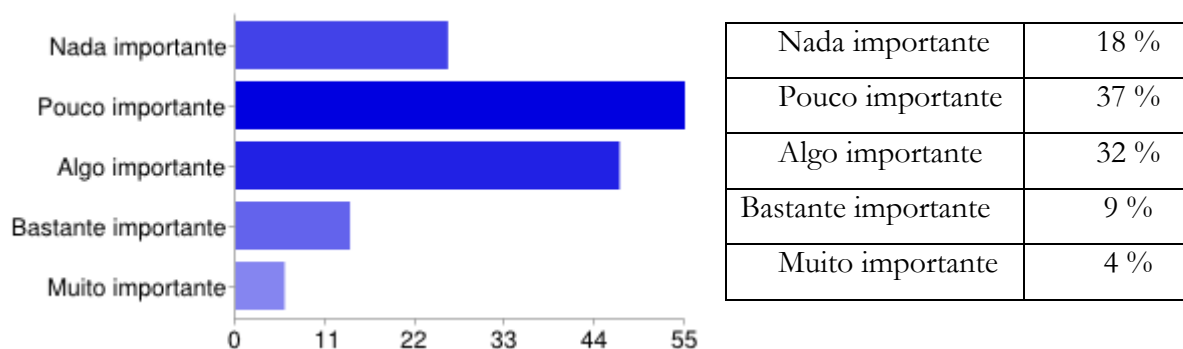


Gráfico 25 - Porque os trabalhos são muito complicados de fazer

Quando analisamos o gráfico 26 verificamos que, em relação à causa porque tudo o que existe na Internet pode ser copiado livremente, 24% dos alunos considera-a nada importante. Percebemos também que 25% dos alunos refere-a como sendo pouco importante, já 20% dos

alunos acha que esta causa é algo importante, porém também a mesma percentagem de alunos diz ser bastante importante. Por seu lado, 11% dos alunos menciona-a de muito importante quando decide recorrer ao plágio.

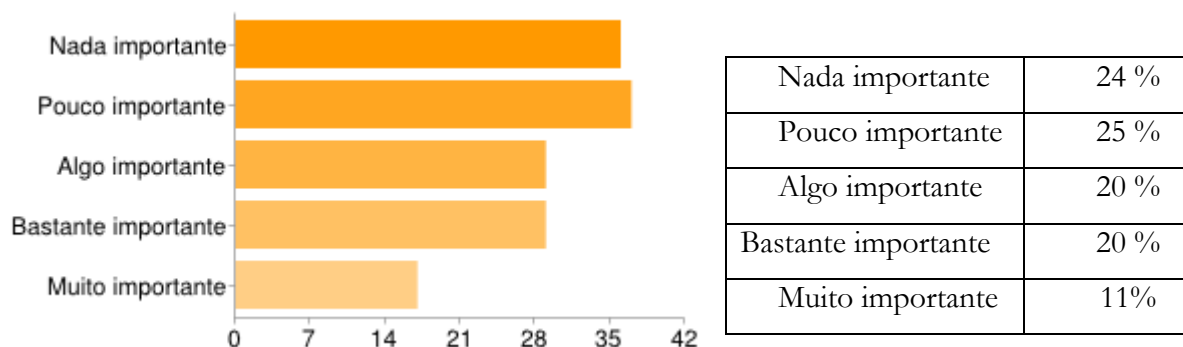


Gráfico 26 - Porque tudo o que existe na Internet pode ser copiado livremente

Mediante os dados apresentados no gráfico 27, que se refere à causa porque nos trabalhos copiados a classificação costuma ser melhor, podemos constatar que 28% dos alunos reconhece-a como nada importante. 32% dos alunos encontra que esta causa seja pouco importante, já 22% dos alunos menciona-a de algo importante e 6% dos alunos diz ser muito importante relativamente ao plágio.

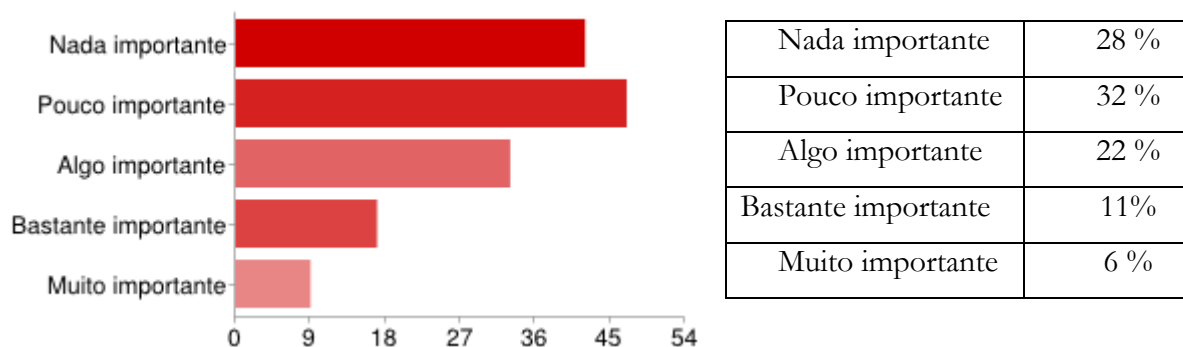


Gráfico 27 - Porque nos trabalhos copiados a classificação costuma ser melhor

Após a análise do gráfico 28, que se refere à causa porque os professores não orientam na realização dos trabalhos, apuramos que 21% dos alunos considera esta causa nada importante. 34% dos alunos acha que esta é pouco importante, 29% dos alunos refere-a como algo importante, 14% dos alunos considera-a muito importante e um número reduzido de alunos mais propriamente 2% dos alunos julga que esta causa relativamente ao plágio é muito importante.

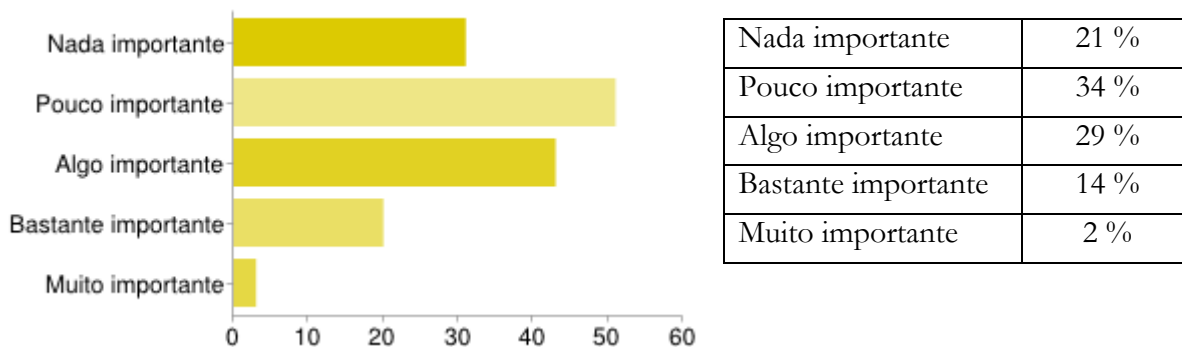


Gráfico 28 - Porque os professores não orientam na realização dos trabalhos

Comentando a causa porque se pode fazer um melhor trabalho com menos esforço, e com a ajuda do gráfico 29, verificamos que 18% dos alunos acha-a nada importante. Podemos observar também que 36% dos alunos refere-a como pouco importante. Já 24% dos alunos menciona-a de algo importante, 14% dos alunos concorda que esta seja bastante importante e somente 7% dos alunos expõe esta causa de muito importante no recurso à prática de plágio.

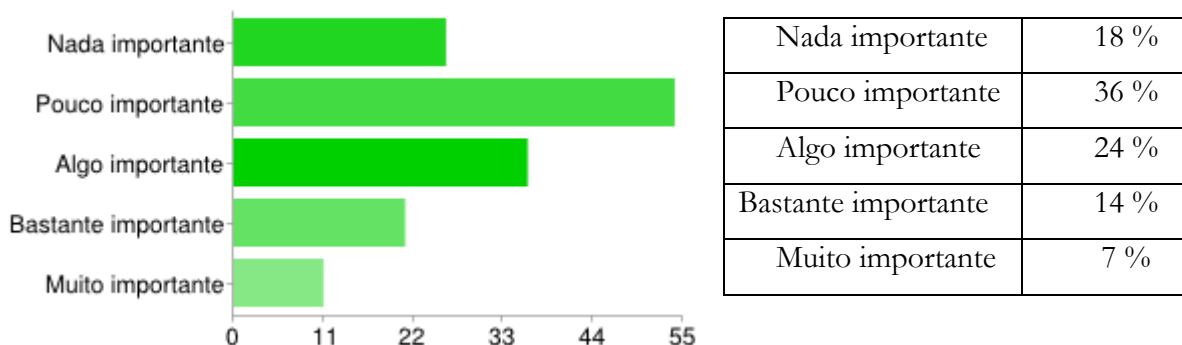


Gráfico 29 - Porque se pode fazer um melhor trabalho com menos esforço

Explanando a causa porque os prazos para a realização dos trabalhos costumam ser curtos, e com a ajuda dos dados que podemos observar no gráfico 30, conseguimos verificar que 16 % dos alunos a considera nada importante. Que 30% dos alunos referem esta causa como pouco importante; em contrapartida, 31% dos alunos dá algum destaque à causa mencionando-a de algo importante. Um número não menos importante de alunos, mais propriamente 11% dos alunos julga esta causa bastante importante e muito importante para os apontar a recorrer à prática de plágio.

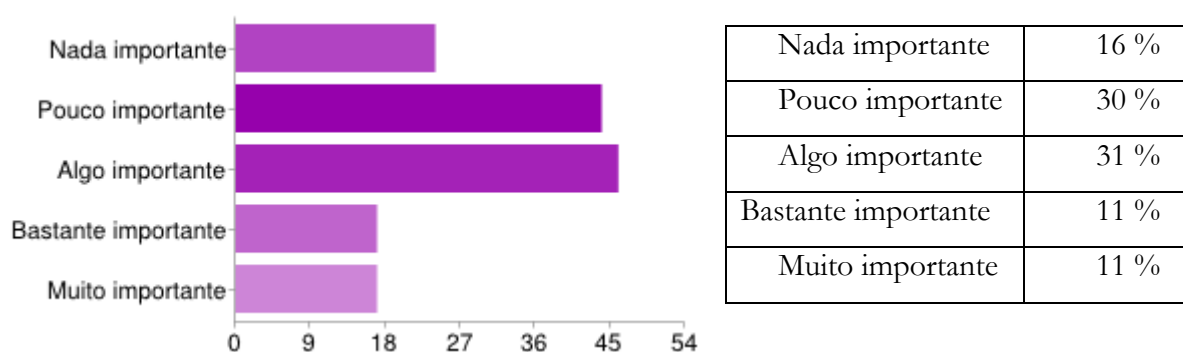


Gráfico 30 - Porque os prazos para a realização dos trabalhos costuma ser curto

Em relação à causa porque a escola não nos informa das consequências do plágio, recorrendo ao gráfico 31, podemos apurar que 18% dos alunos considera-a nada importante. Por seu lado, 26% dos alunos refere a causa como pouco importante, mas 30% dos alunos acha que é algo importante. Já 16% dos alunos encontra que esta seja bastante importante e, por último, mas com alguma relevância verificamos que 11% dos alunos menciona que esta causa é muito importante na decisão de plagiar ou não.

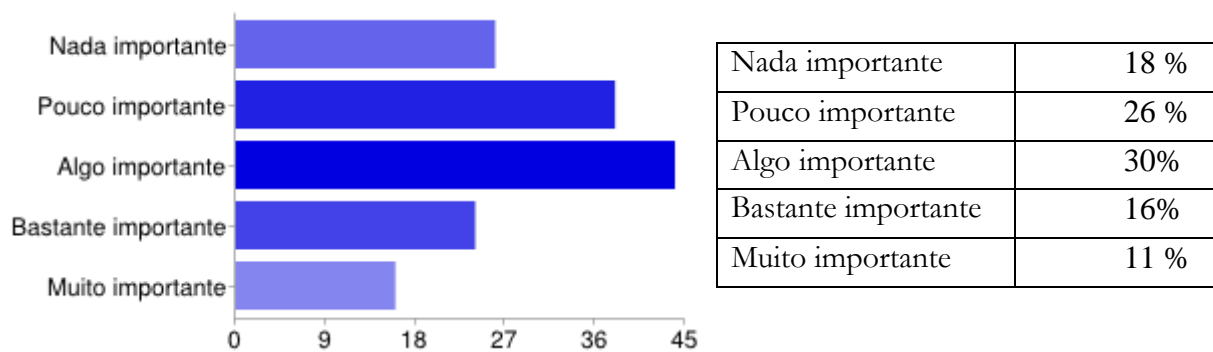


Gráfico 31 - Porque a escola não nos informa das consequências do plágio

Se observarmos o gráfico 32 que expõe a causa, pela facilidade que hoje existe de partilhar, copiar e colar informação, constatamos que 12% dos alunos admite esta causa ser nada importante. Por seu lado, 20% dos alunos acha-a pouco importante, 32% dos alunos refere-a como algo importante, 22% dos alunos acredita que a causa em análise é bastante importante e finalmente 14% dos alunos considera muito importante esta causa para recorrer à prática do plágio.

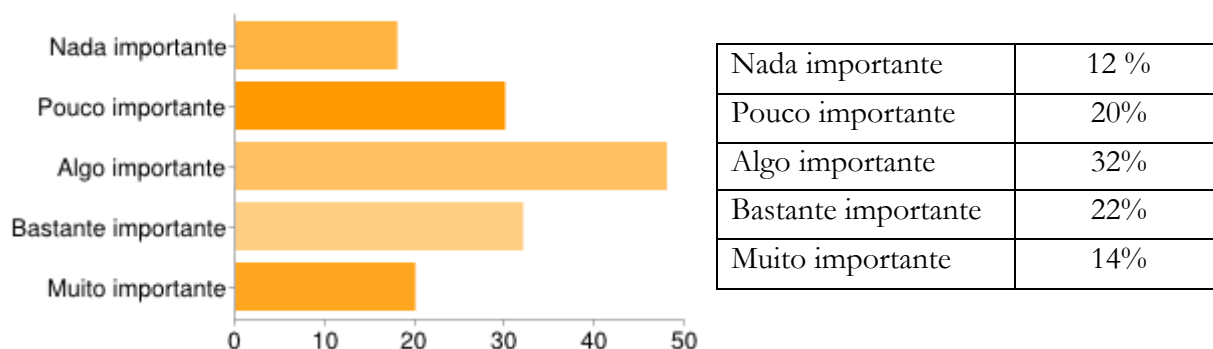


Gráfico 32 - Pela facilidade que hoje existe de partilhar, copiar e colar informação

Na análise ao gráfico 33, referente à causa porque domino muito bem a Internet e tecnologias associadas, podemos concluir que 16% dos alunos julga-a nada importante. Por outro lado, verificamos que 36% dos alunos encontra que esta seja pouco importante, enquanto que 28% dos alunos dizem ser algo importante. Continuando a análise, apuramos

que 14% dos alunos avalia esta causa como bastante importante, e para 7% dos alunos concluímos que a causa referida é muito importante para determinar se aderem à prática do plágio.

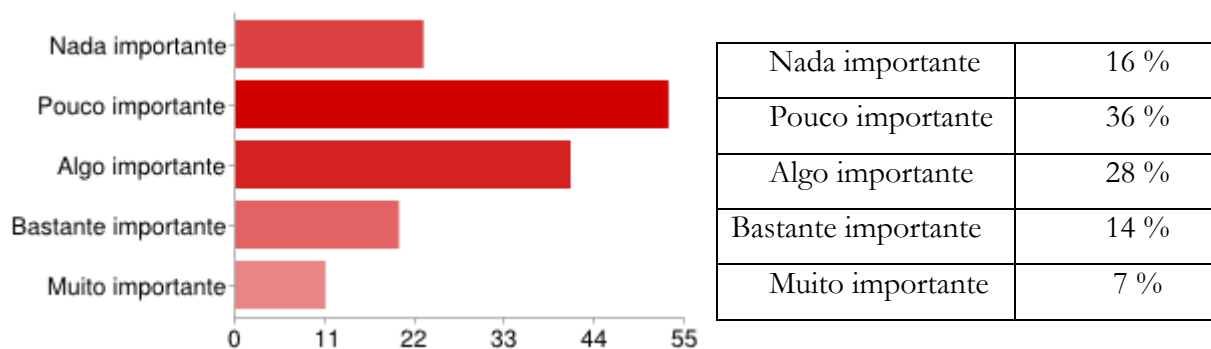


Gráfico 33 - Porque domino muito bem a Internet e tecnologias associadas

Relativamente à causa porque já o fazia no ensino básico, apoiando-nos no gráfico 34, certificamos que 39% dos alunos considera esta causa nada importante. Pouco importante é referida por 31% dos alunos inquiridos. Continuando a nossa análise ao gráfico, verificamos que 17% dos alunos expõe esta causa como algo importante. Num número mais reduzido de alunos, averiguamos que 7% dos alunos dizem que é bastante importante e 5% dos alunos atesta a causa em análise de muito importante no que respeita ao facto de plagiar.

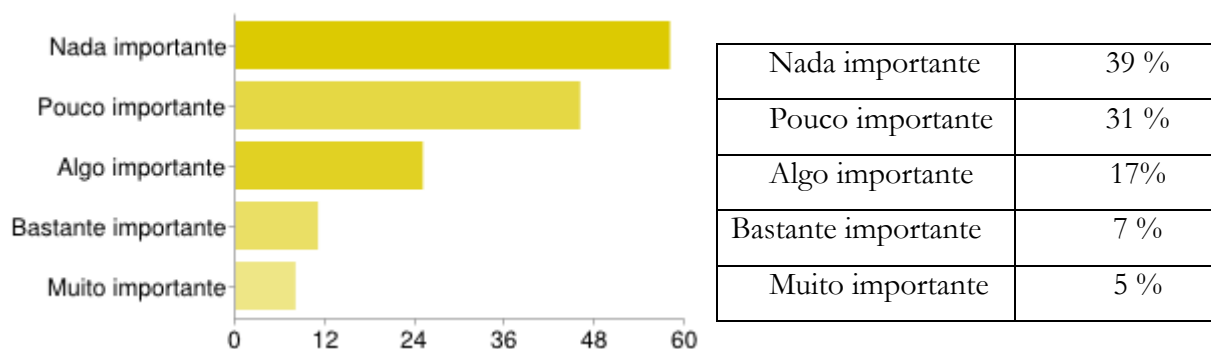


Gráfico 34 - Porque já o fazia no Ensino Básico

## 5.5- Verificar as consequências derivadas da prática do plágio.

Neste objetivo faremos uma tentativa em esclarecer as consequências derivadas da prática de plágio. Abordando a questão se o plágio contribui ou não para o aumento dos conhecimentos dos alunos.

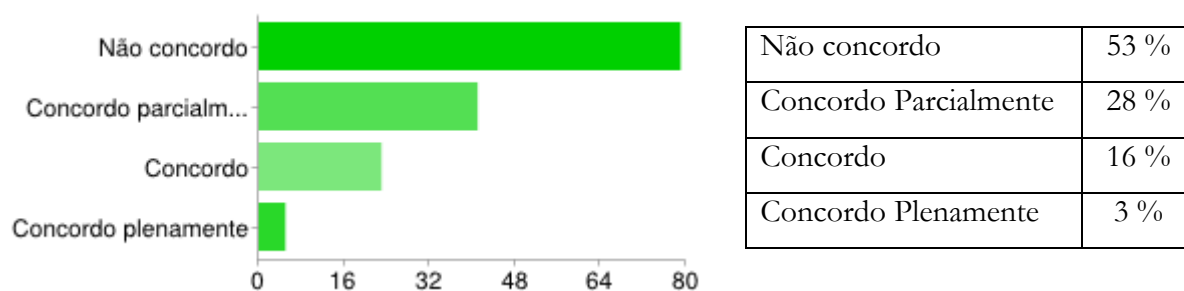


Gráfico 35 - O plágio contribui para o aumento dos conhecimentos científicos dos alunos

Relativamente à questão se o plágio contribui para o aumento dos conhecimentos científicos dos alunos, e analisando o gráfico 35, podemos verificar que a maioria dos alunos mais propriamente 53% referenciou não concordar. Já 28% dos alunos disse concordar parcialmente, 16% dos alunos concorda e um número reduzido mais precisamente 3% dos alunos diz concordar plenamente com a questão abordada.

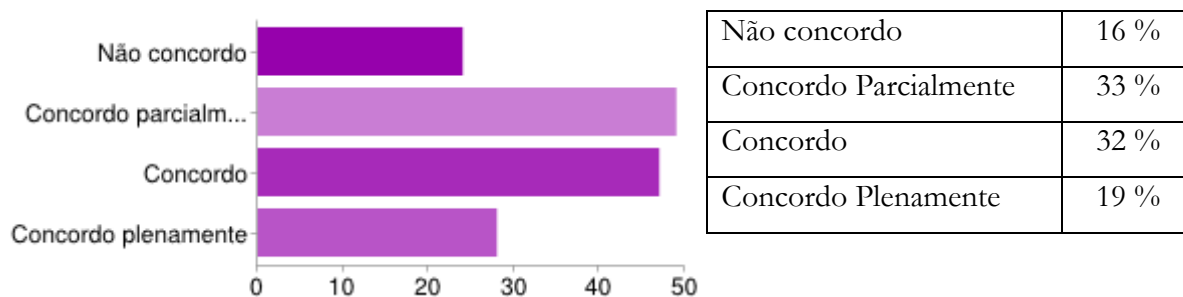


Gráfico 36 - O plágio é uma prática que deveria ser eliminada das escolas porque é desonesta

Através do gráfico 36 que nos apresenta os dados relativos ao assunto, o plágio é uma prática que deveria ser eliminada das escolas porque é desonesta, averiguamos que os alunos estiveram um pouco divididos nas suas respostas. Então 16% dos alunos expôs não concordar, mas 33% dos alunos mencionou concordar parcialmente. 32% dos alunos afirmou concordar com esta questão e 19% dos alunos, quanto a nós um número considerável disse concordar plenamente com a eliminação do plágio nas escolas.

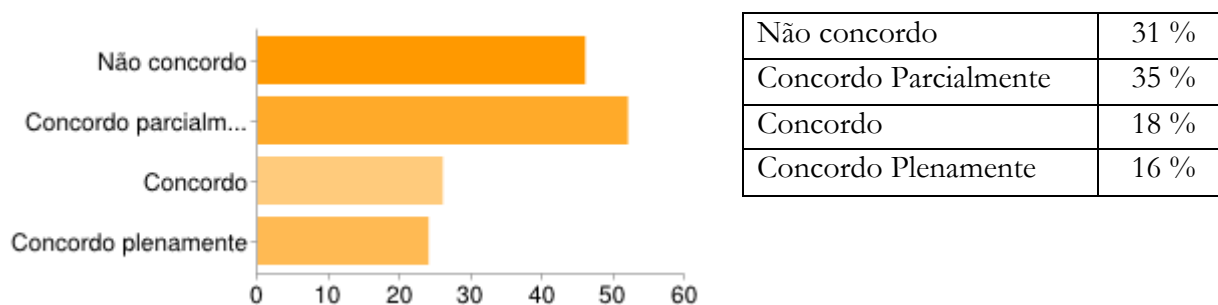


Gráfico 37 - A prática do plágio ajuda a obter melhores classificações nas disciplinas

Ao observamos o gráfico 37, que se refere à questão a prática do plágio ajuda a obter melhores classificações nas disciplinas, conseguimos ver que 31% dos alunos não concorda. 35% dos alunos concorda parcialmente, 18% dos alunos concorda e 16% diz concordar plenamente com a questão acima referida.

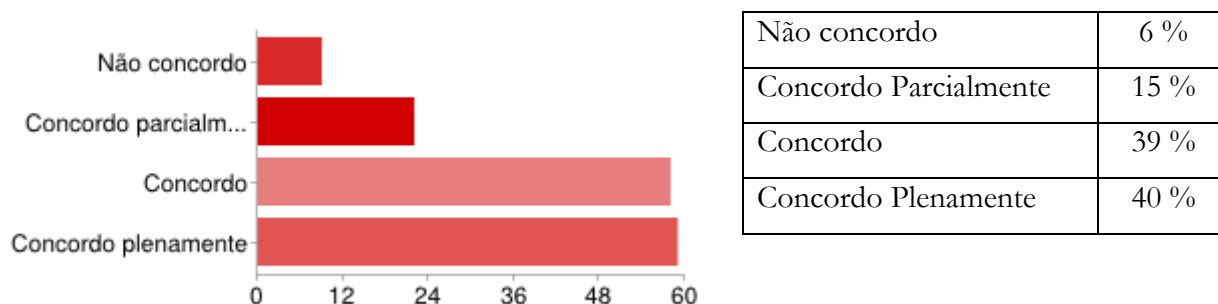


Gráfico 38 - Os professores devem ensinar os alunos a consultar e organizar informação seja de que fonte for: Internet, pesquisa bibliográfica, comunicação social, etc.

Quando analisamos o gráfico 38, referente à discussão se os professores devem ou não ensinar os alunos a consultar e organizar informação seja ela de que fonte for, conseguimos perceber que uma minoria de alunos mais exatamente 6% não concorda. 15% dos alunos concorda parcialmente mas, como podemos verificar no gráfico, a maior parte dos alunos acha que os professores devem-nos ensinar a consultar e organizar informação, demonstramos através das suas respostas que, como apuramos, 39% concordam e 40% concordam plenamente.

## 5.6- Apurar formas de combate ao plágio em ambiente escolar.

Ao investigar a razão pela qual os alunos praticam plágio, teríamos obrigatoriamente que apurar as formas de combate a esta prática cada vez mais usual em ambiente escolar. Os objetivos seguintes vão de encontro à resposta que tanto procuramos, e que será bastante útil na tentativa deste combate.

Relativamente ao conhecimento dos alunos sobre o software existente atualmente para a deteção do plágio e segundo os dados exibidos no gráfico 39, conseguimos apurar que 58% dos alunos tem conhecimento da existência desse software, mas 42% não tem qualquer conhecimento da existência de software para a deteção de plágio.

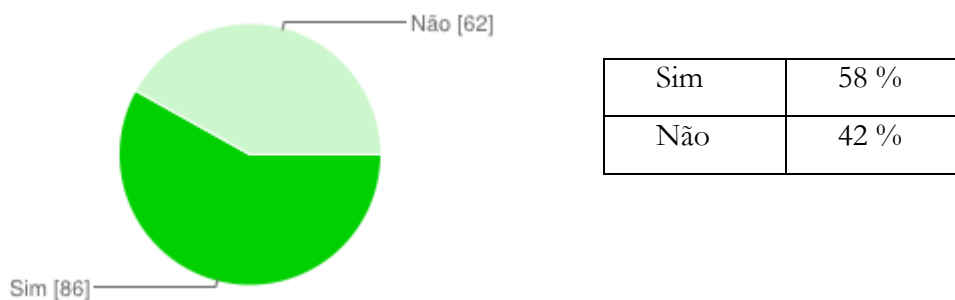
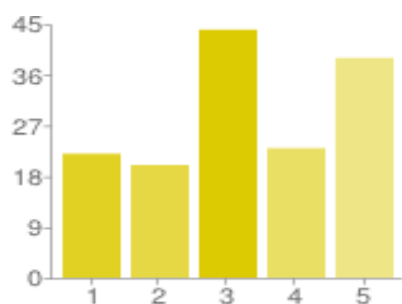


Gráfico 39 - Conhecimento dos alunos sobre o software existente para a detecção do plágio

Explanado a opinião dada pelos professores durante a entrevista, e relativamente à categoria medidas que a escola deveria adotar para combater o plágio, podemos confirmar que todos eles partilham do mesmo parecer. Achem que deve haver sempre uma forma de punição a esses alunos por mais pequena que seja, uma das medidas adotadas seria, solicitar ao aluno a defesa oral do trabalho. Uma outra, esta com um grau de importância elevado, seria adotar estratégias e medidas para lhes explicar o que é o plágio, ou seja, dizer-lhes o que não se deve fazer quando lhes é solicitado um trabalho de investigação. Explicando-lhes e identificando todos os passos corretos para fazer um trabalho, ensinar-lhes a fazer uma pesquisa bibliográfica, que esta serve apenas para retirar as principais ideias para depois posteriormente poderem ser aplicadas no trabalho, mas nunca copiadas na íntegra. Outra das medidas que está em prática no agrupamento em questão, é os alunos adotarem os guias de literacia que se encontram disponíveis para toda a comunidade escolar na biblioteca. Estes guias de literacia, não são mais do que normas claras para a elaboração de um trabalho, os alunos poderão também solicitar formação, essa formação é-lhes dada gratuitamente e são-lhes fornecidos os materiais e como devem mencionar, como é que devem identificar todas as situações.

Tentaremos, de forma abreviada, identificar algumas medidas para combater a prática de plágio. Uma das medidas propostas seria a anulação dos trabalhos plagiados.

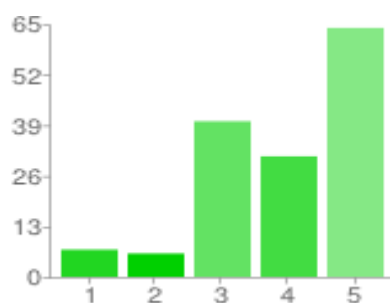


|                        |      |
|------------------------|------|
| 1- Discordo totalmente | 15 % |
| 2-                     | 14 % |
| 3-                     | 30 % |
| 4-                     | 16 % |
| 5- Concordo totalmente | 26 % |

Gráfico 40 - Os trabalhos plagiados deveriam ser anulados

Relativamente à questão se os trabalhos plagiados deveriam ser anulados, e recorrendo ao gráfico 40, constatamos que a opinião dos alunos se dividiu nos diferentes graus de concordância. Assim sendo no grau 1 discordando totalmente temos 15% dos alunos, 14% encontram-se no grau 2, no grau 3 é onde se concentra uma maior percentagem de alunos com 30%. No grau 4 temos 16% dos alunos e finalmente 26% dos alunos concordam totalmente com a anulação dos trabalhos plagiados.

Em relação à questão se as escolas deveriam consciencializar toda a comunidade escolar sobre a problemática do plágio.



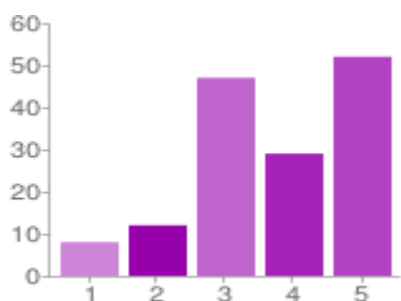
|                        |      |
|------------------------|------|
| 1- Discordo totalmente | 5 %  |
| 2-                     | 4 %  |
| 3-                     | 27 % |
| 4-                     | 21 % |
| 5- Concordo totalmente | 43 % |

Gráfico 41 - As escolas deveriam consciencializar toda a comunidade escolar sobre a problemática do plágio

Ao analisarmos o gráfico 41, relativo à questão se as escolas deveriam consciencializar toda a comunidade escolar sobre a problemática do plágio, sobre este assunto os alunos direcionaram-se mais para graus de concordância. Uma pequena percentagem de alunos

encontram-se nos graus 1 e 2 com 5% e 4% respectivamente. No grau 3 temos 27% dos alunos, 21% dos alunos posicionam-se no grau 4 e uma quantidade considerável de alunos mais especificamente 43% concordam totalmente com a questão levantada.

Questionamos também os alunos sobre se o Ministério da Educação deveria tomar medidas para que o tema fosse debatido nas escolas.

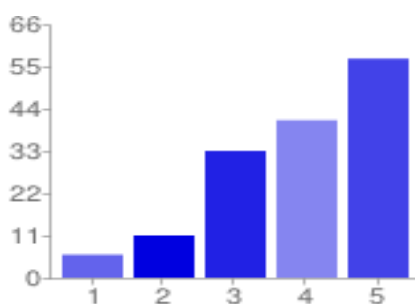


|                        |      |
|------------------------|------|
| 1- Discordo totalmente | 5 %  |
| 2-                     | 8 %  |
| 3-                     | 32 % |
| 4-                     | 20 % |
| 5- Concordo totalmente | 35 % |

Gráfico 42 - O Ministério da Educação deveria tomar medidas para que o tema fosse debatido nas escolas

Em relação à questão, se o ministério da educação deveria tomar medidas para que o tema fosse debatido nas escolas, através do gráfico 42, podemos concluir que a maioria dos alunos concorda com esta questão. Prosseguindo a análise verificamos que 5% dos alunos discorda totalmente, 8% dos alunos posiciona-se no grau 2. No grau 3 temos 32% dos alunos, 20% dos alunos no grau 4 e por fim 35% dos alunos concorda plenamente com o tema acima referido.

Foi também abordado se os professores deveriam fornecer regras claras sobre a realização dos trabalhos. Relativamente à entrevista dos professores, e reportando-nos à categoria *medidas para combater o plágio*, todos eles referiram que será cada vez mais necessário adotar medidas de combate ao plágio, sugerindo ideias como: *Proibir o plágio na elaboração de trabalhos; punir esses alunos; adotar os guias de literacia existentes na biblioteca; adotar estratégias e medidas para lhes explicar o que é o plágio.*

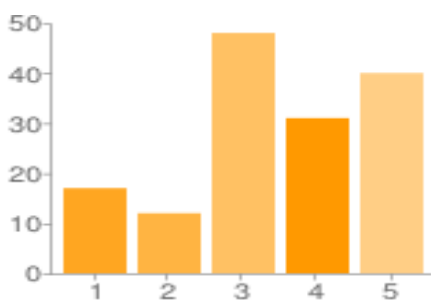


|                        |      |
|------------------------|------|
| 1- Discordo totalmente | 4 %  |
| 2-                     | 7 %  |
| 3-                     | 22 % |
| 4-                     | 28 % |
| 5- Concordo totalmente | 39 % |

Gráfico 43 - Os professores deveriam fornecer regras claras sobre a realização dos trabalhos

Examinando o gráfico 43, verificamos que relativamente à questão que os professores deveriam fornecer regras claras sobre a realização dos trabalhos, a maioria dos alunos concorda. Sendo assim, 4% dos alunos discorda totalmente, 7% dos alunos considera o grau 2, no grau 3 temos 22% dos alunos, já 28% dos alunos estão no grau 4 e finalmente 39% concordam plenamente com a questão abordada.

No que respeita à questão, se os professores deveriam acompanhar a realização dos trabalhos, a opinião dos alunos encontrou-se um pouco dividida, mas com tendências para os graus de concordância.

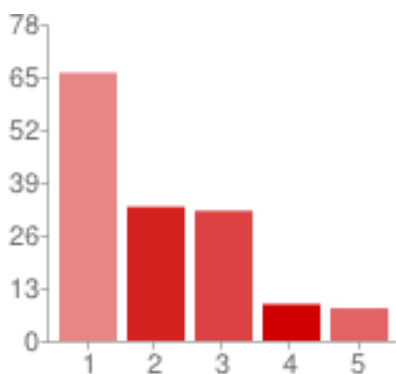


|                        |      |
|------------------------|------|
| 1- Discordo totalmente | 11 % |
| 2-                     | 8 %  |
| 3-                     | 32 % |
| 4-                     | 21 % |
| 5- Concordo totalmente | 27 % |

Gráfico 44 - Os professores deveriam acompanhar a realização dos trabalhos

Assim sendo, e observando o gráfico 44, podemos atestar que 11% dos alunos discorda totalmente, apenas 8% dos alunos está no grau 2, mas 32% dos alunos encontram-se no grau 3, 21% dos alunos no grau 4 de concordância e para finalizar 27% dos alunos concordam totalmente com o acompanhamento dos professores na realização dos trabalhos acadêmicos.

Apuramos também a discussão se os alunos plagiadores deveriam chumbar na disciplina onde cometem plágio.



|                        |      |
|------------------------|------|
| 1- Discordo totalmente | 45 % |
| 2-                     | 22 % |
| 3-                     | 22 % |
| 4-                     | 6 %  |
| 5- Concordo totalmente | 5 %  |

Gráfico 45 - Os alunos plagiadores deveriam chumbar na disciplina onde cometem plágio

Relativamente aos dados expostos no gráfico 45, que dizem respeito à questão se os alunos plagiadores deveriam chumbar na disciplina onde cometem plágio, as respostas dos alunos foram mais direcionadas para os graus de discordância. Passando à análise dos dados, verificamos que 45% dos alunos discorda totalmente, 22% dos alunos situam-se nos graus 2 e 3 e uma pequena percentagem de alunos se posicionam nos graus 4 e 5. Assim, como podemos ver 6% dos alunos estão no grau 4 e 5% dos alunos concorda plenamente que os alunos plagiadores deveriam ser punidos com uma reprovação à disciplina onde cometem o plágio.

Na última questão do inquérito, foi solicitado aos alunos para que manifestassem a sua opinião sobre o plágio. Analisando todas as respostas, conseguimos verificar que quase todos os alunos condenam a prática de plágio, apelidando-o como uma forma desonesta. No entanto, alguns alunos dizem que o plágio é útil e que muitas vezes é a solução para os seus

problemas, uma vez que os trabalhos são muitos e os prazos apertados. Alguns referem mesmo que o plágio ajuda os alunos a obter mais conhecimentos. Mencionam também que é injusto para quem se esforça, e que quem o pratica obtém resultados sem qualquer tipo de esforço. É referido também que a escola e os professores deveriam fornecer mais informações acerca do plágio, e que os alunos que o praticam deviam ser penalizados.

## Conclusão

Ao finalizarmos este trabalho, e depois de fazer a revisão bibliográfica, criamos a percepção de que a prática do plágio, bastante estudada a nível de ensino superior, se torna cada vez mais premente o seu estudo a níveis de ensino precedentes, a fim de tornar esse fenómeno mais consciente e poder evitar a sua prática. Atualmente, os alunos, através da Internet, conseguem aceder a toda uma diversidade de fontes e recursos, que lhes possibilitam uma maior facilidade do seu usufruto, muitas vezes de forma menos consciente e correta, no seu processo de ensino aprendizagem. O computador e a Internet, ao colocarem a informação à distância de um clique e ao permitirem o copiar e colar de forma rápida, surgem, para aqueles que fazem uma utilização menos própria da Internet, como instrumentos facilitadores e até muitas vezes promotores da prática de plágio por parte dos alunos. Por estas razões e concordando com Junior (2007), que refere que *O computador e a Internet, enquanto ferramentas de informação, foram sem dúvida as tecnologias que tiveram aceitação mais rápida e que continuam a ser implementadas e aperfeiçoadas a cada dia, penetrando em todas as esferas sociais* (p.25).

Porém, apesar da consciência desta prática ser evidente a nível de ensino superior, estamos cientes que a nível do ensino Básico e Secundário não tem sido dada a devida importância a esta prática do plágio.

É essencial que a escola crie condições para que os alunos possam ser alertados e informados sobre a ilegalidade da prática do plágio. Devem consciencializar-se os alunos a adotar guias de literacia para a elaboração de trabalhos, adotar estratégias e medidas para ficarem esclarecidos sobre a prática de plágio. É necessário que os alunos desenvolvam estratégias para realizar trabalhos de investigação bem como fazer uma boa pesquisa bibliográfica. Todo este processo é convenientemente para o benefício dos alunos e até da própria escola, de forma a transformar a instituição escolar numa instituição de aquisição de conhecimentos e desenvolvimento de competências, onde a tecnologia de suporte, mais propriamente a Internet, é utilizada para a aquisição desses conhecimentos e competências, e que seja unicamente para os auxiliar no processo ensino aprendizagem, assim como a comunicar, interagir e aprender dentro e fora da escola. Por isso não poderíamos concordar mais com Campos (1994) que refere que, *A utilização da tecnologia informática em todas as áreas do currículo virá a ter um forte impacto nas intenções e objetivos curriculares, nas estratégias de ensino e no ambiente de aprendizagem* (p.13). Mas também temos de referenciar que toda a comunidade escolar se deverá mobilizar para fazer com que estas novas tecnologias, principalmente a

Internet, sejam utilizadas de forma correta e benéfica para todo o processo de ensino aprendizagem.

No nosso estudo, o primeiro objetivo que colocámos foi o de conhecer o nível de consciência dos alunos e dos professores relativamente à ilegalidade da prática de plágio. Conseguimos constatar que alguns alunos se podem considerar informados sobre o plágio em contexto escolar, embora ainda haja uma preocupante percentagem de alunos que nos pareceu desconhecer o plágio académico. Comparativamente, o conhecimento do nível de consciência dos professores relativamente à prática de plágio exercida por parte dos alunos, tornou-se determinante para compreender até que ponto estes estavam devidamente informados, e quais as atitudes que tomavam relativamente a esta emblemática questão. Da informação obtida através das entrevistas feitas aos professores conseguimos verificar que estes estão informados e conscientes das práticas de plágio exercidas pelos alunos. Já quanto às atitudes que tomam numa situação de plágio, os professores mencionaram que simplesmente confrontavam o aluno, e faziam com que o aluno apresentasse oralmente o trabalho. Alguns professores, por outro lado, ajudavam o aluno a ter uma perceção do que é o plágio, demonstrando-lhes que plágio é um crime e levavam exemplos de trabalhos plagiados para eles poderem consultar.

O facto de os nativos digitais (Prensky, 2001) dominarem algumas tecnologias, nomeadamente a Internet, não significa que as saibam utilizar em prol de uma aprendizagem efetiva ou que as utilizem com sentido crítico. Por estas razões, conseguimos apurar que os alunos recorrem com alguma frequência à prática do plágio, embora a maioria dos alunos apenas copie frases e nunca trabalhos completos. Contudo, temos de estar conscientes que copiar frases, sem a devida citação, não deixa de ser prática de plágio.

Analisar as causas e as consequências do plágio no ensino secundário também foi propósito no nosso trabalho. Quando analisamos as causas que podem levar os alunos a recorrer à prática de plágio, conseguiu-se enumerar algumas delas e questionar os alunos relativamente ao grau de importância que cada uma delas possui na opinião dos mesmos. As principais causas que os alunos referiram levá-los a recorrer mais a esta prática foram: Pela facilidade que a Internet oferece para copiar informação; Por falta de tempo para escrever o trabalho; Pela facilidade que hoje existe de partilhar, copiar e colar informação. Abordando as consequências derivadas da prática de plágio, a maioria dos alunos referiu que, uma das principais consequências que os leva à prática do plágio é: Os professores devem ensinar os alunos a consultar e organizar informação seja de que fonte for: Internet, pesquisa bibliográfica, comunicação social, etc.

Ao investigar a razão pela qual os alunos praticam plágio, tivemos obrigatoriamente que apurar as formas de combate a esta prática cada vez mais usual em ambiente escolar. Conseguimos apurar que a maioria dos alunos tem conhecimento da existência de software de detecção de plágio, mas discordava ser penalizado quando recorriam ao plágio. Por outro lado, reconhecem que o Ministério da Educação deveria tomar medidas para que o tema fosse debatido nas escolas, e também que os professores deveriam fornecer regras claras sobre a realização dos trabalhos. Em contrapartida, na opinião dos professores, confirmamos que todos eles partilhavam do mesmo parecer. Acham que deveria haver sempre uma forma de punição a esses alunos por mais pequena que fosse. Uma das medidas adotadas seria, solicitar ao aluno a defesa oral do trabalho. Uma outra, esta com um grau de importância elevado, seria adotar estratégias e medidas para lhes explicar o que é o plágio, ou seja, dizer-lhe o que não se deve fazer quando lhes é solicitado um trabalho de investigação. Ensinar-lhe a fazer um trabalho de investigação e incentivá-los a utilizar os guias de literacia que se encontram disponíveis para toda a comunidade escolar na biblioteca.

Finalmente, em resposta ao tema colocado, o plágio, em contexto escolar no ensino secundário, assume-se que os alunos recorrem com alguma frequência a esta prática e que, como consequência, poderão continuar estes hábitos no Ensino Superior. Torna-se verdadeiramente importante que toda a comunidade escolar se consciencialize que a prática do plágio com recurso à Internet está enraizada no grupo estudado e que, embora não seja generalizada, surge como uma prática bastante comum. Reafirmamos a partir das palavras de Moran, o interesse significativo e a importância que estas palavras têm cada vez mais na atualidade. *A internet é um novo meio de comunicação, ainda incipiente perante um mundo em tão grande mudança, mas que pode ajudar-nos a rever, a ampliar e a modificar muitas das formas atuais de ensinar e aprender* (, 2010, p.63).

## Limitações da investigação

Com este estudo de caso não chegámos, como afirma Stake (1998), *a uma compreensão inteiramente nova, mas a uma compreensão mais precisa* de uma realidade, nomeadamente saber e conhecer as práticas de plágio no ensino secundário e a forma como essa prática se insere cada vez mais no processo de ensino aprendizagem.

Esta investigação, tal como sucede nas mais diversas investigações, apresenta-se com algumas limitações. Desta forma reconhecemos as seguintes.

- Apesar de ter obtido um número considerável de respostas, nem todos os alunos preencheram o inquérito;

- Teremos também de referir, que não foram muitos os professores que se disponibilizaram para a entrevista;

- Tempo limitado. Clarificando, o tempo disponível para desenvolver um trabalho desta natureza, é pouco compatível com o semestre dado pela instituição para elaborar o trabalho final de mestrado;

- Uma outra limitação desta investigação, foi a demora da autorização da DGIDC (Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular), isto implicou que não pudéssemos começar previamente esta investigação, uma vez que ainda estivemos um tempo considerável à espera, sem poder iniciar a investigação no terreno.

Relativamente a futuras investigações, poder-se-á, investigar e conhecer as práticas do plágio nos ensinos do 1º, 2º e 3º ciclos. Assim, poder-se-ia verificar a evolução existente da prática do plágio nos diferentes graus de ensino. Parece-nos também pertinente apurar o conhecimento que os alunos possuem relativamente à ilegalidade desta prática, nas diferentes idades.

## Referências Bibliográficas

- Arsac, Jacques (1993). *A Ciência e o Sentido da Vida*. Librairie Arthème Fayard.
- Ascensão, J. de Oliveira (2008)a. *Direito civil: direito de autor e direitos conexos*. Reimpressão. Coimbra, Coimbra Editora. ISBN 972-32-0476-2.
- Ascensão, J. de Oliveira. (2008)b. *O direito de autor e a Internet: em particular as recentes orientações da Comunidade Europeia*. In: Direito da Sociedade de Informação. Vol.7. Coimbra, Coimbra Editora, p.9-26. ISBN 978-972-32-1597-7.
- Bandeira, José (7 de Agosto 1998). *Violência nos Media tem Razões Culturais*, UNESCO Divulga Resultados de um Inquérito Mundial sobre o Impacto da TV em Diversos Contextos Sociais. In Jornal de Notícias
- Bell, J. (1997). *Como Realizar um Projeto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bogdan, Robert; Biklen, Sari (1994). *Investigação Qualitativa em Educação, Coleção Ciências da Educação, Porto*: Porto Editora
- Borges, M. M. (2008). *A propriedade intelectual: do direito privado ao bem público*. Universidade de Coimbra.
- Campos, L (1994). *O Computador na Escola*. Editorial Presença. Lisboa.
- CLARA, Coutinho & JOSÉ, Chaves (2002). O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal. Revista Portuguesa de Educação, 15(1), pp. 221-244.CIED - Universidade do Minho
- Dicionário. (2008). Porto: Porto Editora.
- Diogo, J. (1998). *Parceria Escola – Família. A Caminho de uma educação participada*. Porto: Porto Editora.
- Fletcher, T. (1983). *Microcomputers and Mathematics*. Department of Education and Science. Londres.
- Fortin, M. (1999) e (2003). *O processo de investigação: da conceção à realidade*. Loures: Lusociência.
- Haddon, S. L. (Junho de 2009). Projeto EU Kids Online.
- Galanter, Eugene (1984). *Crianças e Computadores*. Gradiva – publicações, Lda. Lisboa.
- Gil, A. (1995). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Editora Atlas.
- Gil, A. (1994). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Editora Atlas.
- Gillham, Bill (2000). *Case study research methods*. London : Continuum
- Gomez, Gregorio R; Flores, Javier; Jimènez, Eduardo (1996). *Metodologia de la Investigacion Cualitativa*. Malaga: Ediciones Aljibe

- Guba, Egon; Lincoln, Yvonna (1994). *Competing paradigms in qualitative research* In Denzin, Norman. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications
- Lazar, Judith (1987). *Escola, Comunicação e Televisão*. Rés-Editora: Porto.
- Lévy, Pierre (1987). *A Máquina Universo: Criação, Cognição e Cultura Informática*. Éditions La Découverte.
- Lévy, Pierre (1990). *As Tecnologias da Inteligência – O Futuro do Pensamento na Era Informática*. Éditions La Découverte. Instituto Piaget. Lisboa.
- Matos, J. F. & Carreira, S. P. (1994). *Estudos de caso em Educação Matemática – Problemas actuais*. Quadrante
- Marques, Ramiro (2001). *Saber educar, guia do professor*. Editorial Presença. Lisboa.
- Meirinhos, M., & Osório, A. (2010). *O estudo de caso como estratégia de investigação em educação*. EDUSER: revista de educação, Vol 2(2), 2010 Bragança: Escola Superior de Educação de Bragança
- Merriam, Sharan B.(1988). *Case Study Research in Education: a Qualitative Approach*: San Francisco. Jossey Bass.
- Moran, J. M. (2010). *Ensino e Aprendizagem Inovadores com Tecnologias Audiovisuais e Telemáticas*. In: Moran, J. M., Masetto, M. T, Behrens, M. A. Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica. 17 Ed. Campinas, SP – Papirus.
- Oliveira Netto, Alvim António de (2005). *Novas Tecnologias & Universidade: da dialéctica tradicionalista à inteligência artificial: desafios e armadilhas*. Editora Vozes. Petrópolis.
- Penzias, Arno (1992). *Ideias e Informação*. Gradiva – publicações, L.d<sup>a</sup>. 1<sup>a</sup> Edição. Lisboa.
- Pinto, R. (20/08/2010). *Plágios na Net à descarada*. Expresso.
- Ponte, Cristina. & Simões, José Alberto. & Jorge, Ana. & Cardoso, Daniel dos Santos. (2010). *Crianças e Internet em Portugal*. Editora Minerva. Coimbra.
- Ponte, Cristina. (2008) *Crianças e jovens online: comparando os usos da Internet e dos novos media na Europa*. VI Congresso Português de Sociologia. Mundos Sociais Saberes e Práticas. Universidade de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. 25 a 29 de Junho de 2008
- Ponte, João (1986). *O Computador um Instrumento da Educação*. Texto Editora. 3<sup>a</sup> Edição. Lisboa.
- Portugal. (1997) *Ministério da Ciência e da Tecnologia. Missão para a Sociedade da Informação*. Livro verde para a Sociedade da Informação em Portugal. Lisboa
- Prensky, M. (2001). Digital natives, digital immigrants. *On the Horizon* , 9(5).
- Punch, Keith (1998). *Introduction to Social Research: Quantitative & Qualitative Approaches*. London: SAGE Publications.

- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rochlin, Gene I. (1999). *Apanhados na net: os perigos imprevisíveis da informatização*. Publicações Europa – América. Mem Martins.
- Santos, M.E. (1991). *Mudança Conceptual na Sala de Aula*. Publicações Livros Horizonte.
- Stake, R.E.(1998). *Investigación com estudio de casos*. Madrid: Ediciones Morata.
- Tapscott, D. (1997). *Growing Up Digital: The Rise of the Net Generation*. Mcgraw-Hill.
- Vasconcelos, L., & Guedes, L. (2007). *E-Surveys: Vantagens e Limitações dos Questionários Eletrônicos via Internet no contexto da pesquisa científica*. Brasil: Globalização e internacionalização de empresas.
- Vicente, Dário Moura. (2008). *Direito de autor e medidas tecnológicas de proteção*. In: Direito da Sociedade de Informação. Vol. 7. Coimbra, Coimbra Editora, p.499-523. ISBN 978-972-32-1597-7.
- Yin, R. (1994). *Case Study Research and Methods*. Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Yin, R. (2001). *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman (2ª edição).

## Documentos online

Apel. *Gabinete do Direito de Autor*. Acedido em 09/11/2011 disponível em: <http://www.apel.pt/pageview.aspx?pageid=90&langid=1>

Comissão Europeia (1995). COM (95) 382 - *O direito de autor e os direitos conexos na sociedade de informação*. Acedido em 25/05/ 2012. Disponível em: <http://europa.eu/scadplus/leg/es/lvb/l24152.htm>

Comas, Rubén e Sureda, Jaume, 2007, *Ciber-Plagio Académico. Una aproximación al estado de los conocimientos*. Revista TEXTOS de la CiberSociedad, 10. Temática Variada. Acedido em 27/10/2011 Disponível em <http://www.cibersociedad.net/textos/articulo.php?art=121>

Direcção – Geral da Política de Justiça. *Legislação de Direitos de Autor*. Acedido em 09/11/2011 disponível em: <http://www.dgpj.mj.pt/sections/leis-da-justica/livro-iv-leis-criminais/leis-criminais/legislacao-penal-avulsa/direito-de-autor-e>

EU Kids Online, *Riscos e segurança online de crianças e jovens europeus*. Acedido em 03/11/2011 disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/>

Expresso(8 de Fevereiro de 2010) *Internet: Jovens confundem pesquisa com plágio*. Acedido em 03/11/2011 disponível em : <http://expresso.sapo.pt/internet-jovens-confundem-pesquisa-com-plagio=f562506>

Fatorelli, Carlos, *O Plágio e o plagiador*. Acedido em 03/11/2011 disponível em : <http://carlosfatorelli27013.blogspot.pt/2012/02/o-plagio-e-o-plagiador.html>

Hartmann, E. *Variações sobre Plágio. Confraria arte e literatura*. N. 8, mai/jun 2006. Acedido em 26/10/2011 Disponível em: <http://www.confrariadovento.com/revista/numero8/ensaio03.htm>>

Izidoro, Paulo. *Plágios e fraudes: sites e software*. (2008/9) Acedido em 03/11/2011 Disponível em: <http://bibliotequices.blogspot.com/2009/08/plagios-e-fraudes-sites-e-software.html>

Jornal Público, 2008-01-27. *Plágio com recurso à Internet*. Acedido em 03/11/2011 disponível em: <http://www.novaeditora.com/?n=2>

Lusa, EDUCARE, 2010-02-08. *Alunos plagam cada vez mais*. Acedido em 02/11/2011 disponível em: <http://www.educare.pt/educare/Atualidade/Noticia.aspx?contentid=7803CC2BA411DB46E0400A0AB8002557&opsel=1&channelid=0>

Morais, Tito de. *Plágio Escolar: Como o Prevenir e Combater*. 2008. Acedido em 02/11/2011 disponível em: <http://www.miudossegurosna.net/artigos/2008-05-16.html>

Morais, Rodrigo. *O plágio na pesquisa académica: a proliferação da desonestidade intelectual*. (sem data). Acedido em 05/11/2011 Disponível em <http://faculdadesocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/4/06.pdf>

*Plágio*, Acedido em 02/11/2011 disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pl%C3%A1gio>

Oblinger, D.G. e Oblinger, J.L. (2005). Introduction. In D.G. Oblinger & J.L. Oblinger (eds).

*Educating the Net Generation*. Acedido em 20/06/2012. Disponível em: [www.educause.edu/educatingthenetgen/](http://www.educause.edu/educatingthenetgen/)

Sureda, Jaume e Comas, Rubén. *También se dan casos de plagio académico entre el profesorado*. Entrevista conduzida por Marta Vázquez-Reina. 2011. Acedido em 10/11/2011. Disponível em <http://www.consumer.es/web/es/educacion/universidad/2011/05/11/200656.php>

Sureda, Jaume; Comas, Rubén e Morey, Mercè.. *Las causas del plagio académico entre el alumnado universitario según el profesorado1*. 2009. Revista Ibero-Americana de Educação, nº 50, Abril de 2009. Acedido em 10/11/2011. Disponível em <http://www.rieoei.org/rie50a10.htm>

Sureda, Jaume e Comas, Rubén. *Ciber-Plagio Académico. Una aproximación al estado de los conocimientos*. 2007. Revista TEXTOS de la CiberSociedad, 10. Temática Variada. Acedido em 10/11/2011. Disponível em <http://www.cibersociedad.net/textos/articulo.php?art=121>

## **Teses**

Junior Bottentuit, João Batista (2007) *Laboratórios Baseados na Internet: desenvolvimento de um laboratório virtual de química na plataforma MOODLE*. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

Villate, Jaime Enrique (2005) *E-learning na Universidade do Porto Caso de Estudo: Física dos Sistemas Dinâmicos*. II Workshop E-learning da Universidade do Porto.

# Anexos

## Anexo 1

### Inquérito sobre a prática do plágio em contexto escolar

Este inquérito é dirigido a alunos do Ensino Secundário. Pretende ser um instrumento de recolha de informação sobre a prática do plágio em trabalhos escolares. A informação obtida enquadra-se numa investigação final de mestrado. Na medida em que pretende compreender uma realidade, agradece-se que as respostas sejam dadas com sinceridade. O inquérito é anónimo e confidencial. Desde já obrigado pela participação.

\*Obrigatório

#### I - Dados pessoais

Indica os teus dados pessoais nas questões seguintes

1.1 - Idade \*

1.2 - Género \*

- Masculino
- Feminino

1.3 - Morada \*

- Zona urbana
- Zona Rural

1.4 - Ano de Escolaridade \*

- 10º ano

- 11º ano
- 12º ano

1.5 - Nº de anos de retenção ou reprovação \*

- Nenhum
- Um
- Dois
- Mais de dois

1.6 - Área de Estudo \*

- Curso de Ciências e Tecnologias
- Ciências Sociais e Humanas
- Ciências Socioeconómicas
- Artes Visuais
- Línguas e Literaturas
- Design
- Multimédia
- Marketing
- Administração
- Construção Civil e Edificações
- Eletrotecnia e Eletrónica
- Informática, Ordenamento do Território e Ambiente

- Ação Social e Desporto

1.7 - Possuis Internet em casa? \*

- Sim
- Não

## II - O Plágio em contexto escolar

2.1 - Já ouviste falar em plágio académico ou em contexto escolar? \*

- Sim
- Não

2.2 - Como consideras a tua informação sobre o plágio em contexto escolar? \*Escolhe o nível da escala que mais se ajusta à tua situação

1   2   3   4   5

---

Nada informado      Muito bem informado

---

2.3 - Assinala as afirmações com as quais mais concordas para definir conceito de plágio.\*

- É a utilização, por parte de alguém, de uma obra, ou parte dela, que apesar de ter sido realizada por outras pessoas, a assume como sua.
- É algo que muitos alunos praticam frente do computador, recorrendo a motores de busca da Internet e usando apenas três teclas: "Ctrl" e "C" para copiar e "Ctrl" e "V" para colar no trabalho que se vai apresentar ao professor.

- É a apresentação, como próprio, qualquer tipo de trabalho académico e não só, com conteúdo literalmente copiado ou reescrito sem a devida indicação do autor original (citação) e identificação completa do documento consultado (referência) configura plágio.
- É uma atitude desonesta e censurável que envolve prejuízo aos sujeitos envolvidos (pelo menos três pessoas: o autor, o leitor e o redator) e à instituição de ensino na qual ocorre.
- É um roubo de pensamentos, ideias, opiniões, palavras, frases, factos, dados, resultados, números e trabalho de outros, sem que o autor seja mencionado.
- É o ato de assinar ou apresentar uma obra intelectual de qualquer natureza (texto, música, obra pictórica, fotografia, obra audiovisual, etc) contendo partes de uma obra que pertença a outra pessoa sem colocar os créditos para o autor original.
- Outra:

2.4 - Com que frequência recorres ao plágio para a realização de trabalhos escolares? \*

Nunca      Raramente      Por vezes      Frequentemente      Sempre

2.5 - Em que área costumavas recorrer mais a esta prática? \*

- Língua Portuguesa
- Literatura Portuguesa
- Filosofia
- Matemática
- Física
- Química
- Biologia

- História
- Geometria
- Geologia
- Economia
- Inglês
- Espanhol
- Francês
- Psicologia
- Outra:

2.6 - Com que frequência copias trabalhos já feitos na Internet?

Nunca      Raramente    Por vezes    Frequentemente    Sempre

2.7 - Com que frequência recorres ao processo Copiar-Colar para fazer trabalhos? \*

Nunca      Raramente    Por vezes    Frequentemente    Sempre

2.8 - Com que frequência compras trabalhos já feitos? \*

Nunca      Raramente    Por vezes    Frequentemente    Sempre

2.8 - Quando utilizas informação da Internet preocupas-te com a fonte da informação (blogues, sites, redes sociais, revistas científicas, jornais, ...) \*

- Nunca
- Raramente
- Por vezes
- Frequentemente
- Sempre

2.9 - Com que frequência os professores verificam se os trabalhos entregues são plagiados? \*

Nunca      Raramente      Por vezes      Frequentemente      Sempre

|                       |                       |                       |                       |                       |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|

2.10 - Sabias que atualmente existe uma grande variedade de métodos e ferramentas para identificar se os trabalhos ou textos são copiados da Internet? \*

- Sim
- Não

### III - Causas do plágio

Assinala o teu grau de concordância com as afirmações seguintes.

3.1 - Quais as causas porque recorres ao plágio? \*

|   | Nada importante       | Pouco importante      | Algo importante       | Bastante importante   | Muito importante      |
|---|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| Pela facilidade que a Internet oferece para copiar a informação               | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Por falta de tempo para escrever o trabalho                                   | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Porque os professores não se interessam pelo facto do trabalho estar copiado  | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Porque todos os colegas o fazem de forma natural                              | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Porque costumo deixar os trabalhos para a última hora                         | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Porque os professores não costumam fornecer regras para realizar os trabalhos | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Porque não tenho grande capacidade de escrita                                 | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

Nada      Pouco      Algo      Bastante      Muito  
importante importante importante importante importante

Porque os trabalhos são muito complicados de fazer

Porque tudo o que existe na Internet pode ser copiado livremente

Porque nos trabalhos copiados a classificação costuma ser melhor

Porque os professores não orientam na realização dos trabalhos

Porque se pode fazer um melhor trabalho com menos esforço

Porque os prazos para a realização dos trabalhos costuma ser curto

Porque a escola não nos informa das consequências do plágio

Pela facilidade que hoje existe de partilhar, copiar e

Nada importante    Pouco importante    Algo importante    Bastante importante    Muito importante

colar informação

Porque domino muito bem a Internet e tecnologias associadas

Porque já o fazia no Ensino Básico

#### IV - A tua opinião sobre o plágio em contexto escolar

Indica o teu grau de concordância para as seguintes afirmações sobre o plágio.

4.1 - O plágio contribui para o aumento dos conhecimentos científicos dos alunos. \*

Não concordo    Concordo parcialmente    Concordo    Concordo plenamente

4.2 - O plágio é uma prática que deveria ser eliminada das escolas porque é desonesta \*

Não concordo    Concordo parcialmente    Concordo    Concordo plenamente

4.3 - Os professores deveriam preocupar-se mais com esta prática do plágio. \*

Não concordo      Concordo parcialmente      Concordo      Concordo plenamente

|                       |                       |                       |                       |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|

4.4 - A prática de plágio ajuda a obter melhores classificações nas disciplinas \*

Não concordo      Concordo parcialmente      Concordo      Concordo plenamente

|                       |                       |                       |                       |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|

4.6 - Os professores devem ensinar os alunos a consultar e organizar informação seja de que fonte for: Internet, pesquisa bibliográfica, comunicação social, etc. \*

Não concordo      Concordo parcialmente      Concordo      Concordo plenamente

|                       |                       |                       |                       |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|

### V - Medidas para combater o plágio nos trabalhos escolares

Das questões seguintes assinala uma opção da escala, com a qual estejas mais de acordo.

5.1 - Os trabalhos plagiados deveriam ser anulados \*

1    2    3    4    5

---

Discordo Totalmente      Concordo Totalmente

---

5.2 - As escolas deveriam consciencializar toda a comunidade escolar sobre a problemática do plágio. \*

1 2 3 4 5

---

Discordo Totalmente      Concordo Totalmente

---

5.3 - O Ministério da Educação deveria tomar medidas para que o tema fosse debatido nas escolas. \*

1 2 3 4 5

---

Discordo Totalmente      Concordo Totalmente

---

5.4 - Os professores deveriam fornecer regras claras sobre a realização dos trabalhos. \*

1 2 3 4 5

---

Discordo Totalmente      Concordo Totalmente

---

5.5 - Os professores deveriam acompanhar a realização dos trabalhos. \*

1 2 3 4 5

---

Discordo Totalmente      Concordo Totalmente

---

5.6 - Os alunos plagiadores deveriam chumbar na disciplina onde cometem plágio. \*

1 2 3 4 5

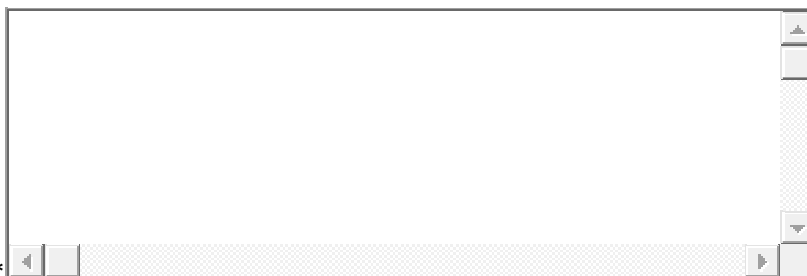
---

Discordo Totalmente      Concordo Totalmente

---

5.7 - Expressa a tua opinião sobre a prática de plágio nas

escolas. \*



**Obrigado pela participação!**

Podes enviar o inquérito.

Enviar

Tecnologia do [Google Docs](#)[Denunciar abuso](#) - [Termos de Utilização](#) - [Termos adicionais](#)

## Anexo 2

### Entrevista aos professores

- 1- Já ouviu falar em plágio académico?
- 2- Costuma ter casos de trabalhos plagiados da Internet ou de outras fontes?
- 3- Que costuma fazer quando se depara com uma situação dessas? (se responder que não na pergunta anterior, pergunto: e se tivesse o que faria?)
- 4- Acha que os professores se deveriam preocupar com esta prática?
- 5- Porque razão os alunos plagam os trabalhos?
- 6- Que tipo de alunos é que plagam mais os trabalhos?
- 7- Quais as medidas que a escola deveria adotar para combater o plágio?
- 8- A quem se deve atribuir mais responsabilidade na prática do plágio: aos alunos, aos professores, à escola ou aos encarregados de educação?

## Anexo 3

### Entrevistas aos Professores com as respostas

#### 1- Já ouviu falar em plágio acadêmico?

Professor 1: Sim.

Professor 2: Claro que sim, principalmente em teses de mestrado e de doutoramento e não só os trabalhos que os alunos do secundário muitas vezes nos entregam, são trabalhos que são retirados da net, ou então são cópias integrais de manuais ou de textos de apoio.

Professor 3: Sim várias vezes e em diferentes situações.

Professor 4: Já.

#### 2- Costuma ter casos de trabalhos plagiados da Internet ou de outras fontes?

Professor 1: Já aconteceu às vezes.

Professor 2: Sim costume, é perfeitamente normal.

Professor 3: Não com muita frequência, frases sim, que não seguem as devidas instruções, mas trabalhos completos não.

Professor 4: Costumo, quer em relatórios de atividades experimentais, quer nos projetos finais de cursos profissionais.

#### 3- Que costuma fazer quando se depara com uma situação dessas?

Professor 1: Tento que depois a apresentação do trabalho seja o mais pessoal possível.

Professor 2: Confronto o aluno e além de confrontar o aluno verifico sempre as fontes.

Professor 3: Faria uma coisa muito simples, chamava o aluno dizia-lhe e identificava-lhe que aquilo era plágio e teria que refazer novamente o trabalho.

Professor 4: Alertar o aluno, primeiro para o aluno ter a percepção do que é o plágio, muitas vezes eles cometem o plágio mas nem sabem o que é o plágio. Trazer exemplos de plágios, de trabalhos já plagiados e mostrar ao aluno como não fazer o plágio.

#### 4- Acha que os professores se deveriam preocupar com esta prática?

Professor 1: Sim.

Professor 2: Eu acho que sim.

Professor 3: Cada vez mais, e este tema deveria ser tratado nas aulas de formação cívica no sentido de alertar os alunos para esta situação, que é uma situação fraudulenta e que eles nunca deveriam caminhar por aí.

Professor 4: Claro que sim, um plágio é um crime não é. Então se nos estamos a educar e a fomentar a educação e a atribuir competências aos nossos alunos, essa é uma competência que

eles têm de ter, não plagiar. Tem que ir buscar as fontes, tem que trabalhar e fazer uma boa pesquisa bibliográfica não fazer cópias integrais de trabalhos. A quem diga que copiar um autor é plágio, copiar dois ou três autores é uma monografia não é, mas não é bem assim!

#### **5- Porque razão os alunos plagam os trabalhos?**

Professor 1: Penso que por um lado pela facilidade que tem hoje em dia de acesso a trabalhos na internet, e depois também há já trabalhos elaborados e concluídos.

Professor 2: Por falta de preparação na investigação e pela abundância de material que existe na Internet, o que lhes facilita bastante a realização dos mesmos.

Professor 3: Porque é o mais fácil é o óbvio.

Professor 4: Acho que muitos dos alunos que cometem o plágio, não sabem o que é o plágio nem quais as consequências de um plágio. E muitas deles porque também estão habituados desde cedo, à principal fonte de informação que muitas vezes não é fedigna que é a Internet e fazer o copy-paste, para eles é muito mais fácil, não é!

#### **6- Que tipo de alunos é que plagam mais os trabalhos?**

Professor 1: Todos os que tenham acesso, e todos eles praticamente tem acesso à internet, e se calhar até de todos os níveis desde o suficiente, os bons e até muito bons, por vezes têm e em termos de trabalhos têm essa tendência.

Professor 2: Sei lá, até sei não é, todos sem exceção, mas é caso raro isso acontecer. Mas normalmente são alunos com mais dificuldades e que têm níveis ou aos quais são atribuídos níveis inferiores, comparativamente com os restantes colegas. Por exemplo, alunos com notas de 10, 11, 12, o aluno de 14 já não faz tanto isso.

Professor 3: São os alunos que mais dificuldades tem às vezes com determinados temas e procuram o fácil, o óbvio e o óbvio não é debruçar-se e ir pesquisar, o óbvio é arranjar um trabalho feito e entregar. Mas isso no meu entender, não tem muito a ver com bons ou com maus alunos, tem a ver com formação de base.

Professor 4: De acordo até com as disciplinas, quase todos os alunos plagam trabalhos, alunos que para os quais se peça um trabalho de maior pesquisa, plagam ou totalmente ou parcialmente o trabalho. E é muito fácil de ver quando um aluno está a plagiar, basta retirar uma frase completa do trabalho e colocá-la num site de Navegador da Internet e ver que o trabalho é plagiado.

#### **7- Quais as medidas que a escola deveria adotar para combater o plágio?**

Professor 1: Exigir que o trabalho seja de facto pessoal e na elaboração do trabalho proibir e chamar à atenção de que não é aceite o plágio.

Professor 2: Sei lá, agora não me ocorre nada. Mas deveria atribuir um “X” por cento na avaliação, punir esses alunos, punir isto é na avaliação 5 ou 10 por cento, uma vez que esses trabalhos não foram elaborados por eles, pois o trabalho que eles tiveram foi sim senhor fazer uma pesquisa na net e copiar e fazer aquelas montagens, o copy-paste. Agora a escola também o poder controlar esse tipo de situações, não vejo que ela o consiga fazer. Acho que consegue controlar melhor o professor do que propriamente a escola, porque a escola não vai confrontar, quando falamos em escola é a direção, não vai confrontar aluno a aluno se ele plagiou se não plagiou, quando é o professor que tem de fazer esse trabalho e depois tem de dar esses dados à direção da escola.

Professor 3: As medidas que a escola deveria adotar para combater o plágio eram tão somente estas: cada vez mais e em todos os anos os alunos adotarem os guias de literacia, que já estão disponíveis na maioria das bibliotecas e que eles antes de iniciar qualquer trabalho se tiverem dúvidas como acontece no nosso agrupamento podem solicitar formação nas bibliotecas e essa formação é-lhes dada gratuitamente e são-lhes fornecidos os materiais e como devem mencionar, como é que devem identificar todas as situações, portanto no nosso agrupamento se as coisas fossem seguidas com normalidade isso estava fora de parte.

Professor 4: Eu acho que todos nós enquanto educadores e formadores temos estado a adotar essas estratégias, fazemos parte da escola e temos estado a adotar estratégias e medidas para lhes explicar o que é o plágio, e o que não se deve fazer, quando pedimos para fazerem um trabalho de investigação, a primeira coisa que fazemos é ensinar aos alunos como é que se faz uma recolha bibliográfica e como é que nós podemos retirar as principais ideias e colocá-las e aplicá-las ao nosso trabalho, é isso que é importante, não é. Eles não retiram as ideias, mas copiam as ideias dos outros, e nós podemos é retirar as ideias e aplicá-las ao nosso trabalho.

**8- A quem se deve atribuir mais responsabilidade na prática do plágio: aos alunos, aos professores, à escola ou aos encarregados de educação?**

Professor 1: Eu penso que é a todos um pouco, porque na orientação é assim quem orienta, portanto quem faz o pedido do trabalho tem que orientar o mais corretamente possível, a orientação, os objetivos, a finalidade do trabalho e depois no acompanhamento, quer por parte dos encarregados de educação quer por parte dos professores deve ser sempre vigiado e avaliado se existe ou não plágio e sempre que exista, obrigar a que deixe de existir a que seja feito de outra forma.

Professor 2: Aos alunos, em princípio serão sempre os alunos, pois são eles que fazem os trabalhos, a não ser que sejam incentivados pelos pais a praticarem o plágio.

Professor 3: À sociedade.

Professor 4: A responsabilidade é de todos, a educação parte de todos, vem de casa, é fomentada também pela escola e pelos professores. Todos nós enquanto educadores temos a nossa responsabilidade.